

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

EDSON RENATO NARDI

EPISÓDIOS LIMINARES E DE COMMUNITAS
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DE
SÃO PAULO: camisetas de formatura



ARARAQUARA – S.P.
2016

EDSON RENATO NARDI

**EPISÓDIOS LIMINARES E DE COMMUNITAS
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DE
SÃO PAULO: camisetas de formatura**

Trabalho de Conclusão de Tese de Doutorado, apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura

Orientador: Paula Ramos de Oliveira

ARARAQUARA – S.P.
2016

NARDI, Edson Renato

Episódios Liminares e de Communitas em uma escola pública do interior de São Paulo: camisetas de formatura / Edson Renato Nardi – 2016

61 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) –
Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Paula Ramos de Oliveira

Ritos de Passagem. 2. Eventos Liminares. 3. Communitas. I. Título.

EPISÓDIOS LIMINARES E DE COMMUNITAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DE SÃO PAULO **ÍTULO:** camisetas de formatura

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Escolar. Exemplar apresentado para exame de qualificação.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura.

Orientador: Paula Ramos de Oliveira

Data da defesa: 27/07/2016

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Paula Ramos de Oliveira
Universidade do Estado de São Paulo.

Membro Titular: Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia
Universidade de São Paulo.

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Cristina de Senzi Zancul
Universidade de São Paulo.

Membro Titular: Profa. Dr. Sérgio Kodato
Universidade de São Paulo.

Membro Titular: Prof. Dr. Ricardo Leite Camargo
Universidade de São Paulo.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

Dedico esta tese a todos (as) que compartilharam comigo um pouco de suas existências e afectos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Aristides e Iraci que me ensinaram a compreender que a sabedoria se adquire com um olhar atento para a vida e seus silenciosos ensinamentos; aos meus irmãos Osmar, Sérgio, Reginaldo, Marcelo, Anderson, Orivaldo e minha irmã Ditinha, seres humanos que me afetam e afetaram ao longo da estrada; a minha esposa e guerreira Andréia cujo ânimo e vontade de viver me inspiram sempre; as minhas filhas Natane e Jamile e ao meu filho Vitor Hugo, que com seu sorriso e apoio, ressignificam meus objetivos; aos meus alunos e alunas, que conseguem, sempre, tornar cada dia, um novo dia. Aos meus colegas de caminhada, que com sua singularidade, me mostram que há sempre algo novo a se aprender.

À minha orientadora Paula Ramos de Oliveira que, tal como o poeta Manoel de Barros, compreendeu a mais profunda filosofia que existe na pergunta de uma criança.

“De tudo isso, concluo que, para os indivíduos ou para os grupos, a vida social é um tipo de processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo, de *communitas* e estrutura, homogeneidade e diferenciação, igualdade e desigualdade.”

Victor Turner (1994, p.120)

RESUMO

Essa tese buscou investigar a eventual presença de rituais de passagem em uma escola pública do interior de São Paulo e, mais especificamente, no processo de construção e produção das vestimentas intituladas: camisetas de formatura. Para tanto, foi utilizado como fundamento epistemológico, as considerações e investigações sobre rituais de passagem emitidas pelos antropólogos Arnold Van Gennep e Victor Turner. O método utilizado foi eminentemente qualitativo e que se concretizou pela aplicação das técnicas de observação participante e pela aplicação de entrevistas semi-estruturadas. Da coleta e análise dos dados obtidos, concluiu-se que existem elementos envolvidos no processo de produção e construção dessas camisetas que nos autorizam a categorizá-los como liminares e que, nesse contexto, acontecem episódios esporádicos de *communitas*. No entanto, para que esses episódios ocorram, constatou-se que há a necessidade de uma conjuntura grupal, que crie condições favoráveis para seu surgimento.

Palavras – chave: Ritos de passagem. Liminalidade. Communitas. Escola. Camisetas de Formatura.

ABSTRACT

This thesis aimed to investigate the possible presence of rites of passage in a public school in the State of São Paulo and, more specifically, in the construction and production process of entitled garments: t-shirts graduation. Thus, it was used as an epistemological foundation, considerations and investigations of passage rituals issued by anthropologists Arnold Van Gennep and Victor Turner. The method used was eminently qualitative and that was achieved by applying participant observation techniques and the application of semi-structured interviews. The collection and analysis of data, it was concluded that there are elements involved in the production process and construction of these shirts that allow us to categorize them as liminality and that in this context happen sporadic communitas. However, for these episodes occur, it was found that there is a need for a group situation, to create favorable conditions for these episodes effectively occur..

Keywords: Ritual of passage. Liminality. Communitas. School. T-shirts.

LISTA DE FOTOS

Foto 1	Marinheiros do USS Adler usando camisetas na Primeira Guerra Mundial.	38
Foto 2	James Dean em cena do filme Juventude Transviada.	39
Foto 3	Camiseta com propaganda da Disney e o personagem Mickey Mouse.	40
Foto 4	Os atores principais da série Miami Vice e o personagem Sonny Crockett	41
Foto 5	Camiseta TShirtOS2.0.	41

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Esquema de um rito de iniciação	51
Gráfico 2	Os processos existentes no Ritual de Passagem.	61
Gráfico 3	O drama social em Victor Turner.	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Diferenças entre a liminaridade e o sistema de posições sociais.	71
-----------------	--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A RELEVÂNCIA DO BANAL	21
2.1 Meu envolvimento inicial com as camisetas de formatura	25
2.2 O uso de roupas pelo ser humano e o fenômeno da moda	27
2.3 Breve histórico sobre o surgimento, evolução e significados no uso das Camisetas	37
2.4 O peculiar na camiseta de formatura	44
3 BASES EPISTEMOLÓGICAS	48
3.1 As contribuições de Arnold Gennep para os Rituais de Passagem	48
3.2 As contribuições de Victor Turner	53
3.3 A Fase Liminal em Victor Turner	54
3.5 Drama Social	64
3.6 Os rituais na atualidade	66
3.7 Roupas e rituais em Van Gennep e Victor Turner	69
3.6 A importância dos rituais na escola	72
4 INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO	78
4.1 Local de realização da pesquisa	81
4.2 Critério utilizado para a seleção da escola	81
4.3 Perguntas que foram realizadas aos alunos	81
4.4 Perguntas que foram realizadas ao diretor da escola	82
4.5 Instrumentos para análise de dados	82
5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS	88
5.1 Bastidores que antecederam a coleta de dados	88
5.2 Coleta dos Dados	93
5.3 Análise dos Dados Coletados	95
6 CONCLUSÕES	112
REFERÊNCIAS	117

1. INTRODUÇÃO

Ao longo desta tese, tenho como tema das minhas investigações e considerações o fenômeno do ritual de passagem e a possibilidade do uso desse fenômeno para a compreensão de um objeto de estudo tipicamente contemporâneo: as camisetas utilizadas por alunos quando do término de seus estudos no ensino fundamental e médio.

Para apresentar minha introdução a respeito desse tema, buscarei dialogar com uma obra que situa a importância dele em tempos recentes e, logo depois, delineio de modo sucinto o caminho escolhido para esse percurso investigativo.

Inicialmente, devo informar que, no término do milênio, foi lançada uma obra muito interessante e que tinha como tema o objeto de estudo dessa tese. Refiro-me aos rituais de passagem. Seu autor, o professor Ronald L. Grimes, especialista no estudo dos rituais, buscou apresentar aos leitores de sua obra uma vasta série de sugestões de rituais que poderiam ser utilizados em momentos de alta importância simbólica e de transições sociais pelas quais passa o ser humano.

Ao fazer a introdução a respeito do tema escolhido, o autor relatou que sua origem se deu a partir do fato de que muitas pessoas e representantes de instituições o consultavam com o intuito de que fornecesse algum exemplo de ritual ou de rituais que pudessem ser utilizados por elas em ocasiões ou projetos específicos.

Grimes afirma em sua obra que, subjacente a esse pedido, existia por parte dos solicitantes a certeza da importância dos rituais na vida humana. Diante dessa hipótese, ao meditar sobre esses episódios e as justificativas para esse interesse pelos rituais de passagem, o autor concluiu que:

Quaisquer que sejam as razões, as duas últimas décadas passadas testemunharam um ressurgimento do interesse na construção de ritos de passagem. A intenção de inventar ou construir ritos é ousada, alguns poderão dizer arrogante. Mas sem constante reinvenção, nós provocamos desorientação. Sem ritos que engajem nossas imaginações, comunidades, e corpos, nós perdemos contato com os ritmos do curso da vida humana, assim como nos tornamos temporariamente desorientados sem os ritos sazonais e comemorativos que recriam nossas conexões ao mundo natural e o curso da história humana. (GRIMES, 2000, p. 3)

Fundamentado nessa e em outras afirmações, o autor dá à sua obra o título *Deeply Into The Bone* (profundamente no osso) e, ao fazê-lo, esclarece que o fez baseado em um debate que teve com um colega arqueólogo que dizia da importância de exames nos ossos humanos,

isso porque, por meio desses exames, seria possível ao arqueólogo ter acesso aos valores e práticas sociais de seu portador e que “ainda que nós imaginemos os ossos como privados, e profundamente interiores ao corpo do indivíduo, esse é também um elemento socialmente formado” (Idem, p. 7).

Baseando-se nesse fato, o autor faz uso metafórico dessa informação e conclui que o ritual de passagem possui função semelhante, seria uma espécie de medula, ou seja, aquilo que está mais profundamente incrustado em nossos ossos e, desse modo, seria aquilo que há de mais íntimo para fornecer informações sobre o indivíduo e sua respectiva cultura.

Ao lidar com essas considerações de Grimes, um problema se apresenta e esse se refere ao meu entendimento do que seja ritual ou, ainda, seu eventual anacronismo em sociedades ocidentais altamente industrializadas ou secularizadas.

Faço essa consideração porque, a princípio, para um leitor contemporâneo desse fenômeno, eu poderia estabelecer que, tal como na arqueologia, que tem seu olhar voltado para o passado, seria possível a nós, por meio do estudo dos rituais, conhecermos tão somente culturas que nos antecederam, isto porque o ritual de passagem estaria vinculado a outros povos e culturas que não a nossa, por demais secularizadas e, em tese, afastadas desse fenômeno cultural.

Essa referência ao secularismo é importante, visto que, enquanto particularidade da modernidade, tornou a existência do ritual algo distante da nossa realidade, ou mesmo impossível, diante da ambientação inóspita advinda dessa particularidade.

Dentre as muitas fontes que poderiam ser utilizadas para corroborar essa incredulidade frente ao ritual na contemporaneidade, considero que mereça destaque as contribuições de Max Weber e suas considerações sobre o desencantamento do mundo (1982). Nesse termo cunhado por Weber, temos a passagem do pensamento mítico racional para o pensamento científico.

Em Weber, temos a defesa de que, com o surgimento das formas de conhecimento amparadas pela observação empírica, o domínio tecnológico, ou, ainda, a impossibilidade da ciência vir a emitir visões de mundo (*Weltanschauung*), teríamos o cerceamento das condições para o surgimento do ritual, o que pode ser percebido nesse excerto:

[...] a tensão entre religião e conhecimento intelectual destaca-se com clareza sempre que o conhecimento racional, empírico, funcionou coerentemente através do desencantamento do mundo e sua transformação num mecanismo causal. A ciência encontra, então, pretensões de postulado ético de que o mundo é um cosmos ordenado por Deus e, portanto, significativo e eticamente orientado. Em princípio, a visão do mundo, tanto empírica quanto

matematicamente orientada, apresenta refutações a qualquer abordagem intelectual que, de alguma forma, exija um 'significado' para as ocorrências do mundo interior. (WEBER, 1982, p. 401)

Nesse mundo desencantado em que o princípio da causalidade reina, um significado para nossas práticas cotidianas, ou ainda nossa existência no mundo, passa a ser quimérica visto que o fornecimento dessa eventual significação está além do cálculo, da medida e da previsão científica.

Não bastasse isso, com o predomínio em nossa cultura ocidental dos valores e fundamentos investigativos da ciência, qualquer outra forma de conhecimento ou ação na realidade, se não se pautam pelo saber científico, carecem de crédito e eventual sustentabilidade em suas justificativas para sua manutenção no rol de nossas práticas corriqueiras.

Ora, é comum que consideremos a existência do ritual como um dos elementos que compõem o fenômeno religioso ou de nossas crenças e, como tal, estaria à mercê da exclusão oriunda do pensamento científico e do mundo desencantado citados por Weber. Exemplo dessa vinculação entre religião e ritual pode ser percebido em Durkheim, quando, ao analisar as características da religião, o filósofo conclui que ela:

[...] é um todo formado de partes: um sistema mais ou menos complexo de mitos, dogmas, ritos, cerimônias. Ora, um todo só pode ser definido em relação às partes que o formam. Portanto, é mais correto do ponto de vista metodológico procurar caracterizar os fenômenos elementares de que é formada toda religião, antes do sistema produzido pela sua união. (DURKHEIM, 1989, p. 67)

Na abordagem realizada por Durkheim, o rito não pode ser compreendido separadamente da religião e a religião não pode abdicar do rito para que possa se manifestar em sua complexidade característica.

Se me pautar por essa consideração realizada por Durkheim, fica patente a constatação de que a presença de ritos/religião em uma sociedade que se ampara pelos mecanismos explicativos da ciência estaria com seus dias contados, visto que a ciência trilha outro caminho explicativo da realidade e, ao fazê-lo, sepultaria fórmulas tradicionais milenares que se vinculam à situação do indivíduo em relação a sua sociedade e seu mundo.

Um modelo desse desdobramento negativo referente à manutenção dos ritos nessa configuração apresentada pode ser percebido, por exemplo, nas considerações de Borges (2013), que, ao investigar o fenômeno dos ritos na sociedade contemporânea, defende a tese

de que estaríamos realizando eventual “desritualização” na atualidade e que tal condição faz com que:

[...] com o declínio dos ritos de passagem e a conseqüente falta de compreensão do sagrado e seu significado sociocultural, os jovens de nossa sociedade contemporânea acabam criando seus próprios ritos de passagem numa confusão entre sua condição de transição entre a criança e o adulto. (BORGES, 2013, p. 21)

Merece destaque na abordagem de Borges a consideração de que os ritos funcionariam como mecanismo preventivo de episódios violentos e, ao serem extintos, os jovens são levados a criar seus próprios ritos. Assim, esses mecanismos costumeiros presentes no ritual de passagem, de adaptação à sociedade e sua estrutura existente perdem seus fundamentos e sua finalidade.

Contudo, se eu me pautar pela obra de Grimes, ao afirmar que os ritos, diferente da roda, sobrevivem precisamente porque necessitam ser constantemente reinventados ou reimaginados (GRIMES, 2000, p. 4), talvez eu me depare com uma outra possibilidade de interpretação da realidade: e essa seria a de que, mesmo com o eventual desencantamento do mundo, é possível estar acontecendo a criação e proliferação de novos rituais de passagem.

Com isso, a eventual essência humana presente no ritual não deveria ser somente encontrada e investigada em tribos e grupos há muito distantes de nossa realidade. Poderíamos investigar no presente, em nossas próprias instituições e hábitos, essas novas reformulações de nossa essência cultural e, por meio desse ato, captar aquilo que há de profundo na cultura humana na atualidade.

A partir desses aspectos introdutórios, considero-me agora em condições de delinear o que ocasionou esta pesquisa e os motivos que me levaram a aventá-la. Referente ao primeiro item, investigo um fenômeno que tem acontecido repetidamente no universo escolar, com o qual tenho tido contato enquanto professor da rede pública de ensino e analiso a possibilidade de que esse fenômeno possa ser visto como um ritual de passagem.

O fenômeno citado refere-se ao processo de seleção, produção e uso de camisetas de formatura, que compõem um hábito escolar contemporâneo nas escolas públicas brasileiras de se produzir uma camiseta especial, a ser usada por todos os alunos que irão se graduar de modo que estes sejam identificados a partir dessa condição especial. Esse hábito que, no passado, se caracterizava muitas vezes pela assinatura dos nomes dos alunos nas camisetas escolares convencionais ganha novos matizes nos anos recentes, pois a escolha das cores das camisetas, o estilo, as imagens a serem inseridas e as mensagens a serem impressas compõem

um fenômeno corriqueiro entre os alunos que estão prestes a se formar em determinado grau de ensino. Esta prática tem se desenvolvido, sobretudo, entre alunos das oitavas séries do ensino fundamental e alunos dos terceiros anos do ensino médio.

Dessas considerações, adveio a tese que fundamenta essa pesquisa, que pode ser sintetizada por meio dessa questão: Seria possível a existência de ritos em uma sociedade desencantada?

Da apresentação dessa questão, surgiram os objetivos dessa pesquisa e esses são: Estariam ocorrendo rituais de passagem em ambiente escolar na contemporaneidade? Caso esses rituais estejam ocorrendo, como eles se caracterizam?

Quanto a abordagem metodológica geral a ser utilizada, amparei-me em Prodanov (2011) na estruturação, compreensão e aplicação desse elemento em minha pesquisa:

Por método podemos entender o caminho, a forma, o modo de pensamento. É a forma de abordagem em nível de abstração dos fenômenos. É o conjunto de processos ou operações mentais empregados na pesquisa. Os métodos gerais ou de abordagem oferecem ao pesquisador normas genéricas destinadas a estabelecer uma ruptura entre objetivos científicos e não científicos (ou de senso comum) Esses métodos esclarecem os procedimentos lógicos que deverão ser seguidos no processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade. São, pois, métodos desenvolvidos a partir de elevado grau de abstração que possibilitam ao pesquisador decidir acerca do alcance de sua investigação, das regras de explicação dos fatos e da validade de suas generalizações (p. 26).

Nele, farei uso do clássico método utilizado em investigações qualitativas, criado por Karl Popper e intitulado Método Hipotético Dedutivo (KOCHE, 2011). Esse se caracteriza pela análise dos conhecimentos que temos a respeito de determinado objeto, o levantamento de uma pergunta a respeito desse objeto, a criação de hipóteses relativas a essa pergunta e, por fim, a tentativa de falseamento dessas hipóteses.

Especificamente nessa pesquisa, a pergunta refere-se ao conhecimento que temos a respeito dos rituais de passagem e a possibilidade de que esteja ocorrendo no espaço escolar. Serão apresentadas várias hipóteses para explicar o fenômeno que ocorre de modo a se tentar falsear essa possibilidade e, por fim, mediante a análise dos dados, verificar se a hipótese aventada se sustenta.

Para lidar adequadamente com essa proposta, esta tese foi estruturada da seguinte maneira:

A Seção I, intitulada “A Relevância do Banal”, trata especificamente da contextualização do meu objeto de estudo e como, paulatinamente, surgiu a tese que

fundamenta essa investigação. Para tanto, apresento algumas das principais teorias a respeito do uso de roupas, sua vinculação com a moda e como estas teorias poderiam explicar ao seu modo a existência das camisetas de formatura.

Ao fazer esse procedimento, apresento as várias hipóteses concorrentes para explicação desse fenômeno com o intuito de realizar o falseamento, tal como explanado nos aspectos metodológicos apresentados na introdução.

Devo dizer que essa seção foi aventada a partir das intervenções de outros pesquisadores que, ao debaterem minha proposta de pesquisa, em uma disciplina da pós-graduação voltada para esse fim (análise dos projetos de doutorado), mostraram-se surpresos, ou mesmo incrédulos, quanto à possibilidade de que um objeto aparentemente “irrelevante” poderia fornecer, mediante seu estudo, eventuais contribuições para a ciência/sociedade.

Considero que esses apontamentos críticos foram legítimos visto que, de fato, os usos de uma vestimenta, que já compõe o cotidiano das pessoas, aparentemente não teria nenhuma especificidade que a tornaria diferente das demais e, diante dessa consideração, fez-se necessário aprofundar as suas características próprias e que, eventualmente, caracteriam-na como um objeto singular e digno de investigação.

Somando-se a isso, ao analisar a investigação realizada por Borges (2013, p. 110), que embora tivesse como tema a investigação de rituais de passagem em uma escola, constata *en passant* a existência de produção das camisetas para a formatura dos alunos, mas, em nenhum momento, demonstra qualquer interesse ou eventual associação desse objeto como pertencente ao ritual de passagem.

Considerarei esses questionamentos emitidos na disciplina e a constatação verificada na dissertação de Borges muito oportunos, isso porque percebi que a minha experiência no contato com esse produto cultural necessitava de maior aprofundamento e que os detalhes específicos do processo de produção – que, a princípio tornam esse objeto único –, necessitavam de maiores esclarecimentos para o público em geral e para a sustentação adequada desta tese.

Já na segunda seção, intitulada “Bases Epistemológicas”, procuro apresentar os fundamentos epistemológicos de que faço uso para análise do fenômeno. Há de se dizer que utilizo como fundamentos a chamada antropologia social e, mais especificamente, a derivação desse movimento intitulada antropologia da experiência/performance, a qual tem nas produções do antropólogo britânico Victor Turner um de seus maiores expoentes.

Nessa seção, faço uso de uma análise histórica do desenvolvimento dessa corrente antropológica e, para isso, lido com as contribuições seminais de Arnold V. Genep e, logo

depois, trato das contribuições de Victor Turner e algumas de suas categorias de análise, tais como os conceitos de liminal/liminoide, drama social e, ainda, o conceito de *communitas*.

Quanto à terceira seção, nela discorro a respeito das técnicas que serão utilizadas para realização dessa investigação. Considero importante criar uma seção à parte para esse tema, posto que, por meio dele, demonstro o rigor necessário no uso dos instrumentos clássicos utilizados pela corrente epistemológica que faço uso e, por outro lado, esmiuço com cuidado as escolhas realizadas quanto ao local da pesquisa, indivíduos a serem investigados, a seleção das perguntas, entre outros.

Na quarta, e última seção, me dedico a analisar os dados coletados, a discussão e eventuais conclusões oriundas da análise desses dados.

Termino essa introdução considerando que, se nos pautarmos pelas produções que afirmam que o ritual de passagem é uma manifestação cultural importante para a sociedade, esta tese investigará a eventual existência de uma nova manifestação desse fenômeno na atualidade e o quanto essa nova manifestação, se realmente existente, carrega consigo certa originalidade e importância para a análise desse fenômeno.

A perspectiva investigativa que adoto inspira-se no autor que fundamenta as bases epistemológicas de minha pesquisa, o britânico Victor Turner, isso porque, ao tratar de suas descobertas no campo da antropologia, esclarece que “aquilo que para um ator que desempenha um papel específico parece insignificante, pode resultar altamente significativo para um observador ou analista do sistema total (TURNER, 1967, p. 30).

2. A RELEVÂNCIA DO BANAL

A escolha do título desta seção não se deu por acaso. Optei por fazer uso dele porque nele vislumbro aquilo que é vulgar, comum, ou ainda, sem interesse (ROCHA, 1996, p. 72). Foram essas as palavras que ouvia, vez ou outra, quando explicava o eventual questionamento formulado para mim a respeito do tema de minha pesquisa ou, ainda, o discurso facial que, silenciosamente, emitia tal julgamento quando o questionador temia ser por demais severo e demonstrar tácita e verbalmente menosprezo pelo tema por mim escolhido.

Quando expus minha proposta no primeiro semestre de 2014 em uma disciplina que tem por função debater os projetos de pesquisa de doutorado, apontamentos como esses se mostraram reincidentes e um desdobramento natural desse apontamento seria o de uma eventual falta de relevância acadêmica de uma proposta com esse objetivo.

Entretanto, lembro-me também de uma colega, doutoranda, que foi a única a defender a sustentação acadêmica do projeto e de suas referências, que a levaram a emitir o parecer positivo ao tema. Essas se assentavam nas memórias que possuía a respeito das reuniões intermináveis para a escolha da mensagem/imagem que de fato representaria os ideais de sua turma de formandos e a referência a sua filha que, após receber sua camiseta, guardou-a cuidadosamente em um local seguro para ter aquele objeto devidamente protegido.

Essa constatação foi oportuna, isso porque muitos dos apontamentos emitidos foram realizados por pessoas que não passaram por esse episódio e outros, por pessoas que, ainda que tenham passado por ele, viram-no como uma de nossas rotinas diárias, perfeitamente previsíveis e que, se questionadas, soariam um tanto quanto absurdas dado o fato de que era desprovida de originalidade, por demais comum ou trivial.

Até então, estabelecia como um dos focos principais de minha investigação a análise dos discursos imagéticos e textos discursivos presentes nas camisetas, por considerar que eles poderiam ser uma fonte interessante de informações a respeito de como os alunos viam a si mesmos, os outros e a sociedade por meio dos discursos apresentados nas camisetas de formatura.

No entanto, nos questionamentos apresentados, destacou-se, também, o fato de que já existiam produções semelhantes que buscavam analisar os discursos presentes em determinado grupo social e, dentre esses, destaco a produção de Maia (2010), que analisou o discurso presente em banheiros masculinos da UFBA (Universidade Federal da Bahia).

Quanto ao meu objeto de investigação, constatei também que as camisetas de formatura já tinham sido objeto de investigações com finalidades variadas. Dentre elas, cito a

investigação produzida por Maia e Gomes (2007), que investigaram os diferentes gêneros discursivos presentes nas camisetas, e a dissertação de mestrado produzida por Maia (2012), que analisou, por meio das múltiplas tipologias textuais presentes nas camisetas, as representações que os alunos possuem a respeito do último ano do Ensino Médio.

Ao lidar com esse fato, conjecturei que minha investigação traria, certamente, contribuições para dar voz e informações a respeito dos alunos e de suas visões sobre o mundo e das coisas. No entanto, percebi que os estudos citados anteriormente, ao seu modo, lidavam direta ou indiretamente com essa possibilidade.

Diante dessa constatação, considerei que a grande “sacada” investigativa não estaria em se investigar o que o aluno dizia, mas por que ele realizava esse processo de construção do objeto discursivo que se apresentava na camiseta de formatura.

Ao meditar a esse respeito, uma intuição investigativa surgiu. Ao tratar de alguns aspectos que estão interligados à produção das camisetas, tais como os de mudança do status do aluno, simbolização de um momento específico da vida, repetição de um ato que envolve o uso de determinados símbolos e procedimentos, configuraram-se diante de mim alguns elementos que, até então, compunham minhas leituras anteriores dentro da área da antropologia e, mais especificamente, as produções que tratavam dos rituais de passagem.

Diante desse elemento intuitivo, procurei refazer algumas das leituras e fichamentos que havia feito e, ao fazê-lo, constatei a pertinência da hipótese de associação entre os processos de construção da camiseta e os existentes na antropologia e que tratam do fenômeno dos rituais de passagem. Logo depois, constatei a originalidade dessa proposta de investigação também dentro do âmbito da antropologia.

O estranhamento frente a essa possibilidade também se sustenta nas investigações que realizei a respeito de produções que tratam desse tema, pois, ao analisar produções que tratam de rituais de passagem na escola, foi possível constatar as referências aos ritos escolares associados às festas realizadas na escola (IWAYA, 2000; BERGAMASCO, 2009; SILVA; CAMPOS, 2011; BORGES, 2013), às práticas de ensino (HANDFAS; TEIXEIRA, 2007), à convivência escolar (ALMEIDA, 2013; BORGES, 2013), ao acolhimento dos alunos (SILVA; GOMES, 2013), a jogos e eventos esportivos (MEDEIROS et al, 2012), às cerimônias de formatura (IWAYA, 2000; BORGES, 2013) e ao trote (BORGES, 2013) e, em meio a esse conjunto temático, nenhuma referência às camisetas de formatura.

Especificamente na obra de Borges (2013), constatei ainda que, embora esse pesquisador cite a existência das camisetas de formatura na escola investigada, ele não realiza associação entre o uniforme escolar e os ritos escolares (2013, p. 93). O mesmo caminho é

realizado por Iwaia (2000, p. 90), ao se reportar ao uniforme escolar como elemento representativo do ritual, ou seja, os uniformes costumeiramente usados pelos alunos em detrimento daquele criado em uma ocasião especial, tal como o que ocorre na produção da camiseta de formatura.

Especificamente em relação ao trabalho de Iwaya, há de se dizer que a pesquisadora se ampara nas considerações de Damatta (1997, p. 60), quando este autor faz referência aos uniformes militares utilizados em paradas cívicas e às fantasias utilizadas no Carnaval como elementos representativos do ritual.

Considero de fundamental importância esse aspecto, uma vez que, em Damatta, o uso das vestimentas comuns a várias pessoas é utilizado para homogeneizar momentaneamente¹, em dado período específico do tempo, determinado público e, em contrapartida, nas escolas, os uniformes escolares são utilizados para homogeneizar, a todo o momento, os alunos que se encontram dentro dela.

A produção que mais se aproximou dessa possibilidade foi a realizada por Rios (2010, p. 49), que defendeu a relação entre as camisetas e o ritual de formatura, ao afirmar que:

A formatura não está mais só associada aos símbolos tradicionais como a beca, a toga, o convite e o diploma. Camisetas e blogs como estes reproduzidas acima são elementos que hoje compõem o processo que caracteriza o ritual de formatura.

Contudo, a referência a esse objeto e a essa possibilidade ocorreu, tão somente, duas vezes ao longo de toda a dissertação e, em nenhum momento, a autora se dedicou a investigar ou sustentar academicamente essa afirmação, limitando-se a realizar a asserção citada.

Em nível internacional, existiram várias produções que investigaram a presença de rituais escolares dentro do espaço escolar e, nesse sentido, merece destaque um clássico a respeito desse tema. Refiro-me ao trabalho etnográfico desenvolvido pela pesquisadora Jacquetta Hill Burnett (1968), que, no período de 1960 a 1961, investigou a presença de rituais de passagem em eventos escolares e a defesa de sua importância para analisarmos instituições urbanas contemporâneas. No entanto, mais uma vez, o meu objeto de investigação não está presente em suas considerações.

¹ É importante que se destaque que, em relação aos uniformes militares, becas e outras vestimentas que denotam posição social, os indivíduos são homogeneizados, segundo DaMatta, de acordo com sua posição, igualando e corporificando e, por outro lado, com o uso da fantasia, há a distinção e revelação, isto porque as pessoas que participam do carnaval podem escolher a fantasia que consideram mais interessante.

Ainda referente a esse tema, é digno de menção, para o meu objeto de estudo, a pesquisa realizada por Cox e Dittmar (1995). Nela, os pesquisadores investigaram como estudantes ingleses escolhem as roupas a partir de suas funções e respectivas relações de satisfação ou insatisfação, tendo como elemento comparativo o gênero dos estudantes. Os autores investigam a utilização das roupas de modo geral e o mesmo não acontece com uma vestimenta específica.

Ao lidar com essas produções científicas e as considerações emitidas pelos meus pares, após muitas reflexões a respeito, percebi que teria de demonstrar de modo sólido e bem sustentado o que, de fato, está presente no processo de produção dessas camisetas que poderiam diferenciá-las dos demais produtos presentes no cotidiano escolar, ou, ainda, das demais vestimentas costumeiramente usadas pelos alunos na escola ou fora dela. A partir daí, surgiu a necessidade de uma seção específica para esse fim.

O primeiro passo será apresentar um breve histórico de meu contato com as camisetas e os primeiros *insights* que me levaram a propor esse caminho investigativo. Logo depois, apresento algumas teorias a respeito de como a produção e o consumo de roupas são interpretados em várias áreas de conhecimento voltadas a esse tema.

Logo a seguir, apresento um resgate histórico dessa peça de vestuário e seus desdobramentos ao longo do tempo. Essa escolha se deu em razão de que, conforme veremos, as camisetas possuem uma especificidade própria e rica na história do vestuário e, portanto, merecem ser investigadas.

Feito esse resgate histórico, apresento várias abordagens possíveis para se entender o fenômeno do uso das camisetas em suas diversas modalidades, isso porque, como se trata de uma nova vestimenta, oriunda de um momento específico de nossa sociedade, traz consigo novas possibilidades de interpretação a seu respeito.

Por fim, descrevi os processos envolvidos na construção e produção das camisetas de formatura, por meio da análise das entrevistas realizadas, e o que esses processos podem eventualmente fazer para que ela se diferencie das demais camisetas existentes em nossa sociedade ou das demais práticas escolares.

Termino essa síntese esclarecendo, antecipadamente, um aspecto que talvez gere questionamento. Refiro-me à utilização de outros referenciais epistemológicos para se interpretar o fenômeno das roupas e das camisetas.

Optei por apresentá-los com o intuito de que o leitor possa se apossar das explicações já existentes e, por meio dessa posse, analisar se a particularidade do meu objeto de estudo poderia, de fato, ser compreendida por meio de uma dessas explicações. Logo depois, trato de

apresentar a interpretação desse objeto tendo como fundamento a teoria que fundamenta minha investigação.

2.1 Meu envolvimento inicial com as camisetas de formatura

O meu histórico de contato com esse objeto e um olhar mais atento endereçado a ele iniciou alguns de seus delineamentos em meados de 2007. Naquela oportunidade, estava envolvido em uma pesquisa que se realizou por meio de um projeto de investigação científica oferecido pelo Observatório da Violência da USP de Ribeirão Preto, destinado a professores da rede pública de ensino e que visava investigar as condutas docentes diante de episódios violentos existentes no espaço escolar.

À medida que me dedicava a realizar essa pesquisa, fazia uso de vários instrumentos de pesquisa e um desses, manifestado no exercício da observação participante, apresentou uma prática cotidiana presente no ambiente escolar que, segundo minha análise, certamente poderia vir a ser um tema de pesquisa futura.

Naquele momento, minha atenção se voltou para uma curiosa negociação que se realizou entre o corpo gestor escolar e representantes discentes e que tinha por tema a eleição e produção de camisetas de formatura para os alunos pertencentes ao terceiro ano do Ensino Médio, no período diurno.

A negociação que lá se realizava tinha como objetivo definir se a frase selecionada, mediante votação pelo grupo de alunos daquela série, poderia ser utilizada ou não, pois o autor da frase escolhida realizou uma paródia com a máxima socrática “Sei que nada sei”, inserindo o arremate “e continuo não sabendo”.

Na análise do diretor da escola, que atuava à época, essa frase afrontava negativamente a escola, visto que, segundo sua análise, afirmava tacitamente que o aluno não havia aprendido nada ao longo de seu processo de escolarização. A camiseta não foi aprovada, e os alunos não puderam produzi-la com a frase escolhida.

Tal situação me levou a meditar sobre as relações de poder que existem na escola e possíveis práticas heteronímicas ou autônomas que se desenvolvem dentro do espaço escolar, mas, como meu foco de pesquisa era outro, deixei em suspenso qualquer possibilidade voltada para esse tema.

Mais recentemente, em meados de 2009, quando já me encontrava produzindo o texto que seria minha dissertação de mestrado, lidei novamente com tal assunto, pois fui questionado pelos alunos da escola pública onde atuava profissionalmente se teria ou não

interesse pela aquisição da camiseta de formatura produzida por aqueles que, naquele ano, concluiriam sua graduação no Ensino Médio.

O fato insólito referente a essa abordagem realizada pelos alunos não se deu especificamente em relação ao convite, mas em relação ao produto que eles me apresentavam, na medida em que este se revestia de uma originalidade discursiva e de um discurso social que certamente mereceria alguma ação investigatória.

Esta citada originalidade discursiva se manifestou na escolha das referências que faziam uso e no discurso que foi selecionado para ser aplicado naquele produto. Baseados em um personagem cômico presente na mídia televisiva que se intitulava “Chapolin Colorado”, optaram por uma frase que, em minha análise, trazia consigo uma série de interpretações críticas.

Na parte superior da referida camiseta, havia sido impressa a frase: “duvidaram da nossa inteligência” e, na parte inferior, o arremate desta primeira afirmação, sintetizado em outra frase: “suspeitei desde o princípio”.

Em uma análise preliminar, sem a necessária investigação junto aos alunos, não é preciso que me dedique muito na análise dessas frases, pois, de imediato, é pertinente a possibilidade da existência de alguns traços de ironia e críticas veladas que podem ser endereçadas a vários atores presentes dentro do processo educativo. Há de se dizer que, por se basear em um personagem cômico, a referida camiseta foi aprovada.

À medida que comecei a olhar mais atentamente para esse processo, pude perceber que ele não ocorria tão somente na escola onde atuava profissionalmente. Isso porque, ao questionar profissionais que atuavam em outras escolas e em outras cidades², constatei que esse já era um hábito arraigado não somente em escolas públicas, como também em escolas particulares.

Pelos professores que atuavam há mais tempo na escola, a respeito dessas camisetas, fui informado também que, no passado, era comum os alunos formandos assinarem as camisetas/uniformes de seus colegas de modo que esses pudessem guardar uma recordação da turma, e que a produção específica de uma camiseta para representar uma determinada turma

² Esse questionamento pôde ocorrer devido a minha atuação como professor coordenador da oficina pedagógica. Esse era um cargo de caráter pedagógico que me permitia, por meio de capacitações realizadas pelo governo do estado de São Paulo, ter contato com outros profissionais dessa mesma função e professores da rede pública de ensino que atuavam em escolas públicas do estado de São Paulo. Muitos desses professores, inclusive, iam munidos com essas camisetas produzidas pelos alunos das séries que ministravam aulas.

havia sido detectada em meados da década de 90 do século XX, quando alunos formandos do magistério³ produziram um uniforme específico representativo do grupo.

Mais recentemente, ao exercitar um papel educativo diferente, o de gestor de um programa intitulado Escola da Família⁴, deparei-me novamente com uma experiência peculiar frente ao meu objeto de estudo.

Tínhamos um aluno na oitava série do ensino fundamental que, desde criança, apresentava sinais de incontinência fecal e, nessa condição, era constantemente ridicularizado e afastado dos demais da sala quando apresentava essa anomalia.

A princípio, considerava que essa condição o deixasse pouco disposto a se apropriar da camiseta de formatura da turma, visto que sofria episódios de assédio moral em seu cotidiano escolar. No entanto, sua mãe me procurou para relatar um dilema em que se encontrava, isso porque seu filho havia pedido a ela para que comprasse uma camiseta da turma, enquanto essa mãe considerava mais importante a necessidade de um tênis para seu aluno.

Ao questionar a mãe a respeito de qual deveria ser a prioridade dela, sugeri que ela perguntasse ao seu filho o que ele desejaria, um tênis novo ou a referida camiseta, e a decisão dele foi amplamente voltada para a camiseta.

A resposta dada por esse aluno acentuou a necessidade da investigação desse objeto, visto que ele abdicava de um objeto de *status* e desejo, costumeiramente ambicionado por jovens em sua faixa etária e optava por um objeto que o inserisse como um igual, por meio da vestimenta, aos demais alunos da sala de aula.

Fundamentado nesses elementos, considero que, por meio deles, é possível aventar a necessidade de sua investigação.

2.2 O uso de roupas pelo ser humano e o fenômeno da moda

Considero conveniente iniciar este tópico tecendo algumas considerações gerais sobre as roupas e sua relação com as necessidades humanas. É fato que as roupas se tornaram um traço que nos distingue dos demais animais; no entanto, é notório também que a escolha das

³ A escola onde atuo oferecia a formação para o magistério em nível médio. O curso de magistério de nível médio foi condenado à extinção pela Resolução CNE/CP 1/1999 e Decreto nº 3.276/99.

⁴ É um programa instituído pela secretaria de estado da educação do governo do estado de São Paulo. Nele, faz-se uso de educadores universitários e voluntários para se oferecer a oportunidade de que a comunidade escolar possa realizar atividades de lazer e culturais no fim de semana. É atribuída a um gestor em cada escola a função de acompanhar o funcionamento, organização e avaliação do programa.

roupas, materiais, ou ainda o estilo a ser utilizado não seguem tão somente meras necessidades ambientais.

Esse aspecto é importante porque muitas das objeções para a eventual defesa das camisetas como manifestação dos ritos de passagem advêm exatamente dos julgamentos que realizamos na atualidade a respeito dos motivos que nos levam a nos vestir desse ou daquele modo e, sobretudo, consumir roupas de forma exponencial.

Devido a esse fato, pretendo expor, a seguir, alguns dos motivos apresentados para se justificar o consumo de roupas na atualidade.

Esses motivos, conforme veremos, seguem explicações as mais variadas e, ao realizar uma pesquisa a respeito desse tema, pude constatar, já em 1930, um texto a esse respeito emitido por William H. Dooley. Em uma obra intitulada *Clothing and Style* (ano da publicação), o autor apresenta considerações variadas sobre esse objeto, pois, como representante da cultura americana (cultura essa que criará as camisetas), soube se antecipar a muitas das reflexões que fazemos a esse respeito na sociedade ocidental atualmente.

Em um capítulo intitulado *Trajes Históricos e Periódicos*, ao tratar dos fundamentos que levam as pessoas a se vestirem desse ou daquele modo, o autor considera que essas causas podem advir de “(1) tendências naturais – o desejo de imitar (2) busca pela novidade, etc. – o desejo de distinção, (3) política. (4) religião. (5) condições sociais e (6) geográficas” (DOOLEY, 1930, p. 82)

Especificamente em relação às nossas tendências naturais, o autor apresenta a hipótese de que nos vestimos estimulados pela *imitação*:

Uma vez que há uma tendência em nós para a imitação, é natural que nós devamos imitar em linhas gerais as roupas das pessoas que nos associamos mais ou menos [...] cada nacionalidade tem um padrão de roupas usualmente dominada pelo líder daquela classe. (DOOLEY, 1930, p. 82)

O autor nos traz informações corriqueiras sobre esse tema, é fato que a imitação está presente em nossa escolha das vestimentas ou, ainda, na vinculação à classe social do indivíduo.

Logo depois, Dooley apresenta a afirmação de que também escolhemos nossas roupas baseados em nosso *autointeresse*, pois, para o autor, “em muitos de nós há um variado desejo de aparentar vantagem nos olhos de nossos amigos e companheiros homens e, assim de novo, sua aprovação. Esse desejo, foi, é hoje e sempre será uma parte da natureza humana.” (DOOLEY, 1930, p. 83).

Considero esse trecho de especial importância, posto que, antes mesmo da explosão do consumo de roupas que possuímos na atualidade, Dooley já apresentava o uso da vestimenta como mecanismo de afirmação social. Nesse sentido, soa de certo modo premonitória frente aos tempos atuais a informação do uso das roupas enquanto instrumento de *emulação social*:

A história dos hábitos nos mostra que a proteção dos elementos não foi a única razão para as roupas. O desejo da natureza humana para receber a aprovação de seu vizinho quase sempre é tão grande a ponto de causar um a tentar superar o outro companheiro homem na vestimenta, é responsável hoje por muitas mudanças no traje ou moda. O desejo por atenção e reconhecimento de nossa superioridade domina nossas vidas a ponto de causar em nós o desejo de roupas que nos proporcione dignidade e individualidade. (DOOLEY, 1930, p. 83, tradução minha).

Quando me deparei com esse trecho, conjecturei que as imagens de jovens consumindo roupas que viessem a proporcionar individualidade ou exclusividade são lugar comum no ocidente, e o autor, a partir dessas considerações, já se antecipava em algumas décadas ao fenômeno cada vez mais crescente que temos atualmente.

Mais à frente, Dooley aborda as escolhas das roupas baseadas em nossa:

- Personalidade: ou seja, nossos traços de personalidade determinariam nossas escolhas.
- Modéstia/Religião: nesse item, temos referência aos valores morais que estabelecem quais seriam as roupas adequadas e prescritas, em especial, pela religião, ou seja, existe uma delimitação antecipada daquilo que a pessoa pode ou não vestir e, além disso, realiza-se um julgamento moral a partir dessas escolhas.
- Gosto estético: nossas escolhas se baseiam nos critérios de beleza que julgamos interessantes para nós.
- Influência política: a existência de determinado ideário político pode favorecer a escolha desta ou daquela vestimenta. Nesse aspecto, merece atenção a afirmação do autor de que somos instados a nos vestir como a nobreza ou elite política e que o aprimoramento dos mecanismos técnicos de produção favoreceu essa possibilidade.
- Influência social: a forma como a sociedade é organizada pode influir no modo como as pessoas ou grupos sociais devem se vestir.
- Influência geográfica: a geografia da região pode influir no clima e essa influência intervém no tipo de roupa e nos estilos a serem utilizados.

- Influência comercial: esse item também possui aspectos muito pertinentes para a atualidade, pois nele o autor advoga que o interesse do mercado (estilistas, empresários, manufaturas etc.) em aumentar o volume de negócios e, conseqüentemente, novos estilos gera a seguinte situação: “a prosperidade de um grupo de pessoas torna a extravagância possível, isso, por sua vez, permite novos desejos, por novas linhas ou estilos, novas cores, e novos materiais.” (1930, p. 88).

Quanto às produções contemporâneas sobre esse tema, essas se dão, sobretudo, na área da sociologia e são investigadas na subárea intitulada Sociologia do Consumo ou, mais recentemente, pela Sociologia da Moda (HELLMANN, 2009). Tal é a variedade de produções sobre esse tema que é possível encontrarmos também o neologismo *Fashion-ology* (KAWAMURA, 2005). Vejamos como a autora define essa área:

Fashion-logia é um estudo da moda. Não é nem o estudo de vestir-se nem o estudo do vestuário, o que significa que os dois, moda e vestido / roupa, são conceitos diferentes e entidades que podem ser ou devem ser estudados separadamente. Fashion-logia é uma investigação sociológica da moda, e trata de forma como um sistema de instituições que produz o conceito bem como o fenômeno / prática de moda. Semelhante à sociologia da arte que estuda as práticas e instituições de produção artística, Fashion-logia também está preocupado com o processo de produção social da crença na moda que existe na mente das pessoas, e que começa a ter uma substância e vida própria. Itens de vestuário devem passar pelo processo de transformação para ser rotulado como moda. (KAWAMURA, 2005, p. 1, tradução minha).

Embora tenha claro que, ao me pautar pela Sociologia da Moda ou pela *Fashion-ology*, eu corra o risco de estreitar a minha análise das teorias explicativas sobre esse fenômeno, há de se dizer que as obras de Hellmann e Kawamura seguem caminhos semelhantes aos apresentados por Dooley, uma vez que apresentam um resgate explicativo sobre o surgimento desse fenômeno, não somente se restringindo à contemporaneidade. Para ilustrar essa afirmação, vejamos a consideração de Kawamura (2005, p. 19, tradução minha):

O discurso clássico da moda é classificado de acordo com as abordagens teóricas de seus escritores que envolvem preocupações sobrepostas embora as ênfases sejam diferentes. Embora todos eles se relacionem de algum modo ao conceito de imitação, alguns tratam-na como um sinal de sociedade democrática e outros usam-na como uma expressão de distinção de classe. Embora nenhum dos escritores clássicos usem o termo ‘teoria de gotejamento’, sua premissa básica é que as modas estão supostamente a escorrer por entre as classes mais altas para as classes mais baixas. Muitos escritores contemporâneos opõem-se a essa visão, e eles argumentam que a moda não é um produto da diferenciação de classe e de emulação, mas uma

resposta a um desejo de estar em dia e para expressar novos gostos que estão surgindo em um mundo em mudança.

Percebem-se, nessas considerações, vários elementos já citados nas considerações de Dooley. Nesse momento, apresentarei agora algumas das teorias sociológicas que tratam do fenômeno do consumo e, mais especificamente, de roupas/moda.

Imitação: essa teoria explicativa tem como seu principal representante Herbert Spencer e Thorsten Veblen. De modo geral, nessa teoria temos “uma visão de cima, uma vez que pressupõe que os socialmente inferiores invejam os superiores e se envolvem em atividades imitativas para emular seus 'superiores' [...] (KAWAMURA, 2005, p. 20, tradução minha). Exemplo dessa visão pode ser percebida nas considerações a seguir:

Para obter e conservar a consideração alheia não é bastante que o homem tenha simplesmente riqueza ou poder. É preciso que ele patenteie tal riqueza ou poder aos olhos de todos, porque sem prova patente não lhe dão os outros tal consideração. Não só serve a prova de riqueza para acentuar a importância do indivíduo aos olhos dos outros, conservando sempre vivo e atento o sentido que têm dela, como também tal prova é igualmente útil na criação e preservação da satisfação própria. (VEBLEN, 1980, p. 33, tradução minha).

Se compararmos apenas essa teoria explicativa e aplicá-la ao meu objeto de estudo, poderia apresentar a possibilidade de os alunos produzirem essas camisetas com o intuito de imitar procedimento semelhante realizado por alunos de nível socioeconômico superior.

Para verificar essa hipótese, teria que constatar, por meio dos dados a serem obtidos, que há uma referência a esses grupos de estratos superiores que inspirariam esse tipo de ação na escola.

Identidade social: nessa proposta lido com as considerações de Georg Simmel. Há uma proximidade muito grande entre as ideias de Simmel e Veblen na medida em que o primeiro reconhece a existência do processo de imitação; no entanto, esse mesmo processo proporciona, também, a distinção porque, tão logo as classes mais elevadas são imitadas, adotam a moda para se diferenciarem novamente das classes baixas e, ao fazê-lo, criam uma identidade por meio das roupas que estão utilizando. Nesse sentido, temos a seguinte conclusão a respeito das ideias de Simmel:

Em síntese, para Simmel a moda é uma forma de imitação e, portanto, de equalização social. Todavia, suas incessantes mudanças paradoxalmente diferenciam uma época histórica de outra e um estrato social de outro. A combinação entre imitação e diferenciação por meio da mudança é que permite afirmar que o tema central de uma Sociologia da moda para Simmel

seja a construção da identidade social. (HILLMANN, 2009, p. 56, tradução minha)

Se me pauto somente pela proposta de Simmel, temos as mesmas considerações referentes à fonte do estrato social superior que gerou a imitação e, além disso, tenho de lidar, também, com a distinção promovida pelas camisetas dos formandos. Essas distinções ocasionariam a identificação com o grupo e, por outro lado, diferenciariam o seu grupo dos demais grupos existentes na escola.

Um aspecto interessante também proposto por Simmel é o de que, se há alguém que se recusa a aderir a uma moda, a distinção social também aí ocorre, ou seja, o indivíduo adquire identidade negando a eventual criação de identidade oriunda do grupo.

Costume Social: nesta abordagem, considero que exista muita semelhança às considerações de Dooley sobre a influência social e os costumes, e o principal expoente dessa proposta se apresenta nas considerações de Willian G. Sumner (KAWAMURA, 2005, p. 23).

Nela temos aquilo que Sumner intitula de *folkways*, termo que se refere aos costumes e hábitos existentes em determinada cultura ou povo. Trata-se das tradições permanentes que utilizamos ao longo dos anos. Um pesquisador que segue a proposta de Sumner, o também americano Toennies, usa o termo “vontade social” para se referir ao nosso culto às tradições, advindos de nossas práticas cotidianas, e estas chegariam a atuar como uma espécie de lei não escrita de comportamento humano.

Por meio dos costumes, sabemos quais roupas são mais “adequadas” a homens e mulheres no que diz respeito à posição hierárquica na estrutura social existente, pois “a roupa é usada para legitimar a posição do usuário nas identificações simbólicas com as tradições já poderosas em sua sociedade.” (KAWAMURA, 2005, p. 25, tradução minha).

Se as camisetas de formatura advêm do costume social existente, para ser detectada tal possibilidade, o usuário deverá se manifestar a respeito dela informando que a produz e faz uso dela porque esse procedimento seria um costume arraigado, comporia a tradição do grupo e ele somente segue essa mesma tradição.

Distinção social: nesse item, temos como referência a produção do sociólogo Pierre Bourdieu e as investigações que realizou na chamada sociologia da cultura (HILLMANN, 2009, p. 57). Segundo Hillmann, Bourdieu traz considerações interessantes ao tratar de algo que o marxismo tradicional não havia lidado: o consumo de bens culturais.

Bem, e como Bourdieu analisa esse fenômeno? Inicialmente, ao investigar a estrutura vigente nas *maisons* de moda, detecta uma estrutura de vinculação à determinada casa que já possui tradição no meio para que outros que se aventam a produzir moda também possam fazê-lo com autoridade, ou seja, é preciso a associação a alguma pessoa tida como autoridade na área para que o pretendente possa ter sucesso em seu processo de afirmação artístico/profissional na área da alta costura.

Um conceito central na proposta de Bourdieu é o de transubstanciação simbólica e esse consiste na mudança do status simbólico de um objeto tendo como ponto de partida para essa mudança o olhar que é endereçado a ele pela classe dominante. Dito de outro modo, o valor de um objeto é definido pelo critério valorativo de uma determinada elite.

Enquanto na transubstanciação física celebrada pelos textos bíblicos, temos a mudança qualitativa do pão e vinho, na transubstanciação simbólica, temos a mudança qualitativa de uma roupa que, a princípio, poderia ser considerada como desprovida de valor para uma roupa *fashion*.

Essas considerações são demasiado atuais, visto que, em minha experiência empírica/cotidiana com o tema, é possível perceber a todo o momento a estratégia de empresas de propaganda que buscam dar valor às suas roupas na medida em que ela é usada ou desejada por pessoas que compõem a elite.

Por meio desse processo, mantêm-se a reprodução de capital e a estrutura de classes, pois se encontra nas mãos da elite o poder de valorar esse ou aquele objeto, posto que esse processo de valoração é sempre descendente, cabendo ao desprovido desse poder de julgamento sorver daquilo que é produzido pela classe dominante. Ao se manter esse processo:

Configurar-se-ia uma ‘dialética distinção-pretensão’, ou seja, uma corrida de perseguição entre as classes que implicaria o reconhecimento dos mesmos objetivos por todas as classes em jogo. Trata-se de uma concorrência que seria a forma mais atenuada da luta de classes. (MICHETTI apud HILLMANN, 2009, p. 62, tradução minha).

Cabe dizer que esse processo não se aplica tão somente à roupa da moda que será utilizada na próxima estação – esse processo pode ser percebido, inclusive, em roupas que usamos em nosso cotidiano.

Um exemplo dessa constatação refere-se aos uniformes de trabalho. Em pesquisa realizada a respeito das produções que tratam dessa relação vestimenta/transubstanciação, destaco a tese de doutorado produzida por Rita de Cássia Pereira Farias (2010).

Essa pesquisadora, ao investigar o uso de uniformes pelos funcionários da Usiminas, no município de Ipatinga, Minas Gerais, detectou esse processo de transubstanciação que fez com que um uniforme, aparentemente considerado como símbolo de domesticação e submissão, passasse a compor objeto de desejo e status.

Desses elementos referentes a Bourdieu e à pesquisa de Farias, detecto a possibilidade de se considerar, hipoteticamente, que a camiseta de formatura demonstraria um certo capital cultural⁵ em sua faceta informalmente⁶ institucionalizada e que, naturalmente, esse capital cultural acabaria sendo visto positivamente pela classe dominante.

Faço essa ilação porque, ao fazer uso da camiseta, o aluno demonstra que galgou, com sucesso, um patamar específico no processo de aquisição de conhecimento, fazendo com que o indivíduo se distinga, positivamente, dos demais colegas de outras séries e, além disso, a camiseta torna-se um atestado “ambulante” dessa conquista, uma vez que, enquanto vestimenta, pode ser apresentada para a sociedade em outros meios que não somente os restritos à escola.

Para finalizar momentaneamente essa explicitação das teorias a respeito do uso de roupas e sua relação com a moda, considero importante, para sintetizar as reflexões e considerações realizadas, apresentar as conclusões de Hillmann a esse respeito:

A conclusão mais importante deste estudo é a de que o motor da moda continua sendo a busca pela distinção social, ainda que sofisticada pelo aumento da importância do capital cultural e da dimensão subjetiva no capitalismo contemporâneo. Além disso, a segunda conclusão mais importante do trabalho é a de que a moda existe como realidade palpável, institucional, pois a sua diversidade intrínseca não elimina os traços comuns que definem a sua essência como fenômeno da modernidade: a mudança constante, o gosto pelo novo, a busca da distinção e da identidade, bem como a articulação entre o simbólico e o material por meio de sistemas complexos de significação e comunicação (HILLMANN, 2009, p. 112, tradução minha).

⁵ O termo capital cultural é um dos conceitos centrais na proposta sociológica de Pierre Bourdieu. Foi construído inicialmente em parceria com Jean-Claude Passeron. O capital age como um mecanismo de relação social em um sistema capitalista de trocas. Dentre os capitais existentes, Bourdieu cita o capital econômico (recursos físicos, dinheiro etc.), o capital social (recursos baseados em relações sociais e pertencimento a grupos etc.) e, mais especificamente, o capital cultural. Este se refere ao conhecimento acumulado pelo indivíduo e que pode conferir a ele poder e status. Embora tenhamos na escola a esperança da aquisição desse capital cultural, Bourdieu nos alerta que “o livre jogo das leis da transmissão cultural faz com que o capital cultural retorne às mãos do capital cultural e, com isso, encontra-se reproduzida a estrutura de distribuição dos instrumentos de apropriação dos bens simbólicos que uma formação social seleciona como dignos de serem desejados e possuídos.” (BOURDIEU, 2007, p. 297).

⁶ Considero como demonstração informal de capital cultural institucional porque essa manifestação caracteriza-se pelos componentes formais fornecidos pelas instituições para esse fim, tais como certificados e diplomas.

Essas conclusões, segundo minha análise, dão conta das várias facetas presentes no uso de roupas e sua vinculação com a moda e, ao longo das próximas etapas, pretendo apresentar os dados referentes às camisetas de formatura que me autorizam a aventar outras possibilidades que não somente essas já explicitadas.

Indústria Cultural: ao longo do texto de Kawamura, aparecem duas vezes a referência ao uso de roupas e sua vinculação com o fenômeno da indústria cultural. Em ambas percebe-se que a autora entende que este conceito já é de domínio do leitor e não se dedica a elucidá-lo. No entanto, divergindo da autora, considero que esse conceito traz consigo elementos próprios para analisar meu objeto de estudo e, conseqüentemente, é necessário que o apresente nesse momento e trate de algumas das suas especificidades.

Esse conceito compõe um dos principais fundamentos para análise da sociedade atual introduzidos pela Teoria Crítica⁷ e tem nos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer dois de seus principais representantes. É tratado, sobretudo, por Adorno e, em especial, na obra produzida em conjunto com Max Horkheimer, intitulada *Dialética do Esclarecimento*.

Nessa obra, em um capítulo específico sobre esse tema, “*A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas*”, os autores delineiam as principais características desse fenômeno. De modo um tanto quanto sintético, devo dizer que os autores tratam das mercadorias cuja principal característica não é sua utilidade, mas, sim, o significado que ela adquire ao seu consumidor. A esses significados dá-se o nome de “objetos culturais”.

Para que haja a produção desses objetos culturais, temos produções culturais que são previamente escolhidas e, após sua escolha, são desconectadas de seu contexto, fragmentadas em seu sentido, e, devido às facilidades existentes nas técnicas de reprodução, são vendidas

⁷ A Teoria Crítica originou-se da chamada Escola de Frankfurt. Foi um movimento filosófico, político e social que teve sua origem na Alemanha em 1923. De modo geral, devo dizer que essa corrente de estudos tem um caráter neo-marxista, ainda que tenha também influências de Weber, Freud e outros em seus textos. Suas produções buscam fazer uma crítica à sociedade capitalista e pretende por meio dessa crítica promover um processo de emancipação do indivíduo que se encontra sob sua mercê. Vejamos como Max Horkheimer realiza a distinção entre teoria crítica e teoria tradicional “A teoria em sentido tradicional, cartesiano, como a que se encontra em vigor em todas as ciências especializadas, organiza a experiência à base da formulação de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual. Os sistemas das disciplinas contêm os conhecimentos de tal forma que, sob circunstâncias dadas, são aplicáveis ao maior número possível de ocasiões. A gênese social dos problemas, as situações reais nas quais a ciência é empregada e os fins perseguidos em sua aplicação, são por ela mesma consideradas exteriores. A teoria crítica da sociedade, ao contrário, tem como objeto os homens como produtores de todas as suas formas históricas de vida. As situações efetivas, nas quais a ciência se baseia, não são para ela uma coisa dada, cujo único problema estaria na mera constatação e previsão segundo as leis da probabilidade. O que é dado não depende apenas da natureza, mas também do poder do homem sobre ele. Os objetos e a espécie de percepção, a formulação de questões e o sentido da resposta dão provas da atividade humana e do grau de seu poder (HORKHEIMER, 1968, p. 163).

nos meios físicos e midiáticos. Além disso, os autores reiteram que “A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo de absoluto.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2015, p. 62), visto que esse fragmento nunca é criação, é sempre fruto de estandardização do já existente.

Em uma análise mais recente desse conceito, Adorno procurou realizar uma diferenciação entre a indústria cultural e o processo de produção em massa e o fez apresentando essa consideração:

Assim, a expressão ‘indústria’ não é para ser tomada ao pé da letra. Refere-se à padronização da coisa em si – como a do Ocidente, familiar para cada frequentador de filme – e para a racionalização das técnicas de distribuição, mas não estritamente ao processo de produção. (ADORNO, 1991, s/p)

Considero importante esse excerto para que se evidencie a diferença do uso que temos do conceito de indústria. Esse, tal como usado por Adorno, trata da apropriação de produções culturais e sua respectiva padronização para venda e a criação de técnicas adequadas para que esse produto possa ser levado ao consumidor final.

E quais são as razões do uso desse conceito nesse momento? Estabeleço como passível de análise a possibilidade de que as camisetas possam ser utilizadas como mecanismos de venda dos objetos culturais produzidos pela indústria cultural, e estes podem ser imagens, produções artísticas, trechos de livros, poesias etc.

Além disso, concebo, ainda, que a camiseta em si mesma possa se tornar um objeto cultural na medida em que possa vir a ser um recorte de produção cultural em que esse objeto esteja presente ou, ainda, ser um produto da moda tal como tratei há pouco. Nessa última possibilidade, encontro amparo em Bietti (2012), o qual, ao tratar da relação entre moda e indústria cultural, argumenta que:

Por isso a moda aparece como a indústria cultural mais poderosa. Porque se investe do cotidiano, é o cotidiano, os signos que produz, constroem o mundo, lhe dão seu tom característico, constrói sujeitos e paisagens; habilita possíveis impossíveis de relação e veicula informação que nos guia em cada ação e ingresso ao jogo social. (BIETTI, 2012, p. 3, tradução minha)

A partir dessas considerações, é possível aventar que a produção, uso e reprodução de camisetas de formatura poderia vir a ser compreendida a partir desse conceito, visto que, em tese, a camiseta faz parte do mundo da moda ou, ainda, é mecanismo ambulante de apresentação desses objetos culturais, posto que posso ter nela, estampados em imagens e textos, os fragmentos de cultura previamente selecionados.

2.3 Breve histórico sobre o surgimento, evolução e significados no uso das camisetas

É de certa forma redundante afirmar a presença e importância dessa peça de vestuário na cultura ocidental. Quer estejamos em um ambiente social formal ou ainda em algum momento íntimo de lazer, essa peça se apresenta como opção interessante para uso em nosso cotidiano.

No entanto, essa peça possui uma história, passou por evoluções e, certamente, teve seu uso associado a vários fins. Especificamente para esta tese, pretendo realizar uma contextualização histórico/social desse objeto para que ele possa ser compreendido em sua particularidade para, logo após essa contextualização, apresentar os dados que foram obtidos em minha experiência empírica de contato com ela e os eventuais diferenciais de seu uso que foram detectados por mim.

Inicialmente, devo dizer que o levantamento bibliográfico sobre esse tema trouxe algumas dificuldades, isso porque poucas são as produções que abordam, de algum modo, informações sobre as camisetas. Algumas delas, inclusive, são oriundas de publicações populares e revistas voltadas para o lazer/cotidiano e, como tais, trouxeram uma certa dificuldade para a seleção das informações obtidas dado o baixo rigor científico exigido para esse tipo de publicação.

Dessa dificuldade encontrada, pude inferir, mais uma vez, a pouca importância dada a esse objeto e sua eventual vinculação ao banal. Vamos, então, para o que foi encontrado. Nosso primeiro contato com esse objeto adveio de uma investigação etnográfica/semiótica realizada por Cullum-Swan e Manning (1994) sobre as camisetas⁸. O primeiro aspecto que considerei interessante e necessário foi o valor conferido por esses pesquisadores a esse objeto, manifestado nessa consideração:

As camisas usadas agora como roupa íntima ou como vestuário exterior em tempo quente, às vezes chamada de ‘t-shirts’ (um nome metafórico icônico derivado, presumivelmente, a partir de sua forma), ‘coletes’ ou ‘roupa de baixo’, são objetos do cotidiano banal. Da origem utilitária original, a t-shirt tem aumentado [sua importância], ao menos metaforicamente, para assumir um importante papel simbólico. Tornou-se um dos emblemas de primeira linha ou ícone da vida moderna, codificados na mudança de códigos, bem como efetua funções de sinalização. É um veículo sinal cujas funções não só

⁸ Para efeitos didáticos, mantereí a terminologia original em inglês no excerto de texto, visto que os autores fazem alusão ao formato da camiseta e esse formato tem vinculação com a terminologia original.

expressam eus, mas os campos sociais e políticos em que existem. (CULLUM-SWAN; MANNING, 1994, p. 417, tradução minha)

Como os autores fazem alusão a sua evolução histórica e sua respectiva mudança quanto ao seu papel ao longo do tempo, convém, agora, que apresente uma breve síntese desse seu desenvolvimento. Essa síntese se amparará integralmente nas considerações emitidas por Breyer (2013, s/p) quando da comemoração dos 100 anos do surgimento desse vestuário:

1913: surgem as primeiras camisetas e elas são utilizadas por marinheiros americanos que atuavam em submarinos. Elas substituem as roupas anteriores que eram feitas de lã e isso acontece devido à restrição de movimentos ocasionada por esse tipo de vestimenta e pelo desconforto (coceiras) causado pela lã.

Photo # NH 84663 USS A-2 (ex-Adder) in Philippine waters prior to World War I

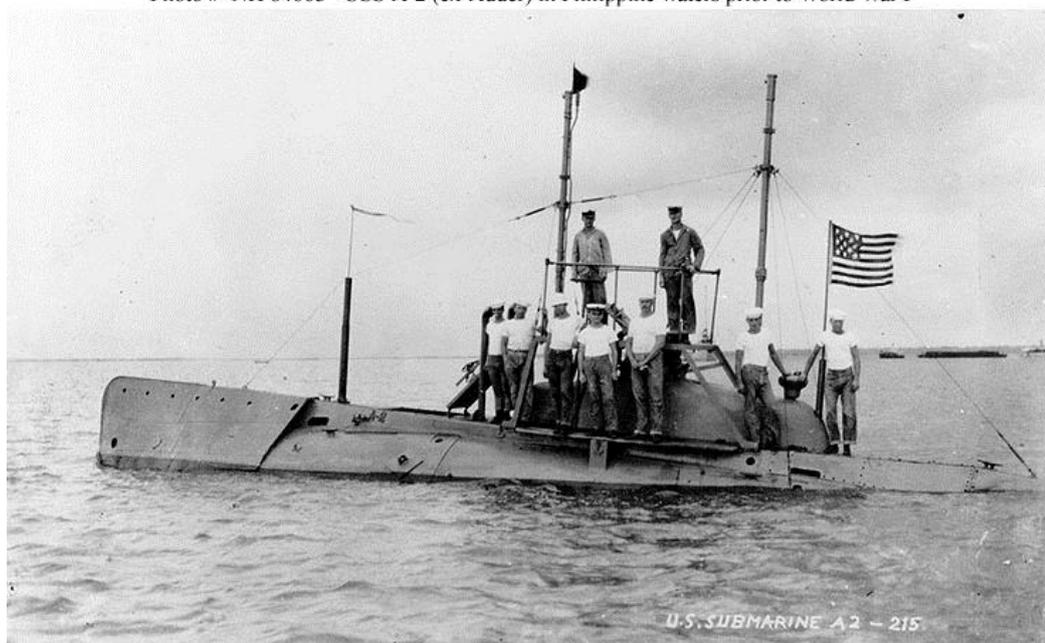


Figura 1 – Marinheiros do USS Adler usando camisetas na Primeira Guerra Mundial. Disponível em: <<http://www.history.navy.mil/photos/images/h84000/h84663.jpg>> Acesso em: 08 dez. 2014.

1944: as camisetas passam a ser utilizadas por trabalhadores nas mais variadas áreas, tais como na mineração, por fazendeiros, mecânicos e, também, nas fábricas. Embora Breyer não trate das justificativas dessa mudança, considero importante salientar a maleabilidade oferecida por esse vestuário e, além disso, o preço, o que a tornava um vestuário interessante para esse público.

1951: há a primeira apropriação desse objeto de vestuário pelas mídias de comunicação/lazer de massa. Marlon Brando faz uso dessa vestimenta ao gravar o filme *Um Bonde Chamado Desejo* (1951). As características do personagem provocam *frisson* entre os

adolescentes e, naquele ano, vende-se cerca de US160 milhões de dólares em camisetas. Gostaria de salientar esse momento, porque, por meio do cinema, considero que há, apropriando-se da terminologia de Bourdieu, o primeiro processo de transubstanciação da camiseta, visto que ela deixa de ter tão somente características funcionais e passa a ter um *status* valorativo diferente.

1950: segundo Breyer, surge a referência ao uso da camiseta enquanto manifestação de rebeldia e, além disso, a referência ao objeto como desejável pelo seu valor de moda, já que seu uso é considerado chique. Isso ocorre por meio do filme *Juventude Transviada*, que foi estrelado pelo ator James Dean. É importante ressaltar que, além dos ideais presentes no personagem interpretado por Dean, o ator morre de forma prematura nesse ano em um acidente de carro, e esse fato acentua ainda mais o envolvimento do público com o ator e seu estilo de se vestir.



Figura 2 – James Dean em cena do filme *Juventude Transviada*. Disponível em: Wikimedia Commons. Acesso em: 08 dez. 2014.

1950: acontece a primeira apropriação da camiseta como instrumento de publicidade. Uma empresa com sede em Miami intitulada Tropix Togs adquire os direitos exclusivos da Disney para imprimir imagens de Mickey Mouse e amigos e de resorts da Florida. Isso acontece com a intenção de se promover o turismo e, também, a marca Disney.



Figura 3 – Camiseta com propaganda da Disney e o personagem Mickey Mouse.
Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/joeshlabotnik/4196449758/in/photostream/>>. Acesso em: 08 dez. 2014

1960: inicia-se o uso de símbolos referentes a bandas e sua comercialização em *shows de rock*. Exemplo icônico desse processo é a arte criada por Stanley Mouse para a banda Rolling Stones.

1967: a arte pop e o uso político das camisetas começam a ocorrer. Exemplo importante desse processo é a produção artística de Warren Dayton. Esse artista usa símbolos políticos, como a Estátua da Liberdade, quadrinhos e temas da atualidade.

1969: o publicitário Don Price consegue realizar a associação de uma camiseta multicolorida com o movimento *hippie* ao distribuí-la gratuitamente no festival de WoodStock. Essa sacada publicitária ocasiona um grande sucesso nas vendas dessas camisetas. Percebe-se, nesse episódio, que a camiseta passa a ser transubstanciada, inclusive, como elemento da contracultura e passa a ser um elemento muito interessante para a manifestação da indústria cultural.

1977: uma agência de publicidade intitulada *Wells Rich Greene* é contratada para desenvolver uma campanha de marketing para o estado de Nova York. No design dessa camiseta, temos a participação do design gráfico Milton Glaser, que lança mão de um logotipo com a letra "I", seguido de um símbolo do coração e da sigla do estado. Esse logotipo se torna icônico e passa a ser copiado em vários lugares, e suas vendas são estrondosas.

1984: em uma série de TV chamada *Miami Vice*, temos um personagem chamado Sonny Crockett, que passa a ostentar uma camiseta com um *blazer* e com cores contrastantes. Além de gerar uma verdadeira febre pelo uso desse estilo, inicia-se a associação da camiseta

com outras vestimentas que, costumeiramente, eram usadas em outros contextos (mais formais). Podemos perceber nesse fenômeno a aparição de elementos distintivos, imitativos e individualizantes, conforme discutido anteriormente.



Figura 04 – Os atores principais da série Miami Vice e o personagem Sonny Crocket (direita)
Disponível em: <<http://www.mnn.com/lifestyle/natural-beauty-fashion/stories/13-iconic-moments-in-the-history-of-the-t-shirt>>
Acesso em: 08 dez. 2014

2000: com o advento da internet, surge o fenômeno da chamada meme-mania. Os memes caracterizam-se por expressar algo, e essa expressão passa a ser repetida exaustivamente. A camiseta “lua de três lobos” torna-se um fenômeno após comentários humorísticos a respeito dela em um site de vendas intitulado *Amazon*.

2012: com a revolução da tecnologia, temos a transformação das camisetas em letreiros ambulantes. Uma empresa de uísque (*Ballantines*) e a empresa de tecnologia *CuteCircuit* criam uma camiseta que é capaz de agir como um *outdoor* eletrônico ambulante. Essa tecnologia permite a propaganda versátil de produtos e também o uso dos mecanismos de comunicação existentes, tais como o Facebook e Instagram, para apresentar imagens e mensagens.



Figura 05 – Camiseta TShirtOS2.0.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_Y1YEWJjxVI>. Acesso em: 10 dez. 2014

Realizada essa síntese histórica, convém, agora, que apresente o estudo realizado por Cullum-Swan e Manning (1994, p. 420). Para esses pesquisadores, é possível sintetizar as camisetas em 07 códigos de significação possíveis.

Código 01 – A Dimensão Utilitária:

- Nesse item temos a análise da dimensão física da camiseta e como ela pode ser útil para nos proteger das intempéries, preservar nosso calor corporal, absorver o suor de nosso e as eventuais outras funções que ela carrega enquanto vestimenta.

Código 02 – A camiseta como um produto manufaturado e roupa íntima:

- A camiseta é uma mercadoria e, como tal, é produzida por meio de certos processos, recebe etiquetas identificatórias, é vendida em lugares variados, é utilizada para diferenciar consumidores, enfim, “a camiseta tornou-se uma unidade distintiva em um sistema de trocas monetárias, uma mercadoria produzida para venda” (CULLUM-SWAN; MANNING, 1994, p. 420, tradução minha).

Código 03 – A camiseta como roupa externa visível:

- Como apontado no resgate histórico da camiseta, em meados da década de 1950 e 1960, ela passa a ser exposta para o público, tornando-se um objeto de *status* ou gosto. Os autores informam que, no início, não era aceita pela classe média, visto que, à época, era associada a rotinas e estilos depreciativos. Ampliam-se as possibilidades de cores, e elas passam a ser utilizadas para o lazer e, além disso, passam a ser alvo da moda.

Código 04 – A camiseta como um signo representacional:

- Na década de 1960, a camiseta passa a comunicar mensagens para o leitor ou observador. Por meio de emblemas, palavras e imagens, é possível ao usuário comunicar experiências que possui, atitudes/valores, eventos, considerações políticas, sociais ou, até mesmo, certo *status* social advindo dos signos existentes nela. Os autores ainda nos alertam que há, também, nas mensagens uma “reivindicação de status do usuário” (CULLUM-SWAN; MANNING, 1994, p. 422, tradução minha). Em seu uso, existe a tentativa de se comunicar uma experiência, realizar eventual ironia. É possível, inclusive, fazer uso de uma camiseta que me apresente eventual *status* cultural, na medida em que faz referência a uma grande universidade sem que eu nunca tenha estado lá ou,

mesmo, avançado em meus estudos. No entanto, para que esse status seja validado, é necessário o julgamento da audiência, ou seja, aqueles que têm contato com o discurso existente nessa camiseta. Com isso, sempre acontecerá equívocos, desconfianças, interpretações diferentes das pretendidas pelo emissor da mensagem. Referente a minha pesquisa, merece destaque a consideração de que “O eu torna-se cada vez mais apresentado em demonstrações públicas de estados reivindicados, posições imaginadas, em sentimentos que faltam ou desejados, e o consumível ausente sempre presente, outros eus.” (CULLUM-SWAN; MANNING, 1994, p. 423, tradução minha). Essa complexidade múltipla de códigos torna a “leitura” da camiseta cada vez mais difícil e sujeita a interpretações e reinterpretações e isso a aproxima da estética e da poesia.

- Código 05 – A camiseta como um ícone problemático:

Com as mudanças em seus usos, ela passa a apresentar *status* reais ou fictícios, e, algumas vezes, apresenta algo fantasioso e pouco real. Eventualmente, a camiseta pode apresentar informações negativas referentes ao seu usuário. Nesse sentido, “A diferenciação interna dentro do sistema de objetos ou commodities torna-se cada vez mais importante não somente para o fabricante, mas também para o consumidor e aquele que busca *status*” (CULLUM-SWAN; MANNING, 1994, p. 425, tradução minha).

- Código 06 – Um trocadilho ambulante:

Segundo os autores, em tempos pós-modernos, as camisetas tornam-se commodities de massa. O uso da linguagem figurativa busca realizar eventual ligação entre o indivíduo e sua substância. Surgem as camisetas reflexivas, algumas com características autorreferenciais. Nesse processo há uma espécie de mudança dos próprios *slogans*, trocadilhos icônicos que transformam signos convencionais e os mudam radicalmente.

- Código 07 – Cópias e “Cópias Reais”

Surge um fenômeno novo, em especial no ramo esportivo, e esse é o de empresas que começam a produzir “cópias originais” de uniformes esportivos usados pelas agremiações esportivas. Tal ato busca tornar uma cópia mais original que outra cópia. Surgem as representações das representações e, nesse processo, os autores apresentam, a título de conclusão, que:

A camiseta pós-moderna é alguma coisa de um texto aberto, um transportador funcional de sinais e sinais sobre sinais que significam relações sociais de modo variado, o *self* ou identidade de um usuário e outras camisetas. A camiseta flutua com outros simulacros no sentido que poucas contensões sociais governam seu conteúdo ou ocasião. As camisetas e seus signos agarram fragmentos de significado e experiência, fazem trocadilho sobre eles, ou significam aquilo que não é verdade para o usuário. Isto sinalizaria uma imagem ou tentativa de pintura que pode ser validada por outros, mas a validação falha em seus significados intrínsecos. (CULLUM-SWAN; MANNING, 1994, p. 429, tradução minha)

Diante de todos esses possíveis códigos presentes nas camisetas, várias são as possibilidades de interpretação das camisetas de formatura e, ao longo da próxima etapa, apresentarei suas especificidades que, em minha análise, as diferenciam das demais manifestações apontadas até esse momento.

2.4 O peculiar na camiseta de formatura

Apresentado, então, todo o processo de evolução das camisetas e as respectivas possibilidades de análises sobre ela, tecerei, agora, as particularidades que, em minha análise, tornam possível aventar outras interpretações sobre as camisetas de formatura. A minha proposta, nesse momento, é apresentar aquilo que ela traz como singular, e a confirmação ou negação dessa singularidade será feita a partir da investigação que realizarei.

Os dados que apresentarei nesse momento foram obtidos ao longo da minha experiência como professor, conforme salientado anteriormente, quando estava realizando meu mestrado e, logo depois, no contato cotidiano com os alunos.

Há de se dizer que, por cerca de dois anos, atuei também como vice-diretor de escola entre os anos de 2012 e 2013 e, nesse período, tive contato com esse objeto em outro contexto e condição, visto que os papéis e funções por mim exercidos eram diferentes.

A coleta de dados a respeito desse tema se deu de forma fragmentada e esparsa até meados de 2012 e, após minha entrada no doutorado, foi sistematizada e organizada por meio de anotações de campo que, conforme veremos, compõem um dos instrumentos de pesquisa preconizados para esse tipo de investigação.

Para dar conta desse objetivo, apresentarei, inicialmente, os usos costumeiros da camiseta no cotidiano do aluno e, logo depois, o processo de criação, produção e uso das camisetas de formatura.

O contato dos alunos com as camisetas ocorre, em especial, por meio do uso das camisetas escolares (uniforme escolar). Nelas, temos o emblema identificador da escola e, por

meio dela, o aluno tem seu pertencimento à escola garantido. Atualmente, no município de Batatais, temos 17 escolas que atendem alunos do ensino fundamental e 05 escolas que atendem alunos do ensino médio. Em todas essas escolas, essas camisetas são usadas.

Um fato interessante é que alunos maiores, tais como os que atuam no supletivo, não usam tais camisetas. Esse fato é interessante, e vou recuperá-lo mais tarde quando for tratar da produção das camisetas de formatura.

Embora, eventualmente, os alunos possam ter, em algum momento, participado na escolha do emblema representativo da escola, os emblemas são usados há vários anos sem mudança, mudando-se, tão somente e raramente, o estilo da camiseta (camisetas com cortes/cores diferentes). É vedada ao aluno a escolha ou criação de uma camiseta própria ainda que essa criação possa originar algum meio de identificação da escola.

Desses elementos, é possível perceber que as camisetas escolares oficiais têm como função uniformizar seus alunos, seja para criar uma identidade com a escola, seja para diferenciá-los das outras escolas e das demais pessoas da sociedade.

Costumeiramente, o aluno deve comprar as camisetas e, caso alegue falta de condições financeiras para esse fim, as escolas criam mecanismos⁹ para o fornecimento delas a esses alunos que estão nessa situação.

Dentre os episódios que presenciei a esse respeito, considero pertinente destacar que, quando o aluno vai à escola munido de uma camiseta comum, a escola oferece uma outra camiseta para que seja utilizada naquele dia. Existem, inclusive, sanções disciplinares para aqueles que reiteradamente não vão com seus uniformes escolares: são impedidos de entrar na escola se não vierem uniformizados ou, então, têm seu nome anotado no caderno de ocorrências¹⁰.

Para que haja a adesão irrestrita de todos, são feitas campanhas junto aos pais para que essas camisetas/uniformes sejam providenciadas, e o grande argumento utilizado é o de que seu uso promove segurança dentro da escola ao identificar o aluno como pertencente a ela.

Dessa forma, é possível concluir que esse uso das camisetas tem uma função identificatória; no entanto, de modo diverso daquele apresentado anteriormente, uma vez que

⁹ Muitas vezes as escolas compram uma reserva técnica para esse fim e, ao término dos estudos dos alunos, as escolas realizam campanhas para que os alunos possam doar as camisetas que possuíam.

¹⁰ O caderno de ocorrências é um mecanismo que a escola utiliza para registrar as faltas disciplinares cometidas pelos alunos. Costumeiramente, as escolas criam um caderno de ocorrências para cada série e nele passam a inserir as faltas disciplinares. Muitas vezes, esses cadernos são utilizados para serem apresentados aos pais em reuniões pedagógicas ou como mecanismo de decisão em eventual sanção disciplinar a ser decidida pelo Conselho de Escola.

seu usuário a utiliza a partir de uma determinação externa, muitas vezes coercitiva, exercida pela escola.

Quanto ao seu uso convencional e aos códigos apresentados por Cullum-Swan e Manning, que são utilizados para justificar a compra e posse das camisetas, considero que apresentam, de modo abrangente, suas várias possibilidades.

Por fim, tratarei agora dos aspectos que considero singulares presentes na produção das camisetas de formatura, ou seja, que, segundo minha análise, as diferenciam dos episódios cotidianos na escola e que, ao olhar desavisado, careceriam de relevância.

O momento em que ocorre a produção das camisetas: diversamente do uso das camisetas da escola e das camisetas convencionais, a produção das camisetas de formatura acontece em um momento de transição do *status* acadêmico (saída de um nível de ensino para outro) do aluno dentro da escola.

O modo em que é selecionada a camiseta de formatura: para que o produto final (camiseta) seja concretizado, realizam-se processos de diálogo e discussão para a escolha do tipo de camiseta, suas cores, seu modelo, sua mensagem/imagem, e os alunos envolvem, quase sempre, toda a turma que compõe a respectiva série/sala nesses processos.

Existe a presença de uma comunicação representativa do grupo: é escolhida uma mensagem, imagem ou ambas para identificar o grupo de alunos em detrimento dos demais que se encontram numa etapa diferente do ensino ou daqueles que passam pela mesma circunstância e estão, também, produzindo suas próprias camisetas.

A sanção externa para a produção das camisetas: a fim de que esse objeto se concretize dentro do espaço escolar, é necessário que os agentes institucionais portadores de autoridade (professores, diretores da escola etc.) se posicionem, aprovando ou reprovando esse objeto. Caso haja a reprovação, é necessário novo processo decisório para escolha de nova camiseta.

A exposição da camiseta nos espaços sociais e escolares: os criadores desse objeto passam a exibi-lo nos espaços sociais como meio de identificação da situação particular em que estão e, além disso, podem fazer uso dela como mecanismo de identificação na escola onde concluíram seus estudos. É vedado ao aluno o uso da camiseta de formatura oriunda de uma escola em outras escolas.

A partir desses dados, considero que já existem elementos suficientes para a contextualização de meu objeto de estudo, as variadas possibilidades de sua análise e as particularidades que possui.

Na próxima seção, tratarei da base epistemológica de minha investigação e como o uso de roupas é analisado nesse segmento.

3. BASES EPISTEMOLÓGICAS

A partir de agora, apresentarei minhas investigações a respeito dos fundamentos antropológicos que tratam de meu objeto de estudo. Conforme apresentado anteriormente em minha introdução, tratarei dos fundamentos antropológicos dos rituais de passagem e, mais especificamente, fundamentarei meu posicionamento baseando-me na chamada antropologia da experiência, também intitulada de antropologia da *performance*.

3.1 As contribuições de Arnold Gennepe para os Rituais de Passagem

Foi Arnold Van Gennep o pesquisador que delimitou como campo específico de investigação antropológica o ritual de passagem. Em sua obra, publicada inicialmente em 1909 e que recebeu o título *Les Rites de Passage*, ao abordar as justificativas que o levaram a produzi-la, afirmou que:

O objetivo principal deste livro é precisamente reagir contra o procedimento ‘folclorista’ ou ‘antropológico’, que consiste em extrair de uma seqüência diversos ritos, positivos ou negativos, em considerá-los isoladamente, tirando-lhes assim a sua principal razão de ser e sua situação lógica no conjunto dos mecanismos. (GENNEPE, 2011, p. 88)

O autor faz uma crítica direta às obras que, até então, tratavam o rito como um fenômeno particular e, assim o fazendo, desconsideravam a sua inserção e função nos mecanismos de funcionamento institucionais existentes dentro de determinada sociedade.

Nessa obra, Gennep apresentou as categorias de investigação que, até hoje, são elementos obrigatórios para todos aqueles que desejam investigar esse tema. Vejamos uma síntese a respeito de sua importância produzida pelo também antropólogo Roberto Damatta, quando afirma que ele:

[...] introduz, certamente pela primeira vez no campo da Antropologia Social (ou Sociologia Comparada), o ritual e seus mecanismos básicos como um tópico de estudo relevante. Aliás, pode-se mesmo dizer que é neste livro que Van Gennep insinua tomar a própria vida social na sua dialética entre rotinas e cerimoniais, repetições e inaugurações, homens e mulheres, velhos e moços, nascimentos e mortes, etc. como um ritual, posto que o mundo social se funda em atos formais cuja lógica tem raízes na própria decisão coletiva e nunca em fatos biológicos, marcas raciais ou atos individuais. (DAMATTA, 2011, p. 11)

Conforme havia tratado em minha introdução, o conceito de ritual já existia antes do trabalho produzido por Gennep, e isso pode ser percebido nas considerações que apresentamos emitidas por Durkheim. No entanto, o rito era tão somente um aspecto da religião e, ao produzir sua obra, Gennep foi o primeiro a identificar o rito de passagem naquilo que ele possui de específico e necessita ser investigado (SCHULTZ; LAVENDA, 1990; PEIRANO, 2003; RODOLPHO, 2004; GARWOOD, 2011).

Gennep tem sua originalidade marcada ao perceber que, embora as cerimônias sejam as mais diferentes possíveis e que teriam tão somente a característica de exercer uma etapa do processo religioso, haveria algo em comum entre elas.

Essa constatação leva-o a defender a hipótese de que essas cerimônias seriam “cerimônias aparentemente diferentes pela forma, mas semelhantes pelo mecanismo” (GENNEP, 2011, p. 161).

Como já exposto, a relação entre indivíduo e sociedade é, de certo modo, natural e necessária; no entanto, ao longo desse processo relacional, existem etapas culturalmente instituídas que se realizam à medida que o indivíduo concretiza sua trajetória ao longo da sociedade, e Gennep trata exatamente desse tema, pois, segundo DaMatta (2011, p. 18), “sua lição, que por certo ficará entre nós, foi a de que viver socialmente é passar, passar é ritualizar”.

Ao longo de nossa vida, muitas são as “passagens” às quais nos submetemos. Estas pontuam e marcam, de certo modo, nossa existência em determinada sociedade. Para podermos ascender a várias dessas passagens, é necessário que cumpramos determinadas exigências, exigências essas que atestam nossa condição efetiva para avançarmos às novas etapas. Nesse sentido, Gennep é muito feliz ao apresentar a seguinte analogia referente a esse processo:

[...] toda sociedade geral pode ser considerada como uma espécie de casa dividida em quartos e corredores, com paredes tanto menos espessas e portas de comunicação tanto mais largas e menos fechadas quanto mais esta sociedade se aproxima das nossas pela forma de sua civilização. Entre os semicivilizados, ao contrário, estes compartimentos são cuidadosamente isolados uns dos outros, e para passar de um ao outro são necessárias formalidades e cerimônias que apresentam a maior analogia com os ritos de passagem material de que acabamos de ler. (GENNEP, 2011, p. 41)

Embora eu vá tratar das particularidades dos ritos presentes em nossa sociedade, convém salientar, nesse momento, que a separação entre os compartimentos ou etapas da vida sofre influência das características culturais de cada povo. Essas formalidades e cerimônias,

ainda que sofram mudança entre uma e outra sociedade, são utilizadas para marcar e aprovar, efetivamente, a alteração do *status* do indivíduo na sociedade onde vive, e, nelas, encontramos o rito de passagem.

A princípio, para o olhar incauto, soaria inverossímil dizermos que uma festa popular como o Carnaval, uma cerimônia política realizada em uma sociedade altamente complexa ou, ainda, um ritual africano da tribo *Ndembo* possuem elementos em comum, e Gennep torna-se original exatamente ao constatar esse elemento em comum.

Bem, se o rito possui essa função demarcatória de uma mudança no *status* do indivíduo, existiria uma característica comum a todos os ritos? Gennep afirma que sim, e essa particularidade existente em qualquer rito de passagem foi uma de suas grandes contribuições para o tema. Segundo ele, são três os ritos que compõem o rito de passagem e que são concebidos desse modo: “Proponho, por conseguinte, denominar ritos preliminares os ritos de separação do mundo anterior, ritos liminares os ritos executados durante o estágio de margem e ritos pós-liminares os ritos de agregação ao novo mundo.” (GENNEP, 2011, p. 37).

Para Gennep, a prevalência de um desses ritos sobre os outros variará de acordo com a passagem à qual se vinculam, posto que, por exemplo, quando nos deparamos com um funeral, a separação torna-se mais evidente; quando nos casamos, passamos por ritos de agregação; e, por fim, quando mudamos nossa condição na sociedade, teremos os ritos de margem, tais como o noivado, a iniciação etc. Diante disso, o autor nos alerta que:

[...] o esquema completo dos ritos de passagem admite em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação), na prática estamos longe de encontrar a equivalência dos três grupos, quer no que diz respeito à importância deles, quer no grau de elaboração que apresentam [...] mas quer se trate de coletividades, quer de indivíduos, o mecanismo é sempre o mesmo, a saber, parada, espera, passagem, entrada e agregação. (GENNEP, 2011, p. 36 e 43)

Dito de outro modo, a prevalência de uma dessas fases presentes no ritual de passagem dependerá, essencialmente, do tipo de mudança que ocorre em determinada sociedade. Como exemplo, cito a eventual morte de uma pessoa pertencente a uma tribo, na medida em que essa pessoa não mais estará presente nela, a ênfase presente no ritual de passagem encontra-se na fase de separação, pois o morto separa-se do mundo dos vivos. Vejamos a seguir um quadro esquemático no qual se apresenta as especificidades de cada uma dessas etapas:

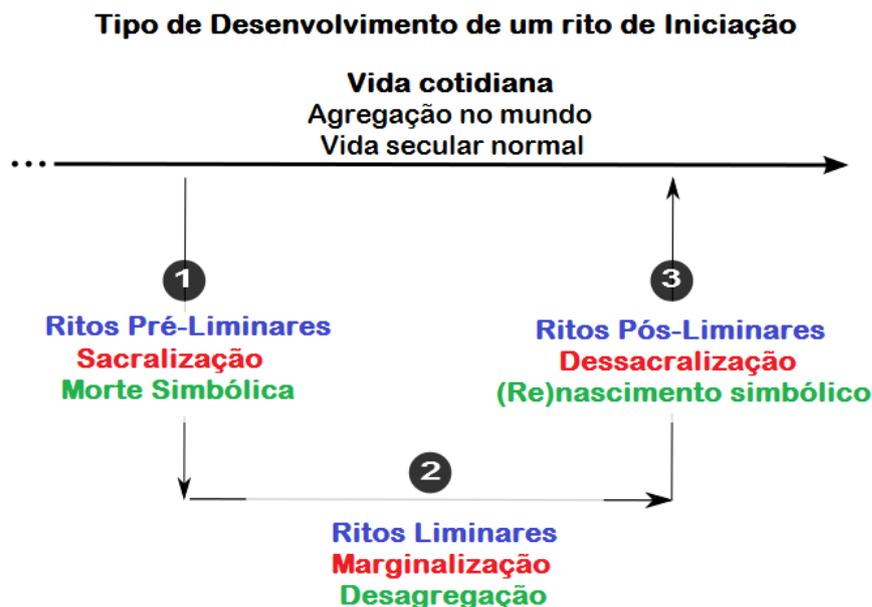


Figura 06 – Esquema de um rito de iniciação. Tradução e adaptação minha de: D'ALLONDANS, T. G. Rites de passage, ride d'initiation: Lecture d'Arnold Van Gennep. Paris: P.U. Laval, 2002, p. 41.

No período pré-liminar, haveria uma espécie de morte simbólica da vida anterior do indivíduo. Logo depois, ele ficaria em uma espécie de limbo, afastado da sua comunidade e das estruturas existentes para, ainda depois, ressurgir em um novo contexto, em uma nova condição simbólica.

Convém destacar, ainda, a sacralização do indivíduo quando inicia seu ritual de passagem, ou seja, ele deixa de compor nossa dimensão cotidiana comum e passa a fazer parte de uma dimensão que possui condições extraordinárias, sagradas.

Um contraponto interessante a essa dimensão triádica realizada por Gennep foi proposto por Grimes (2000, p. 107). Segundo esse autor, esse esquema, ainda que tenha a qualidade de ser útil e simples para a realização da categorização dos rituais e tenha sido prescrito como se fosse uma descoberta, na verdade, foi inventado por Gennep para realizar sua análise a respeito dos rituais de passagem e, como tal, pode ocasionar uma simplificação do ritual de passagem.

Do que foi afirmado até o momento, é pertinente agora que eu me dedique a analisar a função do ritual segundo Arnold Gennep. Vimos que a referência à mudança do indivíduo dentro dos “cômodos” sociais, ou seja, a definição de fronteiras, é o elemento que deflagra a realização do ritual de passagem; no entanto, há de se pensar porque isso ocorre.

Em Gennep (2011, p. 24), temos alguns trechos de seu texto que nos apontam o caminho para encontrar essa função, que pode ser verificada, por exemplo, quando ele nos informa que “toda alteração na situação de um indivíduo implica aí ações e reações entre o

profano e o sagrado, ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas”, ou seja, haveria sempre um eventual perigo nesse processo de travessia entre os cômodos.

Nesse sentido, gostaria de chamar atenção para a regulamentação, a necessidade de se estabelecer regras para a alteração do *status* do indivíduo e a necessidade de vigia. Especificamente em relação ao ato de regulamentar, ao fazê-lo, parto de um princípio axiológico para a criação desses regulamentos, ou seja, estabeleço o que é certo e errado, bom e mal e, logo, realizo um processo de transmissão cultural das bases axiológicas em que se assenta essa cultura. Por outro lado, ao vigiar esse processo e o respectivo cumprimento dele, reprimo os comportamentos que, segundo aquela cultura, são indesejáveis.

Não bastasse isso, “ao mesmo tempo em que inculcam valores e reprimem sentimentos, elas também apontam na direção de sistemas de comportamento alternativos” (DAMATA, 2011, p. 18). Nesses comportamentos alternativos eu considero que existiria uma função pedagógica em Genep, isso porque existem determinados ritos em que, dentre algumas de suas características, há a quebra das regras da comunidade. Quando isso ocorre, a comunidade perceberia os riscos dessa quebra das regras existentes.

É importante dizer que esse último aspecto está sobremaneira vinculado à proposta de Victor Turner e, devido a esse aspecto, optarei por discuti-lo no próximo item.

Por fim, devo apresentar uma última consideração sobre a obra de Genep. Como minha tese lida com a possibilidade da presença de um elemento material no ritual de passagem, torna-se importante apresentar como ele lida com esse aspecto. Essa análise é emitida por ele quando, em suas considerações finais, cita os aspectos principais presentes em seu trabalho. Ao apresentar seu terceiro e último aspecto, conclui que:

O terceiro ponto finalmente que me parece importante é a identidade da passagem através das diversas situações com *passagem material* – à entrada numa aldeia ou numa casa, à passagem de um quarto para o outro ou através das ruas e praças. É por isso que, com tanta frequência, passar de uma idade, de uma classe, etc., a outras exprime-se ritualmente pela passagem por baixo de um pórtico ou pela ‘abertura das portas’. Só raramente trata-se nesse caso de um símbolo, sendo a passagem ideal para os semicivilizados propriamente uma passagem material. (GENEP, 2011, p. 162)

Do excerto anterior, verifica-se a ênfase que Genep atribui à presença desse elemento material como que atestando, concretamente, a alteração do status do indivíduo em sua tribo ou sociedade.

3.2 As contribuições de Victor Turner

Ao iniciar meu levantamento bibliográfico sobre os rituais de passagem, o nome de Victor Turner mostrou-se recorrente. Quer seja em produções nacionais ou internacionais, o número de publicações que fazem uso de Turner como fundamento sobre o tema ou que realizam investigações sobre suas considerações antropológicas chega a rivalizar com as referências baseadas no criador dessa categoria de investigação.

Após me aprofundar mais nas obras desse pesquisador e nas contribuições que realizou para a antropologia, sou obrigado a concordar com Garwood quando esse autor, ao tratar da importância de van Gennep, argumenta: “somente a elaboração de Victor Turner de alguns dos temas de van Gennep, especialmente em relação à liminalidade, a ideia de *communitas*, e performance, teve impacto similar tão vasto sobre como os ritos de passagem são compreendidos” (2013, p. 261, tradução minha).

Considero que, se por um lado, Gennep inova ao perceber a presença do processo triádico no ritual de passagem e sua respectiva importância, Turner, por sua vez, aprofunda a compreensão de cada uma dessas etapas e, em especial, no que se refere ao período liminar, inova ao apresentar uma faceta muito interessante que, conforme veremos, recebeu desse pesquisador a denominação de fase liminoide.

Não bastasse isso, conceitos tais como drama social, antropologia da *performance* ou experiência estarão sempre vinculados a esse pesquisador.

Apresentada, então, a importância de Turner, convém que apresente, agora, o caminho que me conduzirei para proceder a uma síntese de suas principais contribuições. Inicialmente, realizarei uma breve introdução a respeito dos mecanismos investigativos utilizados por Turner para obter os dados que o levaram a produzir sua obra e, logo depois, tratarei das suas contribuições específicas que serão utilizadas por mim na análise do fenômeno que investigarei.

Quanto ao primeiro aspecto, Turner notabilizou-se por obter seus dados investigativos por meio de uma pesquisa de campo que realizou na tribo *Ndembu*, localizada em Zâmbia, cujo resultado foi utilizado para concluir seu doutorado, em 1955.

O que me chamou a atenção sobre esse aspecto não foi, obviamente, a pesquisa de campo, visto que esse é um instrumento típico¹¹ da investigação antropológica, mas a conduta adotada por Turner ao realizá-la, já que, logo no início de sua pesquisa, percebeu que a

¹¹ A importância desse instrumento investigativo e sua presença na antropologia será devidamente explorada no capítulo 4.

tentativa de se “encaixar” os hábitos tribais em um modelo pré-estabelecido não permitiria a ele captar, de fato, como esses hábitos eram compreendidos pela tribo. Vejamos como ele apresenta esse aspecto:

Acumulei consideráveis quantidades de dados sobre parentesco, estrutura da aldeia, casamento e divórcio, orçamentos individuais e familiares, política tribal e de aldeia, e sobre o ciclo da agricultura [...] sentia-me no entanto, insatisfeito, como se estivesse sempre do lado de fora olhando para dentro, mesmo quando passei a fazer uso do vernáculo sem nenhuma dificuldade [...] uma coisa é observar as pessoas executando gestos estilizados e cantando canções enigmáticas que fazem parte da prática dos rituais, e outra é tentar alcançar a adequada compreensão do que os movimentos e as palavras significam para elas [...] fui forçado a reconhecer que, se de fato pretendia conhecer o que significava até mesmo um mero segmento da cultura ndembo, teria de vencer meus próprios preconceitos contra o ritual e começar a investigá-lo. (TURNER, 1974, p. 20)

Para Turner, esse processo que considero como eventual “imersão” na cultura investigada foi de especial importância, pois, por meio dele, o pesquisador pôde captar, afinal, o significado das ações presentes nos rituais para a cultura *Ndembo* e como esses rituais compunham uma perfeita relação com a cultura desse povo. Melhor dizendo, por meio dos rituais, Turner poderia, de fato, conhecer, adequadamente, aquela cultura que optou por investigar.

Dentre os rituais investigados por Turner, cito, em especial, o ritual *Isoma* ou “ritual de mulheres ou de procriação” (TURNER, 1974, p. 25), aplicado quando a mulher fica momentaneamente impedida de conseguir gerar e criar seus filhos, além da investigação sobre os rituais da gemelaridade, aplicados quando uma mulher dá à luz gêmeos. Por meio da análise detalhada desses rituais, Turner investigou o que estaria por detrás de cada gesto, cada objeto e cada fala utilizados e seus respectivos significados.

Ao fazer esse procedimento, apareceram, ao longo de sua tese e em textos posteriores, as descobertas realizadas, resgatando e apresentando novos elementos a partir desses dados iniciais.

3.3 A Fase Liminar e o conceito de Liminoide

Abordei, anteriormente e de modo esquemático, a tríade proposta por Arnold Van Gennep. Victor Turner incorporou a estrutura tríadica de Gennep, mas o fez de um modo particular e muito interessante. Ao tratar da fase liminar, fase essa na qual, conforme apresentado, temos um momento de marginalidade e desagregação, Turner percebe duas

características existentes nessa fase que são particularmente importantes e, por outro lado, excludentes. O autor as intitulou de liminar e liminoide, e, nesse momento, tratarei de ambas.

Para iniciar essa explanação, cumpre, inicialmente, que eu me posicione frente ao conceito de estrutura para, logo depois, demonstrar como esses dois conceitos se relacionam com ele e se explicam por meio dele.

De imediato, é apropriado dizer que, subjacente ao conceito de estrutura, existe aquilo que Turner intitula como *instituições especializadas*, ou seja, para que uma sociedade seja estruturada, é necessário que existam padrões de comportamento que são repetidos de forma dioturna, os quais fazem parte da tradição local da sociedade. Com o tempo, criam-se sanções ou leis para sua manutenção, exercendo uma força coercitiva sobre o indivíduo.

Essas instituições que compõem a estrutura social realizam funções variadas, indo desde a criação de ordem dentro dessa sociedade, à regulação do modo como a crença desse povo deve se manifestar ou, ainda, como devem se organizar para que haja a reprodução e continuidade dessa mesma sociedade.

Um exemplo muito interessante a esse respeito pode ser percebido na organização da hierarquia social *Ndembu*, posto que essa possui a característica de ser matrilinear, ou seja, o *status* do indivíduo advém da mãe e, por outro lado, de modo diverso, a autoridade é exercida pelos homens.

Por meio desse exemplo e de outros, tais como a instituição existente no casamento, na medicina, entre outros, as instituições compõem peças de um grande quebra-cabeças que, devidamente organizadas, formarão a estrutura da sociedade. Além disso, novamente fazendo uso dessa analogia do quebra-cabeça, as instituições são *mutuamente dependentes*, ou seja, uma peça individual somente tem sentido se pensada na sua função em relação as outras. Dito de outro modo, uma instituição existe e faz sentido à medida que se relaciona com as outras.

Outro elemento importante a se apresentar referente à estrutura é que, para que ela exista, são atribuídos *papéis sociais* aos indivíduos que a compõe. Um exemplo típico desses papéis pode ser percebido, por exemplo, em uma sociedade baseada em castas, tais como a existente na sociedade indiana. Nessa sociedade, temos castas diferentes (brâmanes, sudras, vexias etc.), e, a cada indivíduo pertencente a essas castas, é dado um papel social específico.

O cumprimento desses papéis é de suma importância e extremamente regrado, visto que, no exemplo referente às castas, “cada casta é separada da outra por tabus, e basta tocar um indivíduo de uma casta inferior, comer com ele, deitar-se em sua cama ou entrar em sua casa para ser automaticamente expulso da própria casta”. (GENNEP, 2011, p. 99). Esse exemplo demonstra, sobremaneira, a importância dos papéis na estrutura social.

Para finalizar, devo dizer que, se há os papéis sociais, existem também os atores e cabe a esses interpretarem, adequadamente, o papel que lhes é dado nessa estrutura. Se me pautar pelo exemplo extraído do texto de Gennep, eu diria que o indivíduo de uma casta superior indiana que não tenha cumprido seu papel, adequadamente, automaticamente falhou na interpretação dele enquanto ator.

Bem, do que foi dito até esse momento, convém, agora, que eu apresente o conceito de liminaridade, uma vez que, conforme apresentado anteriormente, no estado liminar, o indivíduo deixa de fazer parte da estrutura, encontra-se em uma antiestrutura, pois está à margem, há uma dissolução normativa, quer seja das instituições e suas inter-relações, quer seja de seu papel social ou, ainda, de seus deveres interpretativos, ou, como informado por Turner:

Os atributos de liminaridade, ou de personae (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificações que normalmente a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. (TURNER, 1974, p. 117)

Desse excerto, considero pertinente afirmar que, no estado liminar, há uma espécie de cisão momentânea do indivíduo e suas relações existentes com as instituições; ele não participa momentaneamente delas, o indivíduo está “fora do tempo” (TURNER, 2012, p. 219), os papéis sociais estão como que em um estado de “suspensão”, e o “roteiro”, que deveria fazer uso ao longo dele, é, nesse momento, abandonado. Vejamos como Turner explica a função desse momento liminar:

O neófito na liminaridade deve ser uma tábula rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo status [...] É preciso mostrar-lhes que, por si mesmos, são barro ou pó, simples matéria, cuja forma lhes é impressa pela sociedade. (TURNER, 1974, p. 127)

Esse trecho, em minha análise, se reveste de grande importância, porque, nele, Turner nos alerta que, no espaço liminar, o indivíduo fica totalmente à “deriva”, pois ele perde tudo aquilo que, em tese, dava significado à vida dele. É um momento de profunda fragilidade e essa fragilidade somente será rompida mediante a ação da sociedade, pois é ela que irá resgatá-lo, por meio de seus ritos, dessa condição. Também é ela que lhe oferecerá um “porto seguro” para, novamente, saber quem é, o que deve fazer e o que se espera dele.

Percebe-se, com isso, o quanto a sociedade se afigura nesse momento em seu poder de dar significado e sentido à existência do indivíduo. É por meio dessa fase liminar que o indivíduo percebe o valor e a importância de sua cultura/sociedade e os vínculos de respeito e obediência a ela tornariam-se mais sólidos.

No momento liminar, em sua função previamente definida pela sociedade, o indivíduo reconheceria a falta de sentido que sua desvinculação momentânea da sociedade lhe gera e veria a si mesmo tal como ser desprezível. No entanto, existiria uma outra possibilidade, e, nessa, o indivíduo estaria acima dessa sociedade. Esse segundo aspecto é o que tratarei ao abordar o conceito de liminoide. Vejamos a primeira consideração de Turner que estabeleço para tratar desse conceito:

Os noviços estão, de fato, temporariamente indefinidos, para além da estrutura social normativa. Isso os enfraquece, pois não têm direitos sobre os outros. Mas também são liberados das obrigações formais. Tomam lugar numa fechada conexão com poderes sociais ou associativos da vida e da morte. Daí a freqüente comparação dos noviços, de um lado, com fantasmas, deuses, ou ancestrais, e; por outro lado, com animais e pássaros. Eles estão mortos para o mundo social, mas vivos para o mundo associativo. (TURNER, 2012, p. 222)

Considero esse texto elucidativo porque Turner aponta aquilo que havia dito nos parágrafos anteriores, ou seja, o indivíduo encontra-se numa condição de falta, visto que se afastou da sociedade, mas, por outro lado, encontra-se também em uma situação de potencialidade, potencialidade essa existente pelo fato de que esse mesmo indivíduo lida com o que há fora da sociedade, livre de suas amarras, papéis e os seus elementos coercitivos existentes, o que ocasiona:

[...] liberação das capacidades humanas de cognição, afeto, volição, criatividade etc., dos constrangimentos normativos incumbidos de ocupar uma sequência no *status* social, desempenhando uma multiplicidade de papéis sociais e sendo conscientemente membro de alguns grupos, como família, linhagem, clã, nação etc., ou de afiliação com algumas categorias de persuasão social como classe, casta, divisão sexual ou idade. (TURNER, 2012, p. 240)

Quando isso acontece, não nos deparamos como uma situação de falta e carência, mas, sim, com uma situação de pura potencialidade criativa em que, além de uma eventual antiestrutura, temos, também, uma possibilidade de transcendência estrutural ou, como conceituado por Turner, uma protoestrutura. Essa condição não é fácil de ser encontrada, pois “os indivíduos só saem desses ganchos normativos em raras situações nas sociedades de

pequena escala e não muito frequentemente em sociedades de grande escala.” (TURNER, 2012, p. 241).

Esse espaço liminal dentro do mundo tribal, ainda que possa ocorrer momentaneamente, é facilmente restringido pelos tabus e regras presentes no ritual. Nesse sentido, merece destaque o retorno a Gennepe e a constatação do eventual perigo existente no trajeto de um estado social para outro, visto que, nesse momento limiar, existiria o risco da transgressão¹² social.

Bem, e o que seria então o fenômeno liminoide? Vejamos algumas considerações apresentadas por Turner. A primeira delas refere-se ao seu surgimento.

[...] eles claramente se iniciaram no desenvolvimento da Europa Ocidental, nas sociedades do capitalismo nascente, nos primórdios da industrialização e mecanização, na transformação do trabalho em mercadoria e no surgimento da verdadeira classe social. (TURNER, 2012, p. 249)

Com o advento do capitalismo, há uma grande mudança na organização da sociedade e, em especial, ocorre a criação do espaço do trabalho nos moldes tais como o conhecemos na atualidade e o espaço do lazer, cada um desses espaços possuindo sua especificidade própria. Essa distinção, segundo Turner, é elucidada em obras tais como: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Max Weber, quando esse autor, segundo Turner, realiza a caracterização do capitalismo tendo como referência a ética protestante.

Ainda segundo Turner, no capitalismo em seus primórdios, sobretudo com o Calvinismo, é criado o espaço do trabalho, e nele os calvinistas viam a manifestação do ideal ascético que demonstraria sua condição para eventual salvação, porque o trabalho “torna-se sagrado, de facto, como uma arena na qual a salvação deve ser objetivamente demonstrada”. (TURNER, 2012, p. 233).

Em contrapartida, cria-se, também, uma outra dimensão advinda do trabalho: a dimensão do lazer. No início, essa dimensão sofre o crivo ético ascético protestante, mas, ao

¹² Quando faço uso desse conceito de transgressão é importante que se destaque que o uso de modo específico, pois, nas sociedades tribais, existe também a transgressão na fase liminal, no entanto, há uma diferença entre exercitar a transgressão enquanto ato de obediência a uma regra pré-determinada e o ato de transgressão que vai além da regra. No rito tribal típico, acontece esse primeiro caso. Vejamos um trecho elucidativo de Turner a respeito desse aspecto: “como no caso citado anteriormente no Rites de Passage de van Gennepe, aos noviços são também concedidas liberdades sem precedentes – eles fazem pilhagens e invasões nas vilas e jardins, mexem com as mulheres, provocam as pessoas mais velhas. Inúmeras são as maneiras de colocar as coisas de cabeça para baixo, de parodiar os acordos do sistema normativo, de exagerar as regras em caricaturas ou satirizá-las. Os noviços são imediatamente colocados fora e dentro de um círculo previamente conhecido. Mas uma coisa deve ser certa: todos esses atos e símbolos são obrigatórios. Até mesmo a quebra das regras tem de ser feita durante o período de iniciação. Esse é um dos modos distintos em que o liminal é separado do liminoide.” (TURNER, 2012, p. 238).

longo do tempo, surge no espaço de lazer, a dimensão lúdica, na qual a liberdade de criação de outras possibilidades e o afastamento do *continuum* do trabalho e de suas obrigações se manifestam. É nesse espaço em que se vê a possibilidade de criação das utopias, ou seja, novas possibilidades de pensar a realidade e a configuração do mundo. Vejamos como nosso autor se posiciona a esse respeito:

O lazer proporciona a oportunidade de opções múltiplas, gêneros liminoides de literatura, drama e esporte não são concebidos como ‘antiestrutura’ para a estrutura normativa cuja ‘antiestrutura é uma função auxiliar da estrutura alargada’. (TURNER, 2012, p. 248)

Dito de outro modo, no espaço liminar, temos uma dimensão de antiestrutura, e essa dimensão é o inverso da estrutura existente, embora se mantenha vinculada a essa dimensão. No espaço liminoide do lazer, há o que afirmamos, anteriormente, como sendo uma proto-estrutura, ou seja, um afastamento total e carregado de potencialidades de criação.

Para que isso ocorra, o espaço de lazer deve ser exercitado em sua dimensão lúdica, sem amarras, como pura criação e potencialidade, como brincadeira criativa. Vejamos como Turner introduz essa dimensão lúdica na brincadeira para cunhar o termo “liminoide”:

Brincadeira é engraçada, mas é também uma sanção social. A brincadeira pode até mesmo observar o ‘significado de ouro’ [‘golden mean’], que é uma característica ética das ‘sociedades cíclicas e repetitivas’, mas não quando já desequilibrada pelas ideias inovadoras e por mudanças técnicas. Inovações técnicas são produtos das ideias, produtos que chamarei de ‘liminoides’ (o ‘-óide’ vem do grego – eidos, uma forma, um modelo, e significa ‘semelhante’; ‘liminoide’, semelhante sem ser idêntico ao ‘liminar’). (TURNER, 2012, p. 228)

O liminoide tem características semelhantes à dimensão liminar, mas carrega consigo algumas particularidades que o tornam diferente. Temos uma sociedade assentada em uma dimensão comunitária, em que o rito de passagem se manifesta como condição para manutenção dessa dimensão.

Com a sociedade industrial, passamos a ter como paradigma uma dimensão individualista que propicia modos de expressão individuais e, como tais, “Os fenômenos liminoides desenvolvem-se à parte da economia central e do processo político, ao longo das margens, nas interfaces e interstícios das instituições centrais – eles são plurais, fragmentados e de caráter experimental.” (TURNER, 2012, p. 251).

A dimensão liminoide pode ser percebida nos esportes, nas artes, em bares, carnavais e festivais ou, ainda, na literatura. Nessas áreas, temos uma situação limiar, de

afastamento/margem das estruturas existentes da sociedade, perda de identidade e *status* social. No entanto, diferentemente do ritual nas sociedades pré-industriais, em que ocorre a coerção do potencial criativo, na dimensão liminoide, o processo de criação se manifesta sem amarras; há a possibilidade e abertura para novas ideias e formas de se interpretar ou conceber nossa realidade.

3.4 *Communitas*

Outro termo introduzido por Victor Turner e que se tornou indispensável para a análise do fenômeno ritual é o conceito de *communitas*. Inicialmente, devo dizer que tanto a liminalidade quanto o *communitas* ocorrem no mesmo período ritual, ou seja, o período em limiar em que o indivíduo que está participando do ritual de passagem está à margem da sociedade.

Desse modo, ambos os fenômenos ocorrem enquanto manifestação da antiestrutura, ou seja, ocorrem fora das instituições e papéis definidos dentro da sociedade. Uma das razões pelas quais Turner escolheu esse termo foi a necessidade de que não se confundisse esse fenômeno com a interpretação convencional advinda do termo “comunidade”: “procurei fugir à noção de que a ‘*communitas*’ tem uma localização territorial específica, geralmente de caráter limitado, que permeia muitas definições. Para mim, a ‘*communitas*’ surge onde não existe estrutura social” (TURNER, 1974, p. 154).

Para que se possa vislumbrar, de modo esquemático, o posicionamento do fenômeno da *communitas* em relação aos demais momentos do ritual de passagem, apresento o diagrama a seguir:

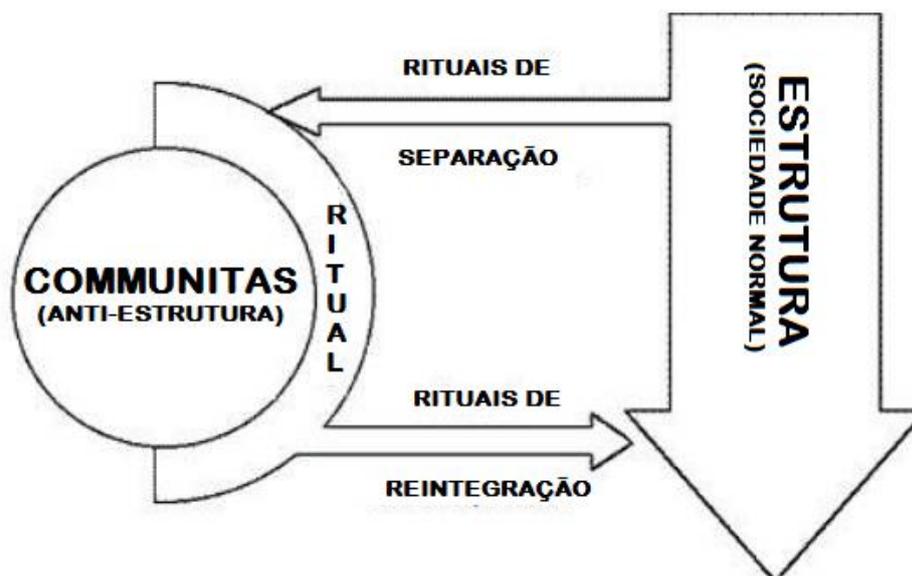


Figura 7 – Os processos existentes no Ritual de Passagem. Traduzido e adaptado por mim de: LEEUWEN, B. R. V. A separate reality-anthropology, ritual and today's mason. Disponível em: <http://www.freemasons-freemasonry.com/ritual-masons.html>. Acesso em: 15 dez. 2014.

Como se vê, a manifestação da *communitas* ocorre em conjunto com a liminalidade, adquire um caráter de antiestrutura e, logo depois, por meio dos rituais de reintegração, é cessada a sua manifestação e o indivíduo retorna para a estrutura social com sua respectiva ordem e encaminhamentos presentes em uma sociedade normal.

E quais seriam as principais características da *communitas*? Inicialmente, Turner apoia-se nas considerações do filósofo Martin Buber e, ao fazê-lo, cita a interpretação realizada por ele sobre o conceito de comunidade. Nas considerações do filósofo, que são resgatadas por Turner: “a comunidade consiste em uma multidão de pessoas que não estão mais lado a lado (e acrescenta-se, acima e embaixo), mas umas com as outras”. (BUBER apud TURNER, 1974, p. 154).

É importante salientar o acréscimo inserido por Turner, uma vez que nele encontramos a compreensão de que na manifestação de *communitas* não há hierarquia social entre as pessoas que participam desse processo. Nesse sentido, poderíamos dizer que essa consideração, de certo modo, também se aplicaria ao conceito de liminaridade; no entanto, esse conceito traz novos elementos.

O primeiro deles é que esse nivelamento social em que todos se tornam iguais é de natureza espontânea, ou seja, não há uma regra de caráter coercitivo previamente determinada no espaço ritual para que as pessoas sejam tratadas como iguais. Outro aspecto interessante é que essa igualdade se manifesta de modo concreto, manifesta-se no plano das ações e da

utilização dos espaços em detrimento das normas abstratas que são utilizadas para a manutenção da estrutura social (TURNER, 1974, p. 154).

Enquanto a estrutura se manifesta, cognoscitivamente, por meio de classificações, estabelecendo, por meio de normas, o posicionamento de cada um dos indivíduos na sociedade, ordenando a vida em comum, a *communitas*, enquanto dimensão existencial, manifesta o homem não somente em sua dimensão cognoscitiva, como também em sua dimensão afetiva, espiritual etc.

Outro aspecto interessante citado por Turner é que a *communitas* somente se apresenta enquanto justaposição, ou seja, é necessário que exista a estrutura para que a *communitas*, enquanto não estrutura, afirme algo que, até então, não se manifestaria na estrutura. Do que foi apresentado até o momento, uma eventual pergunta que poderia surgir se refere aos modos em que se dá a manifestação da *communitas*, e, para responder a essa indagação, apresento a seguir os prescritos por Turner (1974):

Communitas existencial ou espontânea: ela surge a partir da ação de um ou mais indivíduos que, inspirados por um ideal de igualdade e bondade entre as pessoas, se agrupam e montam comunidades baseadas nesse ideal. Exemplos desse tipo de comunidade podem ser percebidos, segundo Turner, em Francisco de Assis e o seu voto de pobreza, ou, em tempos mais recentes, com o movimento hippie/contracultura.

Ao investigar esses exemplos, encontrei um que considero oportuno para ilustrar a presença desse ideal de *communitas* e que pode ser percebido no código hippie, que tinha como regras:

Faça as suas próprias coisas, onde quer que você tenha que fazer isso e quando quiser. Caia fora. Deixe a sociedade como você a conheceu. Deixe-a totalmente. Tocai a mente de cada pessoa comum que você possa alcançar. Ativa-os, se não às drogas, em seguida, à beleza, ao amor, à honestidade, à diversão. (RUFUS, 2013, p. 42, tradução minha).

Em seu código, há um convite à ação, à liberdade, à saída da sociedade que, até então, se vivia. Ainda segundo Rufus, os membros do movimento *hippie* possuíam um espírito livre e que buscava tratar da liberdade, liberdade das instituições existentes, das sociedades escravizadas pelo materialismo, liberdade da mente por meio do uso de drogas, liberdade moral e de crenças, entre outros (RUFUS, 2013, p. 42).

Communitas Normativa: ocorre quando o impulso inicial manifestado em lemas e na agregação dos indivíduos necessita organizar-se com suas respectivas regras para que essas possam ser transmitidas e, dessa forma, haja aquilo que Turner intitula como controle social.

O referido controle é um conjunto de regras que permite a criação da identidade do grupo de modo que se saiba se a pessoa está inserida nessa proposta ou não. A princípio, quando imaginamos o surgimento desses grupos, poderíamos considerar que seria possível a manutenção dessa condição inicial; no entanto, não é possível.

Tão logo eu me agrupe com outros e inicie algumas tarefas, necessitarei estabelecer funções e papéis, inclusive para questões básicas como alimentação e moradia e questões abstratas como, por exemplo, a liberdade. Embora possamos considerar este processo como eventual grilhão, é ele que vai permitir que a força inicial propiciada pelo *communitas* possa continuar (Idem, p. 170).

Exemplos que considero pertinentes foram as leis criadas¹³ nos Estados Unidos logo após o movimento *hippie*. Essas leis estabeleceram bases importantes para os direitos civis e, se esse impulso inicial que deu coesão e identidade ao grupo não tivesse originado essas leis, esse processo criativo gerador de igualdade teria se perdido ao longo da história.

O mesmo se pode dizer do segundo exemplo apresentado por Turner, referente ao movimento iniciado por Francisco de Assis. Nesse movimento, cria-se como regra básica do movimento: o voto de pobreza ou *usus pauper*¹⁴, e nele se estabelece, também, como as pessoas deverão se portar referente à posse de propriedades. Essa regra dá identidade ao grupo e, por outro lado, permite a avaliação de seus participantes frente ao impulso inicial de *communitas*.

Para finalizar, concluo que a estrutura é desdobramento natural da *communitas* existencial ou espontânea. Ela permite a organização e controle do grupo e, além disso, estabelece mecanismos que potencializarão a realização das finalidades propostas por ele. Essa organização permite a continuidade duradoura do grupo, que se fortalece enquanto um sistema social. Se não se dá esse segundo passo, a realização da *communitas* espontânea somente se mantém momentaneamente e, logo depois, se extingue.

Communitas Ideológica: nessa etapa, temos a formulação das ideias e preceitos que originaram o movimento de *communitas* espontânea e, por meio dessa ação, tem-se um

¹³ Refiro-me em especial à Lei dos Direitos Civis de 1964. Essa lei tornou-se um marco na defesa legal dos direitos civis nos Estados Unidos. Dentre algumas das conquistas presentes nessa lei, cito a proibição da discriminação com base na raça, cor, religião, sexo ou origem do indivíduo. Além disso, merece destaque o fato de que ela proibia a segregação nas escolas, no trabalho, entre outros. Uma síntese introdutória sobre todo esse processo e as conquistas e desafios dessa lei pode ser obtida na obra de Jason Skog (2007) intitulada *The Civil Rights Act*, de 1964.

¹⁴ Doutrina estabelecida pela ordem franciscana que buscou estabelecer regras que mantivessem o impulso inicial da *communitas espontânea* de Francisco de Assis. Essa doutrina prescrevia que os franciscanos não poderiam ter propriedades (dominium) e que deveriam usufruir de objetos do mundo que permitissem a eles a sobrevivência em seu nível básico.

corpus discursivo que determina a ideologia do grupo. As utopias presentes no impulso inicial e que se apresentavam, sobretudo, em sua concreticidade se apresentam, agora, em fórmulas e preceitos que, se levados a termo, manterão ou produzirão a experiência de *communitas* em seus primórdios.

Devo salientar que a formulação desses preceitos e sua manifestação em forma de discurso ocorrem em nossas sociedades industriais. Em sociedades pré-industriais e não letradas, temos a presença da *communitas* normativa, manifestada nas regras de funcionamento; no entanto, não há a explicitação, em um corpo discursivo, sistematizado, das ideias que correspondam ao impulso original de criação da *communitas*.

3.5 Drama Social

Uma outra categoria de investigação muito importante produzida por Turner foi a categoria do drama social. Embora, como se verá, o ritual de passagem seja um mecanismo de ação possível frente a esse evento, sua interpretação e entendimento são úteis para demonstrar a versatilidade de situações possíveis em que ocorre o ritual de passagem.

Para começar a minha análise desse tema, convém que apresente, inicialmente, a definição de Turner a respeito desse conceito: o drama social é “uma sequência de interações sociais de um tipo conflitivo, competitivo ou agonístico” (TURNER, 1988, p. 33).

Tudo começaria com uma *violação das regras* e papéis vigentes em dada estrutura social. Essa violação poderia ser simbólica, quando, segundo Turner, a pessoa ou grupo talvez considere que esteja defendendo eventual norma. Desse modo, a violação seria representativa do grupo, embora, por outro lado, uma violação de cunho egoísta, tal como a que ocorre na realização de um crime.

Essa violação ocasiona uma *crise*, considerando que pode desequilibrar a estrutura existente, e, diante de tal contexto, ações são realizadas com o intuito de realizar uma reparação referente à violação realizada. Um aspecto interessante a se destacar é que, nesse momento, há o fenômeno da liminalidade, no entanto, com outras características. Vejamos como Turner aponta essa característica:

Cada crise pública tem o que agora eu intitulo características liminais, na medida em que há um limiar entre fases mais ou menos estáveis do processo social, mas este não é limiar sagrado, cercado ao redor por taboos e lançado fora do centro da vida pública. Pelo contrário, ele se dá em uma instância ameaçadora no fórum por si mesmo e, assim que ocorre, leva os

representantes da ordem a agarrarem-se a ele. Isto não pode ser ignorado ou deixado afastado. (TURNER, 1975, p. 39)

Instalada a crise e tendo os representantes da ordem agido para lidar com o evento causador dela, instala-se nesse momento o processo de *reparação*. Há duas possibilidades para esse ato de reparação, e a primeira delas seria a de que o ato de reparação funcionasse a contento e o(s) infrator(es) fosse(m) reincorporado(s) à estrutura existente. Caso isso não ocorra, há um rompimento no grupo. Especificamente no universo Ndembu, estudado por Turner, quando há esse rompimento, temos o surgimento de uma nova tribo.

Outro aspecto interessante a se ressaltar é que se criam mecanismos para essa tentativa de reparação, e:

Esses mecanismos variam no tipo e complexidade devido a fatores como a profundidade e a significância social compartilhada da violação, a inclusividade social da crise, a natureza do grupo social no qual a quebra teve lugar, e o grau de sua autonomia com referência aos sistemas mais amplos ou externos das relações sociais. (TURNER, 1975, p. 39)

Um dos desdobramentos possíveis para a resolução do drama é a criação de rituais específicos para esse fim. Por fim, quanto a última etapa presente no drama social, essa se caracteriza pela fase de *reintegração*. Nessa fase, temos múltiplas possibilidades, que vão desde a divisão dos grupos, informalização dos relacionamentos, criação de novas normas, etc.

Desses elementos apresentados referentes ao drama social, ressalto dois aspectos. O primeiro deles é que o rito de passagem se apresenta como uma possibilidade entre as existentes para a resolução do conflito, e o outro é que, caso não haja a reintegração do grupo, ocorre uma cisão nesse mesmo grupo. Vejamos, agora, no quadro a seguir, uma síntese sobre o que foi dito:

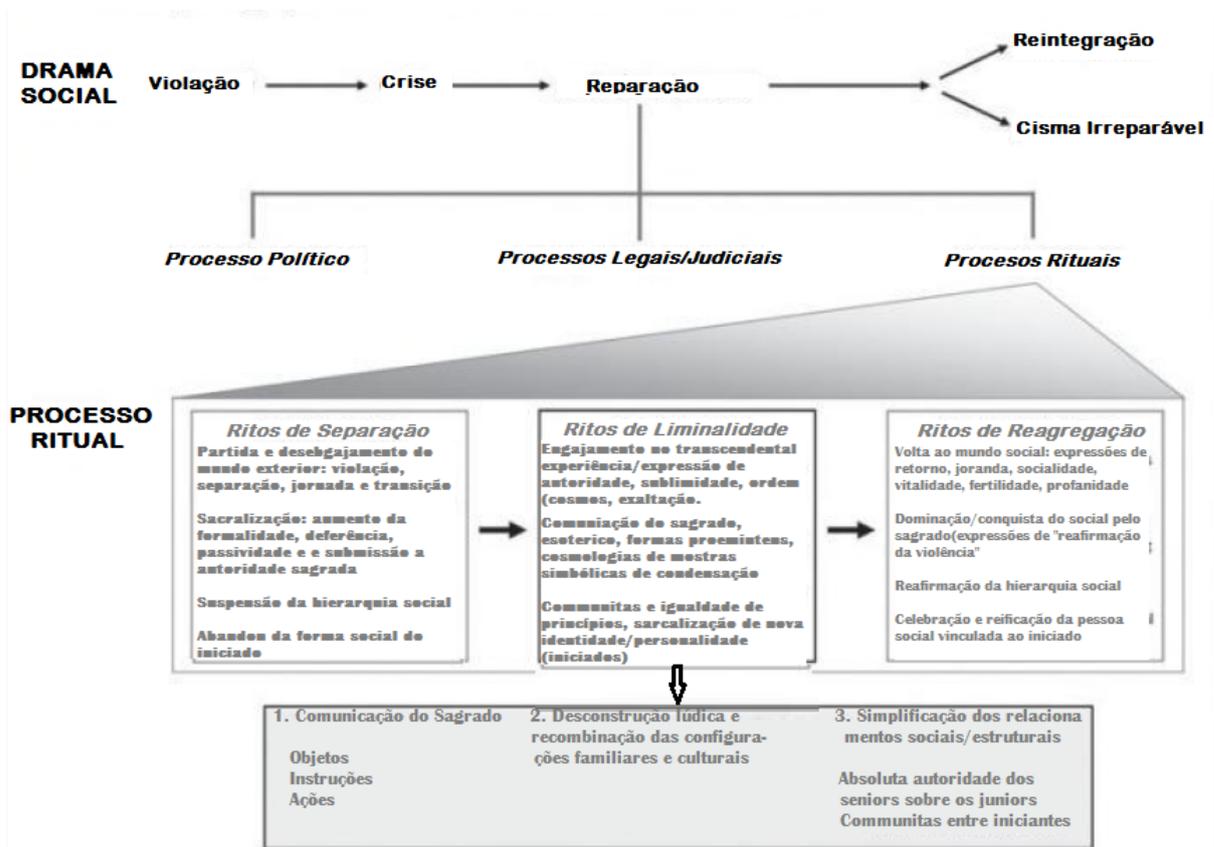


Figura 8 – O drama social em Victor Turner. Traduzido e adaptado por mim de: GARWOOD, P. *The rites of passage*. In: INSOLL, T. (Ed.). *The Oxford handbook of the archaeology of ritual and religion*. London: Oxford University Press, 2011, p. 263.

Considero pertinente finalizar esse tema informando que existem muitas obras que abordam a presença do drama social na realidade atual. Entre elas, destaco o trabalho de Farrel (1989), que investigou o quanto a mídia de massa faz uso de uma retórica baseada no drama social, e um artigo produzido por Bell (2006), que investigou a presença do drama social no escândalo Clinton/Lewinski.

3.6 Os Rituais na atualidade

Ao longo dos itens anteriores, tratei da minha fundamentação teórica atinente aos ritos de passagem e algumas das principais categorias existentes na base epistemológica que fundamenta minha pesquisa. Agora, efetuei considerações a respeito de como o ritual se realiza atualmente em sociedades contemporâneas ocidentais e, além disso, como o ritual de passagem se insere no universo escolar.

Por meio dessa opção, espero demonstrar que o ritual de passagem continua existindo em sociedades como a nossa e que a opção de estudar sua manifestação dentro do espaço escolar tem sustentação acadêmica.

Começamos, então, pela forma como o ritual se manifesta atualmente. Das análises que realizei a esse respeito, destaco as considerações a seguir, emitidas por Damatta, ao tratar das sociedades industriais capitalistas, sociedades essas nas quais nos encontramos inseridos. Segundo esse autor:

Em formações sociais altamente diferenciadas, atomizadas e individualizadas, como é o caso da sociedade capitalista. Nestas sociedades onde o indivíduo é central, e onde todo o 'sistema' é concebido como estando a serviço do indivíduo, pois é a sociedade que deve se transformar para fazer feliz o indivíduo e não o contrário, o problema não é evidentemente separar, mas juntar e integrar. Os ritos em sistemas individualistas, então, seriam ocasiões de totalização [...] Num sistema como o nosso, onde o indivíduo sempre tem primazia, tudo já está separado conceitual e concretamente. Por causa disso, aqui o rito não divide, junta. Não separa, integra. Não cria o indivíduo, mas a totalidade. (DAMATTA, 2011, p. 20)

Considerarei essa análise de DaMatta de grande importância, porque nela estão assentados vários aspectos que permitem contextualizar o fenômeno do rito ontem, em sociedades pré-industriais e iletradas, e hoje, em sociedades capitalistas do século XXI. O primeiro aspecto que gostaria de analisar refere-se ao culto à individualidade.

Conforme abordei anteriormente, sobretudo em sociedades pré-industriais, a sociedade organizava-se em uma estrutura coletiva, e cabia ao indivíduo cumprir seu papel nas relações sociais pré-existentes. Desse modo, tínhamos uma condição em que o indivíduo estava para a sociedade, e não a sociedade para o indivíduo.

Nos ritos de passagem presentes nessa condição, a eventual individualidade manifestava-se enquanto antiestrutura da estrutura coletivista previamente existente. Em contrapartida, na atualidade, mesmo que ainda tenhamos várias sociedades que sigam o modelo pré-industrial, temos, também, uma sociedade que possui, enquanto estrutura, a afirmação do indivíduo em detrimento da coletividade, e o convite a esse indivíduo não é o de que ele cumpra determinado papel, mas que a sociedade aja para se adaptar ao papel criado pelo próprio indivíduo.

Essa condição faz com que o rito atue de modo a impedir que a atomização do indivíduo se acentue sobremaneira e os eventuais elos necessários para a manutenção da sociedade não venham a se encontrar em risco.

Outro aspecto a se destacar refere-se à predominância do fenômeno liminoide nos tempos atuais. Se pensarmos, metaforicamente, a possibilidade de que o fenômeno liminal seja um grande espelho em negativo da estrutura social, o liminoide corresponderia a

fragmentos desse espelho. No entanto, enquanto o fenômeno liminal separa o indivíduo da sociedade para integrá-lo, logo a seguir, nessa mesma sociedade, o fenômeno liminoide, por sua vez, realiza a integração por meio da ação lúdica de artistas, escritores, entre outros, e os integra para mudar essa mesma sociedade.

Nesse sentido, chamo a atenção para as considerações emitidas por Turner no encerramento de sua obra *O Processo Ritual*. Nela o autor nos brinda com a seguinte conclusão:

Sem dúvida, nas grandes e complexas sociedades, com alto grau de especialização e de divisão de trabalho, com muitos elos associativos dos interesses individuais e geral enfraquecimento dos estreitos laços entre grupos, a situação provavelmente será muito diferente. Num esforço para sentir a 'communitas', os indivíduos procurarão tornar-se membros de pretensos movimentos ideológicos universais [...] A flexibilidade e a mobilidade das relações sociais nas modernas sociedades industriais, entretanto, poderão oferecer melhores condições para o surgimento da 'communitas' existencial, quanto mais não seja, somente em encontros transitórios e inumeráveis, do que qualquer forma anterior de ordem social. (TURNER, 1974, p. 244)

Dessas considerações, concluo, concordando com Turner, que a busca pela superioridade simbólica presente no ritual, ou, ainda, o sentimento de pertencimento a um grupo ou coletividade, compõe uma necessidade humana presente na nossa sociedade, e, para realizá-la, utilizam-se rituais ou, respectivamente, eventuais episódios liminoides de *communitas* existencial. Na realização desses episódios, realiza-se um processo dialético que dá força e sentido para a vida humana.

Para encerrar, amparo-me em Grimmes (2000, p. 121), para enfatizar a importância de Turner nas teorias que tratam do ritual de passagem. Ainda que tenham continuado a trajetória de Genep, foram de tal alcance e originalidade suas obras que nos impedem de tratá-lo como um mero estudante ou sucessor de Genep. Mais que tão somente confirmar o novo status do pretendente, tal como a cerimônia, o ritual de passagem, nas considerações emitidas por Turner, possui uma dimensão criativa e inovadora, ou, porque não, subversiva, o que faz com que o indivíduo, ao sair do processo ritual, passe por um verdadeiro processo de transformação.

3.7 Roupas e Rituais em Van Gennep e Victor Turner

Após a apresentação dos fundamentos de análise do ritual de passagem nos autores que amparam minha pesquisa, convém, agora, tratar da presença e uso de vestimentas nos rituais de passagem investigados por esses pesquisadores. Faço essa opção para demonstrar que o uso ritualístico de roupas é elemento que povoa a obra de ambos e a eventual interpretação de seu uso poderá me ajudar a analisar, com maiores detalhes e possibilidades, o meu objeto de estudo.

Começarei por tratar de Van Gennep. Em sua obra clássica, *Lês Rites de Passage*, encontrei, aproximadamente, uma dezena de vezes a referência ao uso ou mudança de vestimenta na realização do ritual de passagem. A primeira delas tratou do relato apresentado referente ao povo búlgaro, e, nele, temos alguns ritos de proteção realizados por esse povo. Dentre eles, destaco o que se segue:

No dia Santo Inácio até a Festa das Calendas (Kolieda), a futura mãe não deve lavar a cabeça **nem limpar suas roupas**, nem pentear-se depois do anoitecer. Não deve sair de casa no nono mês. **Não deve tirar durante uma semana os vestidos** que usava no dia do parto. (GENNEP, 2011, p. 56, grifo meu)

A roupa utilizada no dia do parto tem um papel protetivo, pois foi usada no momento em que houve o parto com sucesso. Sua retirada ou o ato de lavá-la poderia fazer com que esse elemento que propiciou boa sorte para o nascimento da criança perdesse suas qualidades de proteção. Considerei muito interessante esse relato devido ao fato de que me deparei com situações semelhantes na escola onde, certa vez, um aluno comentou que usava determinada roupa em encontros porque ela trazia a ele “boa sorte”.

Muitos outros se somam a esse exemplo e demonstram o uso da vestimenta para fins os mais variados dentro do espaço ritual. Apresento, a seguir, uma síntese do que foi encontrado:

Iniciação Sexual: a troca de vestimentas se insere em um grande processo de ascendência à vida adulta, e uma de suas manifestações é a utilização do primeiro vestuário sexual, ou seja, que atesta a condição do indivíduo para que possa realizar atividades sexuais (Idem, p. 68).

Diferenciação temporária: Gennep realiza uma distinção entre as mudanças físicas temporárias e as mudanças físicas definitivas como instrumento de diferenciação. A respeito dessas últimas, temos as mutilações e, por outro lado, nas temporárias, temos o uso de

máscaras, pinturas no corpo e o uso de um vestuário especial. Gennep conclui que o uso de objetos e roupas, máscaras etc. que causam mudança temporária “São estas que vêm desempenhar considerável papel nos ritos de passagem porque se repetem a cada mudança na vida do indivíduo” (Idem, p. 78).

Elevação hierárquica: temos como exemplo a sociedade dos Areoi, localizada no Taiti e, segundo Gennep, também em outros lugares da Polinésia. Nessa sociedade, as mudanças ocorrem por meio de graus, e esses graus são obtidos através de tatuagens que vão mudando tanto em seu aspecto qualitativo quanto quantitativo. A vestimenta era utilizada para que a pessoa que pretendesse adentrar a essa sociedade pudesse fazê-lo, pois “quem quisesse tornar-se membro da sociedade exibia-se vestido e adornado de maneira não ordinária e assumia um comportamento de quem parecia perturbado do espírito.” (Idem, p. 84).

Agregação e Suspensão: especificamente quanto aos ritos de agregação a determinada tribo, Gennep (Idem, p. 177) cita que existem “como ritos de separação, além dos raptos, os do vestuário”. Nos ritos de agregação, quando o indivíduo volta à estrutura existente, está presente, também, o uso de vestimentas, em que os indivíduos passam a “envolverem-se nos mesmos vestuários” (Idem, p. 118). Outro exemplo se refere à suspensão do luto. Nele, o indivíduo deixa de usar vestuários especiais e, nesse caso, “devem, portanto, ser considerados como ritos de reintegração da vida social, restrita ou geral, da mesma natureza que os ritos de reintegração do noviço” (Idem, p. 129).

Como se pode perceber, é possível constatarmos, em Gennep, que a vestimenta é instrumento simbólico presente no ritual de passagem, e sua significação e uso se encontram em todas as etapas do ritual. Vejamos, agora, como, segundo Turner, a vestimenta está presente.

Ao investigar esse aspecto nas considerações de Turner, o fiz, sobretudo, amparado em sua clássica obra *O Processo Ritual: Estrutura e Anti-Estrutura*, pois ela apresenta o relato daquilo que encontrou presente na cultura *Ndembu* e que gerará as reflexões e releituras posteriores que realizará a esse respeito.

Diferentemente de Gennep, em Turner, as referências ao uso das roupas em processos rituais não aconteceram na mesma profusão que as apresentadas por Gennep. Isso, de certo modo, é compreensível, pois, enquanto Gennep investiga múltiplos rituais e em várias culturas, Turner investiga os rituais presentes tão somente na cultura *Ndembu*. No entanto, há um momento na obra de Turner que considero muito importante e que trata do tema de minha investigação.

Refiro-me ao momento em que esse autor se põe a realizar um quadro comparativo entre as propriedades da liminaridade, presente no ritual de passagem, e o sistema de posições sociais existentes na estrutura convencional da sociedade. Turner buscou apresentar um modelo com discriminações binárias:

LIMINARIDADE	POSIÇÕES SOCIAIS
Transição	Estado
Totalidade	Parcialidade
Homogeneidade	Heterogeneidade
“Communitas”	Estrutura
Igualdade	Desigualdade
Anonímia	Sistemas de nomenclatura
Ausência de propriedade	Propriedade
Ausência de “status”	Status
Nudez ou uniformidade de vestuário	Variedade de vestuário
Continência sexual	Sexualidade
Subestimação das distinções sexuais	Alta importância das distinções sexuais
Ausência de classe	Distinções de classe
Humildade	Justo orgulho de posição
Descuido com a aparência pessoal	Cuidado com a aparência pessoal
Nenhuma distinção de riqueza	Distinções de riqueza
Altruísmo	Egoísmo
Obediência total	Obediência apenas à classe superior
Sacralidade	Secularidade
Silêncio	Fala
Suspensão de direitos e obrigações de parentesco	Obrigações e direitos de parentesco

Tabela 01 – Diferenças entre a liminaridade e o sistema de posições sociais. Adaptado de: TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. São Paulo: Vozes, 1974, p. 130.

Na liminaridade, conforme já abordado, há um contraponto à estrutura existente, e, em razão disso, o afastamento das posições sociais, a igualdade, o término do “*status*”, se apresentam, também, no uso de vestimentas, que deixam de manifestar a individualidade por meio da diferença e passam a demonstrar uma certa coletividade por meio da igualdade.

Um aspecto importante a ser tratado a esse respeito, e que será investigado em minha pesquisa, refere-se a como interpretar o fenômeno das camisetas de formatura, uma vez que, dentro do espaço escolar, os alunos já se encontram vestindo uma camiseta que, em tese, os torna iguais quanto à vestimenta. Por outro lado, as turmas que irão concluir seus estudos passam a se vestir de modo diferente dos demais alunos de outras turmas.

3.8 A importância dos rituais na escola

Para finalizar a apresentação de meus fundamentos epistemológicos, tratarei, agora, de como a investigação do ritual de passagem compõe um dos elementos a serem investigados na escola e, logo depois, tratarei da importância que tem sido dada à existência ou implantação de rituais de passagem nessa instituição.

Quando tratei da originalidade de minha pesquisa ao abordar a importância do banal, apontei a existência de muitos trabalhos que investigam esse fenômeno; no entanto, naquele momento, não abordei o conjunto de investigações que são realizadas e que têm, dentre alguns dos seus temas, o ritual de passagem.

Essa contextualização é importante para demonstrar que a pesquisa realizada por mim não só possui originalidade, mas também se insere em um sólido conjunto de investigações sobre a escola.

Nesse sentido, constatei que os rituais têm sido um dos elementos estudados quando as pesquisas têm por objetivo investigar a cultura escolar (FARIA FILHO, 2004). Essa afirmação pode ser confirmada nas considerações de Viñao (2006, p. 73, grifo meu):

A cultura escolar, assim entendida, estaria constituída por um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, *rituais*, inércias, hábitos e práticas (formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentadas ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras do jogo não postas em entredito, e compartilhadas por seus atores, no seio das instituições educativas.

Das questões investigativas levantadas pela análise da cultura escolar, constato que os rituais presentes na escola se inserem em uma faceta da cultura escolar que tem como principal característica o fato de ter:

[...] posto o acento sobre as práticas escolares, a materialidade e formalidade da cultura escolar [...] De uma forma geral, os estudos que se concentram nessa vertente, em íntimo diálogo com outros desenvolvidos na área, têm afirmado o quanto os praticantes da cultura escolar desenvolvem suas práticas a partir de seus lugares, de suas posições no interior de um sistema de forças assimétricas. (FARIA FILHO, 2004, p. 151)

Essa relação hierárquica frente à determinada estrutura e os eventuais papéis dos sujeitos submetidos a ela são elementos muito próximos daqueles investigados até o momento nos rituais de passagem. Considero que a grande diferença de minha investigação é que sairei

do macrocosmo referente ao indivíduo, à sociedade/estrutura e suas múltiplas instituições, e adentrarei em um microcosmo de uma das instituições que essa mesma sociedade possui.

Além disso, há outro dado coletado em minha pesquisa bibliográfica sobre o tema que certamente merece ser destacado. Refiro-me às várias produções que investigam ou defendem a importância da existência do ritual de passagem dentro das escolas e, mais interessante ainda, a implantação de rituais de passagem em seu interior.

Para começar minha análise dessas produções, devo apresentar o primeiro texto que me gerou o interesse pelo tema e as investigações posteriores que realizei. Trata-se de um pequeno artigo produzido por Kessler (2000), no qual o autor aborda sua experiência como educador e o relato de dois projetos escolares que implantaram rituais de passagem dentro do espaço escolar. Após explanar sobre as características e qualidades desse projeto, o autor concluiu que:

Os ritos de passagem satisfazem uma necessidade de nossos jovens, e eles renovam a comunidade como um todo. A iniciação pode transformar uma menina em uma mulher e um menino em um homem, mas também fortalece a comunidade, adicionando novos adultos que têm muito a contribuir, que são portadores responsáveis da cultura. (KESSLER, 2000, p. 33, tradução minha)

Munido dessa apologia ao ritual de passagem, passei a investigar outras produções que tratassem desse tema, já que, embora em produções como a de Borges (2013) se faça uma defesa da importância do ritual na escola, essa e outras investigações que apontei¹⁵ tratavam da constatação de sua existência, mas não apontavam, objetivamente, a proposta e os respectivos mecanismos de implantação de novos rituais de passagem dentro das escolas.

Ritos de Passagem para Afro-Americanos: a primeira produção que encontrei quando passei a investigar, especificamente, esse tema foi a de Michael Brooks (2005), e nela o autor relata a implantação de um projeto de Ritos de Passagem para estudantes afro-americanos. Segundo Brooks, esse programa foi criado para atender à população afro-americana “em um esforço para ajudar os mais jovens a se afastarem das forças potencialmente destrutivas que podem interferir em sua saúde social e no funcionamento cognitivo.” (2005, p. 56).

O projeto assenta-se, segundo Brooks (2005), em quatro elementos que geram benefícios psicológicos e cognitivos. O primeiro deles é que o projeto institui a presença de um líder adulto positivo, e essa condição oferece um apoio ao hiato existente entre a formação do jovem e a falta de modelos adultos para ela. O segundo aspecto refere-se à melhoria da

¹⁵ Essas produções foram abordadas em minha Introdução e também na seção “A Relevância do Banal”.

autoestima e confiança do aluno, visto que alguns dos rituais oferecem, dentre outras atividades, a chance de esse aluno adquirir orgulho de sua cultura. Quanto ao terceiro aspecto, esse se caracteriza pela ênfase no sucesso acadêmico e criação e ampliação de espaços de aprendizagem.

Por fim, o último aspecto caracteriza-se pelo envolvimento da comunidade e da família no processo, o que favorece o sentimento de pertencimento do aluno à sua comunidade. Ao relatar o caso específico de uma aluna chamada Shannon, o autor constata que os rituais de passagem ampliam a capacidade de resiliência dos alunos aos desafios existentes na sociedade e na escola.

O Projeto ROPE: com uma proposta semelhante, temos o programa *Rite Of Passage Experience* (ROPE), desenvolvido por Blumenkrantz e Reslock (1993). No artigo selecionado, os autores realizam uma avaliação desse projeto, implementado em uma comunidade ao longo de seis anos.

Os autores foram levados a elaborar esse projeto ao se basearem em produções que afirmam que “hoje pessoas jovens trocaram o ritual por atividades adultas informais como beber, fumar e usar drogas para marcar para eles mesmos e seu grupo de pares, sua entrada na vida adulta.” (BLUMENKRANTZ; CAVAZZI, 1993, p. 202, tradução minha).

Por meio da criação de ritos de passagem “modernos”, os autores buscam, através desse projeto, criar um veículo que “transmita e preserve crenças essenciais, atitudes e habilidades com os valores da comunidade para continuar em gerações futuras.” (Idem, p. 200, tradução minha).

Ainda que tenha como referência os alunos e o período em que estão na escola, o projeto tem como premissa básica a participação da comunidade no apoio e intervenção e, desse modo, resgata-se a relação do indivíduo com sua estrutura tal como vimos anteriormente.

O projeto realiza três intervenções distintas ao longo de 06 (seis anos) da vida do aluno. Essas intervenções acontecem no momento em que o aluno se encontra no período elementar (*elementary*), médio (*middle*) e secundário (*junior high school*). Em cada uma dessas fases são realizadas atividades e tratados conhecimentos específicos.

Na primeira etapa, quando o aluno está saindo do elementar para o médio, é feita uma série de atividades rituais em que, por meio delas, os alunos passem a entender a importância dos rituais e das mudanças que terão ao iniciarem sua adolescência. Além disso, são apresentadas a esse grupo várias possibilidades de lazer para ampliarem o leque de atividades que podem fazer em seu cotidiano.

Já na segunda fase, voltada para alunos do nível médio, pais, comunidade e escola devem agir de forma conjunta de modo a oferecer atividades de lazer que proporcionem o engajamento e aprimoramento na capacidade dos alunos. Essas atividades devem estar disponíveis ao longo de toda a semana e em outros horários que não os de funcionamento da escola. É necessário, também, que existam líderes adultos que acompanhem os alunos ao longo das atividades.

Por fim, na terceira e última fase, são realizadas atividades para o aluno que está no Ensino Médio. Nelas, há, de modo acentuado, o envolvimento do aluno em serviços de atendimento à comunidade.

Há algumas lacunas a serem respondidas no artigo em questão, e uma delas é a descrição do que seriam ritos “modernos”, ou seja, como eles fazem uso da estrutura ritual nas atividades realizadas com a comunidade. Um aspecto interessante é que, na descrição dessas atividades, se percebe a tentativa de retirar o aluno de seu mundo atomizado, individualizado, e de inseri-lo na comunidade de modo que tenha uma experiência de pertencimento a uma coletividade.

O Livro do Ano: esse é um projeto que possui muitas semelhanças com o que investigo. Produzido por Collinson e Hoffman (1998) para o encontro anual da Associação Americana de Pesquisa em Educação, nesse projeto, temos uma investigação que realizaram no chamado *YearBook* (O Livro do Ano).

Bem, e como seria um Livro do Ano? Ao investigá-lo, pude perceber que ele exerce uma função de anuário – tanto é assim que, muitas vezes, recebe, também, o nome de Anual. Trata-se de um livro publicado anualmente e nele se encontra a ficha dos alunos, bem como quais foram os destaques do ano, e que, de certo modo, busca comemorar no tempo a passagem do ano anterior.

Pude perceber também que a publicação do Livro do Ano é muito comum em quase todas as escolas norte-americanas, australianas, canadenses e escolas de Ensino Médio nesses países. Também muitas escolas de Ensino Fundamental fazem uso desses livros.

Ao investigar os discursos dos alunos presentes nesses livros, os autores constataram que “A mínima atenção para os acadêmicos nos *yearbooks* ressaltam pesquisas sugerindo que as metas dos alunos para o ensino médio não são congruentes com as metas estabelecidas pela escola, que usualmente está focada no acadêmico” (COLLINSON; HOFFMAN, 1998, p. 10, tradução minha).

Um aspecto interessante encontrado na abordagem desses pesquisadores é eles, apoiados nas considerações de Chang (CHANG apud COLLINSON; HOFFMAN, 1998, p.

11), classificarem os referidos livros como “marcadores de independência”. Considero essa abordagem interessante, uma vez que uma das hipóteses que aventei foi a de conceber as camisetas de formatura como uma manifestação simbólica de mudança de *status* que, de certo modo, mostraria a eventual mudança frente à condição anterior.

Merece destaque, também, o fato de que esses livros são utilizados para representar o grupo de alunos que compôs a turma; no entanto, a ênfase é dada na individualidade desses alunos, uma vez que cada um deles deve se manifestar naquilo que considera particularmente especial e importante dentre o ocorrido no ano anterior.

A Função do Ritual no Processo de Socialização em escolas Públicas e Privadas:

Este foi desenvolvido pela pesquisadora Judith L. Kapferer, que buscou investigar como duas escolas privadas fazem uso do ritual em seu cotidiano e a diferença existente entre esses rituais realizados nessas duas escolas, dos realizados em escolas públicas.

A justificativa que a investigadora apresentou é a de que a escola possui, como um de seus principais objetivos, a realização de processos de socialização e, nesse sentido, os ritos realizados dentro do espaço escolar promoveriam esse processo.

Tendo em vista essa importância, uma questão investigativa que Kapferer apresenta seria a de como os rituais de passagem são utilizados para fins de socialização nesses formatos diferentes de escola.

A ênfase na socialização é o foco principal de sua investigação e, em razão disso, convém que se apresente a interpretação fornecida pela autora referente a esse processo:

A socialização é uma operação em grande parte secreta, lidando com a inculcação de modos culturalmente definidos de perceber o mundo e agir dentro dele. Preocupa-se com as ideias, muitas vezes amorfas e conflitantes e raramente criticamente examinadas, que compõem a visão de mundo de um grupo social particular. (KAPFERER, 1981, p. 258, tradução minha)

Ainda segundo a autora, o projeto de socialização presente na escola contempla a “organização de atitudes e comportamentos dentro do meio cultural da escola” (Idem, p. 258) e, por outro lado, o conjunto mais amplo de valores que são considerados como importantes pela nossa sociedade.

Feita essa contextualização, sua pesquisa buscou investigar a ênfase que é dada ao ritual como instrumento de socialização em escolas públicas e privadas e, por meio desse objetivo, buscou também:

[...] distinguir a estrutura das relações característica das escolas onde o Estado domina as relações entre professores, entre professores e alunos, e

professores e pais, a partir da estrutura das relações nas escolas onde os professores são mais diretamente responsáveis perante uma clientela parental. (Idem, p. 261, tradução minha)

Ao fazer uma análise de dois rituais realizados nas escolas privadas que pesquisou e da inexistência de rituais semelhantes nas escolas públicas, a autora constatou o quanto esses rituais funcionariam para estabelecer certa coesão, identidade e comprometimento do grupo com os valores da classe social à qual pertencem.

Segundo a autora, nas escolas públicas, temos um sistema burocratizado, centralizado e controlado publicamente pelo sistema, de modo que as instituições funcionam:

Como agentes do estado secular, a escola pública, burocraticamente organizada e controlada, apregoando o pragmático, o instrumental, o universalístico. Aqui há um pequeno espaço para o desenvolvimento ou suporte para as funções sacralizantes do ritual, e isto é em nenhuma parte mais verdadeiro que na área da socialização, uma área geralmente vista, por familiares e professores, como além das fronteiras das preocupações escolares, como algo não importante, é somente nas escolas privadas que é reconhecida oficialmente no projeto educacional. (Idem, p. 260, tradução minha)

Em contrapartida, nas escolas privadas não existiria esse sistema de estrutura burocrática, e, além disso, o fato de que a clientela existente na escola privada possui características mais homogêneas favoreceria a existência dos rituais.

Além disso, à medida que as escolas públicas deixam de realizar esses mecanismos de agregação e coletividade presentes nos rituais, atribuindo essa finalidade tão somente para outras esferas tais como o grupo, família ou bairro, essas escolas agem de modo centrífugo, ou seja, afastam o indivíduo da estrutura coletiva. Em contrapartida, as escolas particulares, ao realizarem esses mecanismos rituais, agem de modo a criar uma força centrípeta em seus alunos, ocasionando maior união em detrimento do afastamento gerado nas escolas públicas.

Com isso, segundo a autora, as escolas públicas falham ao não criar um comprometimento coletivo de sua comunidade escolar com os fins da escola e os eventuais valores sociais que se consideram interessantes e que deveriam ser almejados.

4. INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

Optei por criar uma seção específica para tratar das técnicas de pesquisa que utilizei. Embora compreenda as eventuais críticas ao risco da adesão irrestrita a um método/técnica, como formuladas, por exemplo, por Feyerabend (1977), ou ainda a tendência em muitas pesquisas que investiguei em que há a diluição desse item ao longo da produção científica, considero de suma importância estabelecer, de modo claro e objetivo, os meios que utilizarei para realizar minha investigação e sua necessária solidez para a finalidade proposta.

Para realizar essa escolha, pautei-me pela obra de H. Russel Bernard (2006), a qual busca delinear os principais métodos de investigação utilizados pela antropologia, quer possuam características investigativas quantitativas ou qualitativas.

Inicialmente, empreguei como instrumento adequado para a coleta de dados dessa investigação dois instrumentos investigativos que, segundo Bernard, são utilizados comumente pela antropologia. O primeiro deles se deu por meio da realização da observação participante, pois:

O trabalho de campo da observação participante é a fundação da antropologia cultural. Esta envolve estar perto das pessoas e fazê-las sentirem-se confortáveis o suficiente com sua presença e então você poderá anotar informações sobre suas vidas [...] A observação participante é ao mesmo tempo um método humanista e científico. Ela produz o tipo de conhecimento experimental que lhe permite falar de forma convincente, da volição, sobre o que se sente ao se plantar um jardim no alto dos Andes ou dançar a noite toda em uma rave de rua em Seattle. (BERNARD, 2006, p. 349, tradução minha)

Bernard (2006, p. 346) aponta que esse método tem profundas raízes na sociologia e, atualmente, é utilizado em várias áreas da Ciência Social. Especificamente nessa pesquisa, lancei mão desse instrumento, quer seja pelo fato de que foi um instrumento utilizado por Victor Turner ao investigar a cultura *Ndembu* ou pelo fato de que estou, na condição de professor, inserido no ambiente onde surgiu o fenômeno que investiguei, sendo que essa condição me permitiria, em tese, captar outros aspectos presentes nesse fenômeno que, talvez, não pudessem ser captados tão somente estando fora do processo.

Além disso, como a comunidade discente que será investigada me tem como um elemento naturalmente previsível e que deverá estar presente em seu ambiente escolar, considerei que essa condição me propiciaria uma aproximação adequada para análise do objeto a ser investigado.

Realizada essa opção, um desdobramento natural dessa técnica se manifestou na realização de um trabalho de campo, considerando que esse é um elemento usualmente presente nesse tipo de pesquisa (Idem, p. 343).

Quanto aos mecanismos costumeiramente utilizados para registro de dados, eles geralmente ocorrem por meio de “anotações, um diário, um registro, e notas de campo adequadas.” (BERNARD, 2006, p. 389, tradução minha).

Por meio desse instrumento, é possível o registro das rotinas, sentimentos, ações e discursos que ocorrem na escola no período de transição do aluno e, também, como eles se dão dentro do processo de construção das camisetas.

Nessa pesquisa, o mecanismo de registro de dados ocorreu por meio da realização de entrevistas junto aos atores envolvidos diretamente nesse processo. Optei por esse instrumento, com características intrusivas, na medida em que me identifico como pesquisador, devido aos eventuais riscos éticos¹⁶ existentes caso viesse a adotar uma abordagem não intrusiva.

Além disso, destaco, também, a opção por esse instrumento investigativo ao considerar que ele possui as seguintes características:

As entrevistas semiestruturadas são projetadas para se ter um número de questões de entrevista preparadas antecipadamente, mas tais questões preparadas são projetadas para serem suficientemente abertas de modo que as questões subsequentes do entrevistador não possam ser planejadas antecipadamente, mas devem ser improvisadas de um modo teorizado e com cuidados. (WENGRAF, 2004, p. 5, tradução minha)

Busquei elaborar algumas perguntas que poderiam fornecer dados sobre o meu objeto de estudo e que permitiriam a formulação de novas questões diante das respostas fornecidas pelo entrevistado; no entanto, com o cuidado de evitar a inserção das questões de pesquisa nas perguntas apresentadas na entrevista, pois concordo com as considerações de Wengraf quando afirma que “As questões de pesquisa devem ser distinguidas das respostas da pesquisa” (WENGRAF, 2006, p. 61, tradução minha).

Esse cuidado apresentado por Wengraf é importante porque, no afã de detectar a hipótese levantada em um projeto investigativo, poderia cometer o equívoco de inserir alguns

¹⁶ Compartilho das considerações de Angrosino (2009), que, ao tratar desse tema, estabelece a eventual isenção na obtenção dos dados, visto que o pesquisador não se identifica como tal, mas, por outro lado, é aquela que traz maiores problemas éticos ao pesquisador devido aos riscos de exposição e invasão de privacidade e de direitos dos pesquisados.

conceitos-chave presentes nos fundamentos teóricos que utilizo na pesquisa e, indiretamente, influenciar diretamente na resposta obtida.

Considero que esse posicionamento seja tipicamente esperado na conduta de um pesquisador, de modo que sua intervenção não ultrapasse os níveis de interferência já esperados por meio de sua presença no ambiente investigado. Entretanto, considero importante enfatizá-lo.

Para que isso ocorresse, formulei questões com o intuito de instigar os sujeitos investigados a fornecerem informações sobre meu objeto de estudo, dentre as quais cito algumas das questões que formulei:

- Quais os motivos que os levam a produzir suas camisetas de formatura?
- Qual o critério que usam para a escolha de imagens e textos que serão inseridos na camiseta?
- Como vocês analisam a função do diretor nesse processo e como lidariam com a possibilidade de que sua camiseta não fosse aprovada pelo diretor de sua escola?

Sendo assim, convém destacar que, ao proceder desse modo, em nenhum momento, lidei com as questões de pesquisa em minha entrevista e procurei, por meio das respostas obtidas nas questões da entrevista, coletar dados que me permitissem analisar o fenômeno baseado em meus referenciais investigativos, evitando, com isso, qualquer indução dos sujeitos pesquisados.

Levantei também a possibilidade de realizar uma entrevista com o diretor da escola, pois, conforme visto anteriormente, poderia apresentar dados de como um outro participante do processo educativo, que exercita uma função de poder e autoridade no processo de seleção da camiseta, avalia esse fenômeno. Além disso, essa opção poderia produzir eventuais dados relevantes sobre os aspectos políticos presentes nessa pesquisa e já citados anteriormente.

Como a produção dessas camisetas se tornou um hábito arraigado em todas as escolas presentes no município onde realizarei essa pesquisa, pretendia efetuar essas entrevistas com dois representantes de classe da oitava série do Ensino Fundamental e dois representantes de classe do terceiro ano do Ensino Médio na escola onde atuo. A escolha desse perfil de aluno ocorreu pelo fato de que, em tese, foram escolhidos pelos demais alunos para representarem sua turma nas decisões atinentes ao grupo e, em razão disso, demonstrariam eventual confiança da turma na sua representatividade das ideias e valores.

Quanto aos procedimentos éticos para a realização da pesquisa, adotei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE a ser apresentado aos pais dos alunos, aos respectivos alunos, ao diretor da escola e, após sugestão da banca de qualificação, também aos

professores representantes das salas entrevistadas. As entrevistas foram realizadas em sala ampla, privativa e que se inseria na estrutura física da própria escola.

Há que se dizer que o já citado município se encontra no interior do estado de São Paulo, possui uma população de, aproximadamente, 50 mil habitantes e um índice de desenvolvimento humano (IDH-M) de 0,825.

4.1 Local de Realização da Pesquisa

A Pesquisa foi na Escola Estadual “Cândido Portinari”

Endereço do Local da Pesquisa:

Pça. Coronel Nogueira nº 01

Bairro: Castelo

Cidade: Batatais – SP

Fone: (16) 3761 2620

4.2 Critério utilizado para seleção da escola

Como se trata de um estudo de caso, com características individuais e intrínsecas, delineado a partir da constatação do fenômeno a ser investigado no local onde atuo profissionalmente, a escolha do local ocorreu devido a essas particularidades.

4.3 Perguntas que serão aplicadas aos alunos

Pergunta 01: Sua sala de aula planejou a produção das camisetas de formatura?

- Resposta Negativa: Houve algum momento em que pensaram em produzi-la?

Explique.

- Resposta Afirmativa: Existiram alguns motivos específicos que os levaram a produzir essas camisetas? Quais foram eles?

Desdobramentos para as respostas afirmativas:

Pergunta 02: Como foi o processo de escolha do modelo selecionado por vocês? Houve participação de outras pessoas que não compõem a sua turma no processo de escolha?

Pergunta 03: Como a escola e a direção da escola agiram diante da camiseta escolhida? Houve alguma intervenção?

- Resposta negativa: Você considera necessário que professores e direção participem do processo de escolha? Explique.

- Resposta positiva: Como vocês avaliam a participação dos professores e direção nesse processo de escolha?

Pergunta 04: Como você avalia a existência de camisetas de formatura? Na sua opinião, poderia existir alguns motivos específicos que levam as pessoas a produzir esse tipo de produto? Explique.

4.4 Perguntas que serão aplicadas ao diretor da escola

Pergunta 01: Na escola sob sua administração existe a produção das camisetas de formatura?

- Resposta Negativa: Houve algum momento em que os alunos pensaram em produzi-la? Explique.

- Resposta Afirmitiva: Existiriam alguns motivos específicos que, em sua análise, são utilizados pelos alunos a produzir essas camisetas? Quais são eles?

Pergunta 02: Você tem alguma função direta no processo de escolha das camisetas de formatura? Explique.

Pergunta 03: Caso a resposta seja afirmativa: Como você avalia a sua função nesse processo de escolha e quais critérios utilizam ao longo desse processo?

Pergunta 04: Qual é a sua análise pessoal e profissional a respeito do surgimento e produção de camisetas de formatura? Explique.

4.5 Instrumento para análise dos dados

Como, em minha investigação, eu estaria lidando com textos/discursos produzidos pelos alunos representantes de sala, professores e pelo diretor da escola, fez-se necessário o uso de um instrumento específico que me apresentasse procedimentos para coleta e análise dos dados obtidos.

Para essa finalidade, duas grandes referências possíveis para esse fim se apresentaram no meu leque de opções. A primeira delas é a chamada Análise do Discurso, corrente investigativa cuja origem é eminentemente francesa e que tem, nos procedimentos arqueológicos¹⁷ de Michel Foucault e nas análises discursivas de Michel Pêcheux, os seus principais representantes.

¹⁷ O chamado método arqueológico produzido por Michel Foucault é presença sobremaneira importante nas Ciências Sociais e na Psicologia. De modo geral, esse método tem, enquanto seu fundamento principal “A premissa do método arqueológico é que os sistemas de pensamento e conhecimento (epistemes ou formações discursivas, na terminologia de Foucault) são regidos por regras, além daquelas de gramática e lógica, que operam sob a consciência de sujeitos individuais e definem um sistema de possibilidades conceituais que

Para averiguação quanto à possibilidade do uso desse instrumento investigativo nessa pesquisa, pautei-me na análise da clássica obra produzida por Orlandi (2012) intitulada *Análise do Discurso*, que se tornou referência no Brasil ao se tratar dessa abordagem.

Dentre as principais características apontadas pela autora, ao realizar a caracterização desse instrumento, destaco a atenção dada para a dimensão ideológica de um texto, porque “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2012, p. 17).

Para dar conta dessa dimensão ideológica, a autora estabelece algumas etapas a serem implementadas na análise do discurso. A primeira delas é a análise da superfície linguística, manifestada pelo texto/discurso; logo depois, adentramos ao objeto discursivo, local onde se analisará a formação discursiva presente no texto; e, por fim, na terceira etapa, é proposto que o pesquisador se dedique a analisar o processo discursivo, em que se verificará a formação ideológica do sujeito emissor do texto. Nesse processo, busca-se produzir um sentido ao texto analisado e, a esse respeito, a autora nos informa que:

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever. (ORLANDI, 2012, p. 47)

Segundo Orlandi, na análise discursiva, temos a dimensão vertical presente no discurso, que remete ao texto produzido e suas relações com o presente, intitulada de interdiscurso e, além disso, a dimensão horizontal ou intradiscurso, dimensão esta que remete aos aspectos históricos e ideológicos que intervêm no texto produzido.

Considero importante ressaltar um aspecto que se refere aos seus fundamentos, pois essa teoria apresenta um filtro analítico para a análise dessa dimensão histórica e ideológica e assim o faz por meio de um aparato materialista histórico e psicanalítico aplicado ao texto.

Quanto à abordagem existente na chamada Análise de Conteúdo, pautei-me pela também clássica obra produzida pela psicóloga Laurence Bardin (1979), que, tal como a obra

determina os limites do pensamento em um determinado domínio e período. Assim, por exemplo, a *História da Loucura*, de Foucault, deve ser lida como uma escavação intelectual dos radicalmente diferentes formações discursivas que governavam conversa e pensamento sobre a loucura do 17º ao longo dos séculos 19.” (GUTING, 2015, s/p, tradução minha)

de Orlandi, se tornou referência constante na literatura nacional voltada para esse tema. Além dessa obra, adotei a produção mais recente referente a essa área, produzida por Klaus Krippendorff (2009). Embora seja por demais corriqueira a apresentação da definição produzida por Bardin, convém que eu inicie o meu diálogo com ela, citando o entendimento que essa autora apresenta referente a essa abordagem:

Recapitulemos: a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens. Mas isto não é suficiente para definir a especificidade da análise de conteúdo [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (BARDIN, 1979, p. 38)

Chamo a atenção quanto à sistematização e objetividade proposta pela autora e considero importante ressaltar esse aspecto, visto que os múltiplos usos e métodos para aplicação da análise de conteúdo estão compilados e disponíveis de modo claro e conciso e, não bastasse isso, apresentam resultados muito interessantes nas ciências sociais e humanas. Essa condição favorece a ação investigativa, visto que já se inicia uma investigação com um *corpus* muito bem estruturado para coleta e análise dos dados.

Outro aspecto importante está presente no estabelecimento dos indicadores, os quais podem ser de ordem quantitativa (dados quantitativos referentes ao texto analisado) ou, ainda, qualitativos (análise categorial), mas, em ambos, os procedimentos encontram-se muito bem catalogados e identificados, favorecendo a ação do pesquisador.

Ainda que o uso dos identificadores para eventual inferência do texto analisado possa ser variado, há um marco estrutural nesse processo que pode ser percebido no gráfico proposto por Krippendorff (2013, p. 36):

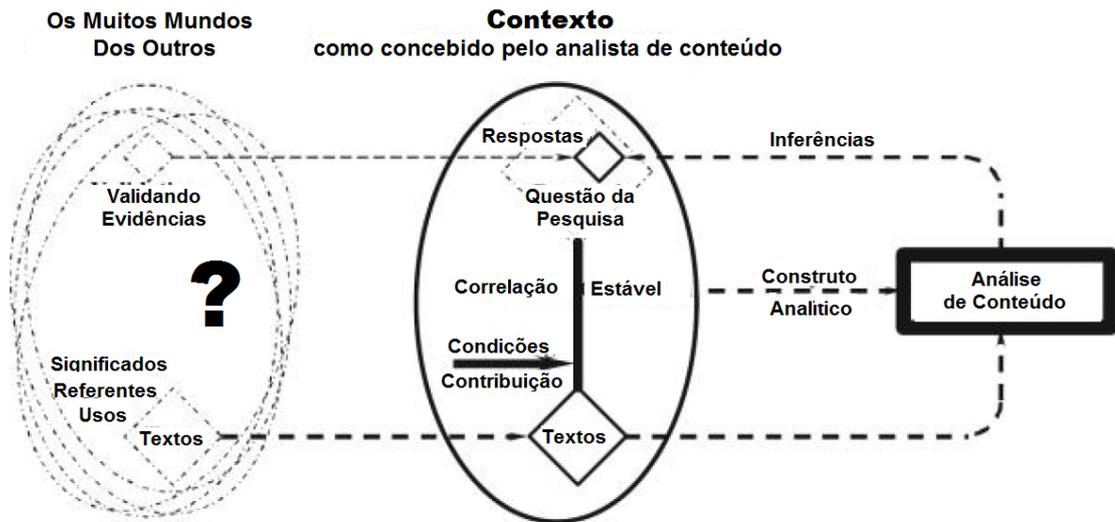


Figura 9 – Um quadro para análise de conteúdo. Traduzido e adaptado por mim de: KRIPPENDORFF, K. *Content analysis: an introduction to its methodology*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013.

Há um processo contínuo de acesso ao texto, sua análise e o uso dessa análise para se levantar inferências e aplicá-las a esse mesmo texto. A esse processo, Krippendorff (Idem, p. 35) identificou os seguintes procedimentos presentes na análise de conteúdo:

- Um corpo de texto, os dados que um analista de conteúdo tem disponível para começar seu esforço analítico.
- Uma questão de pesquisa que o analista busca responder ao analisar o corpo de texto.
- Um contexto da escolha do analista no qual se criará um sentido ao corpo de texto.
- Um constructo analítico que operacionaliza o que o analista sabe a respeito do contexto do corpo de texto.
- Inferências que buscam responder à questão da pesquisa, na qual se constitui a base de realização da análise de conteúdos.
- Validação da evidência, que é a justificação última da análise de conteúdo.

A partir desses elementos, a opção que realizei para a seleção do método a ser utilizado para análise de dados foi favorável ao método de análise de conteúdo. A minha opção se deu pela objetividade do método, visto que, ao longo do tempo, tem produzido conhecimento científico relevante em várias áreas (KRIPPENDORFF, BOCK, 2009), possui uma excelente flexibilidade (WHITE; MARSH, 2006, p. 41), existe um corpus claro e objetivo de ferramentas para sua aplicação e, além disso, possuo experiência no uso desse método, já que, durante meu mestrado, adotei esse mesmo instrumento investigativo.

Além disso, considere também a existência de algumas inconsistências presentes no método da análise de discurso, referentes aos seus aspectos epistemológicos, de quadro teórico e de instrumentalização da teoria, eventual carência de objetividade e que pode ser verificado na compilação realizada por Breeze (2011, p. 494) a esse respeito.

A abordagem metodológica que utilizei ao fazer uso desse instrumento teve elementos quantitativos e qualitativos, porque procurei analisar tanto a frequência de ocorrências de determinadas palavras no texto quanto a presença ou ausência de algumas características, vinculadas ao meu tema de pesquisa, dos textos a serem analisados (BARDIN, 1979, p. 21).

Feita essa escolha, convém, agora, esmiuçar alguns dos aspectos que compoem a estruturação desse método em minha pesquisa, e isso foi feito com base na estruturação proposta por Krippendorff. O primeiro deles refere-se ao texto a ser analisado e foi o obtido através de entrevistas.

Quanto à questão que investiguei, essa se assenta na possibilidade de que o processo de produção das camisetas de formatura possui elementos que me autorizam a identificá-las como pertencentes ao ritual de passagem, nos moldes de como isso é entendido por Victor Turner.

Nesse sentido, a abordagem realizada por Turner referente aos momentos liminares/liminoides em um ritual de passagem foi uma das questões centrais que busquei detectar na análise dos conteúdos presentes nos textos.

O contexto de escolha fundamentou-se na hipótese de que os representantes de classe e diretor da escola possuem certa representatividade para tratar do fenômeno investigado (camisetas de formatura) e, diante disso, podem apresentar dados sólidos sobre ele.

No que tange ao constructo analítico, utilizei o já citado método de análise de conteúdo proposto pelos autores abordados anteriormente e, mais especificamente, o método de análise categorial. Fiz tal escolha dada a simplicidade e objetividade de operacionalização desse método e, além disso, o compreendo, tal como Bardin, como “um método taxionómico bem concebido para satisfazer os colecionadores preocupados em introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente” (BARDIN, 1979, p. 37).

Um aspecto importante a ser salientado é o de que optei pela realização de procedimentos exploratórios frente ao meu objeto de estudo, uma vez que, diferentemente de um procedimento fechado que ocorre a “partir de um quadro empírico ou teórico de análise [...] depois observa-se esses textos através de um determinado quadro teórico, quadro esse pré-estabelecido e que não pode ser modificado” (Idem, p. 99) o meu quadro de análise não estava determinado e, além disso, eles “permitem, a partir dos próprios textos, apreender as

ligações entre as diferentes variáveis, funcionam segundo o processo dedutivo e facilitam a construção de novas hipóteses” (Idem, p. 99).

5. COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Bastidores que antecederam a coleta de dados

Para tratar da aplicação dos instrumentos de coleta de dados escolhidos, considero conveniente, inicialmente, apresentar os bastidores que antecederam a sua aplicação, pois, devido a alguns desdobramentos advindos deles, houve algumas alterações significativas em relação à estratégia previamente escolhida.

O primeiro elemento refere-se aos sujeitos da pesquisa, porque, conforme informado anteriormente, havia optado pela aplicação das entrevistas aos alunos representantes de classe, posto que, em tese, está presente no aluno que possui essa função uma certa representatividade outorgada a ele pelo grupo de alunos que o elegeram para exercer essa função.

No entanto, ao tratar dessa particularidade junto à direção da escola, fui informado que os alunos do terceiro ano do Ensino Médio que cursam seus estudos na modalidade de supletivo no período noturno (é o único grupo que frequenta a escola nesse período) não haviam elegido pessoas que cumpriam essa função.

Essa informação, de imediato, reduzia o universo de alunos a ser entrevistado e, além disso, impedia o acesso a um grupo de alunos que, após o início de minha pesquisa, havia constatado que possuía uma particularidade interessante para a investigação. Refiro-me ao fato de que, nos últimos anos, os alunos que compõem esse grupo tradicionalmente não têm produzido camisetas de formatura.

Essa característica é importante visto que, por meio do acesso e obtenção de dados desse grupo, seria possível investigar eventual traço específico que o compõe e que poderia ser utilizado, direta ou indiretamente, para o estabelecimento de um quadro comparativo a respeito desses traços, e estes poderiam fornecer subsídios importantes para a análise da hipótese investigada.

No entanto, para efeitos do rigor quanto aos sujeitos pesquisados, considere que, caso viesse a entrevistar algum representante desse grupo de alunos, ainda que ele fosse escolhido extraordinariamente para esse fim, fragilizaria minha pesquisa em algumas das regras estabelecidas dentro do *corpus* investigativo da análise de conteúdo, ou seja, o de representatividade e homogeneidade.

Esse aspecto é salientado nos meus referenciais e, nesse sentido, no que se refere à questão da homogeneidade, apresento as considerações presentes nos citados referenciais quando estes nos alertam que as pesquisas, fundamentadas na análise de conteúdo, “devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha” (BARDIN, 1979, p. 97).

Além disso, dada a própria característica extrínseca desse grupo de alunos que frequenta o supletivo (idade diferenciada, perfil social e acadêmico), considere que seria possível, por meio dessas características, o fornecimento de dados relevantes para a realização dessa análise comparativa.

Outro aspecto que impactou diretamente a minha investigação ocorreu nas oitavas séries. Até então, ao longo dos anos em que tive contato com as camisetas de formatura, contato esse inserido em um contexto investigativo, conforme informado na segunda seção desta tese, essas camisetas sempre foram produzidas na escola onde ocorreu essa investigação.

No entanto, quando explanava para um grupo de colegas professores a investigação que realizaria, fui informado que havia ocorrido um conflito relativo às camisetas de formatura no ano de 2013 e que esse conflito fez com que a direção da escola impedisse, a partir daí, a confecção dessas camisetas pelos alunos que, futuramente, estejam nessa série e desejem produzi-la.

Diante dessa informação, fui ter com a professora mediadora¹⁸ da escola e, ao fazê-lo, ela me confirmou que houve de fato um conflito e que este gerou a referida proibição.

Ao questioná-la a respeito do ocorrido, a profissional informou que os alunos de uma oitava série, pertencentes ao período diurno, haviam produzido uma camiseta que fazia apologia a uma facção criminosa e que, diante do ocorrido, a gestora da escola proibiu, a partir desse momento, a realização de camisetas pelos alunos que compõem essa série.

Ainda segundo essa profissional, a proibição gerou revolta dos alunos e de seus pais, levando esses últimos, inclusive, a montarem uma comissão de pais com o intuito de que essa proibição fosse revista. Essa comissão foi atendida pela mediadora ao longo de algumas reuniões ocorridas para esse fim e, segundo ela, não houve sucesso nas negociações e a proibição foi mantida.

¹⁸ O professor mediador escolar e comunitário do sistema de proteção escolar foi um profissional instituído na Secretária de Estado da Educação de São Paulo por meio da Resolução SE nº 07, de 19-1-2012. De modo geral, esse profissional tem entre suas atribuições a realização da mediação de conflitos que ocorrem dentro do espaço escolar e, além disso, a realização de medidas restaurativas que busquem cessar a continuidade desses episódios conflituosos.

Diante desse fato novo, surgiram uma série de questões e problemas quanto à coleta de dados. O primeiro deles referia-se às entrevistas que seriam aplicadas nos alunos da série citada. A princípio, considerei manter a entrevista com esses alunos, no entanto, como a mediadora já havia informado que havia interesse da comunidade de alunos e seus responsáveis pela construção da camiseta, optei por centrar meu foco nesse momento em outros atores participantes diretos desse processo e que ganharam relevância diante desse fato e esses eram a professora mediadora e a diretora da escola.

A primeira delas adquiriu relevância por ter uma função ativa em todo o processo, visto que teve contato direto com o conflito advindo desse episódio e também exerceu papel direto no contato e debate com as pessoas envolvidas.

Além disso, como essa profissional tem por função a mediação de conflitos, a possibilidade de que ela fosse ouvida e viesse abordar a visão que possui a respeito desse episódio conflituoso certamente poderia trazer elementos importantes a respeito de como essa profissional analisa o fenômeno por mim investigado e sua respectiva função/objetivo.

Quanto à diretora da escola, essa já havia sido abordada por mim quanto à sua função e importância em todo o processo da escolha das camisetas e, diante da proibição da produção dessas camisetas nas oitavas séries, houve outra questão de ordem ética que se referia à eventual interferência minha, na condição de pesquisador, nas práticas e posicionamentos corriqueiros adotados pela escola.

Levantei essa questão visto que a referida profissional recebeu todas as informações a respeito da pesquisa que desejava realizar e, em especial, a ênfase acadêmica que dava ao meu objeto de estudo (camisetas de formatura).

Diante desse fato, pareceu-me pertinente cogitar que, dada essa importância recém-atribuída a esse objeto, indiretamente intervi na compreensão que a diretora possui a respeito desse fenômeno, e, além disso, o resultado dessa intervenção atingiu concretamente os atores envolvidos em todo esse processo.

Em razão dessa hipótese, considerava sobremaneira importante verificar, junto a essa profissional, se ela já tinha tomado decisão semelhante em algum momento anterior ao do início da minha pesquisa. Caso a resposta a essa possibilidade fosse negativa, levantei a hipótese de realizar minha coleta de dados em outra escola, de modo a evitar os problemas advindos da contaminação oriunda de minha pesquisa no cotidiano da escola.

O fato citado ressaltou mais ainda a necessidade de contato com esses profissionais que compõem a gestão da escola, posto que, por meio deles, seria possível, hipoteticamente, ter acesso ao modo de como os representantes da sociedade, inseridos oficialmente no

contexto escolar, analisavam o fenômeno por mim investigado e a eventual relação que esse fenômeno possui com as finalidades institucionais atribuídas para a escola pública.

Além disso, essa ênfase na análise do posicionamento gestor frente ao meu objeto de estudo também poderia trazer considerações importantes a respeito da presença dos rituais de passagem em escolas públicas na faceta analisada por Kapferer (1981), visto que, eventualmente, poderia ser constatado em minha investigação como o representante do estado se conduz frente aos episódios ritualísticos e, por meio desse procedimento, seria possível verificar se existiriam indícios que poderiam confirmar os resultados encontrados na produção da pesquisadora.

Por fim, outra questão interessante se manifestou, quando realizei a apresentação, em linhas gerais, do projeto de investigação para uma das professoras que atuam na escola, mais especificamente na disciplina de Artes. Ao saber que o meu objeto de estudo eram as camisetas de formatura, a professora me informou que, no Caderno do Aluno¹⁹ das oitavas séries da citada disciplina, era apresentada a proposta para que os alunos realizassem uma produção artística coletiva para ser inserida numa eventual camiseta de formatura da série.

Esse fato trouxe elementos novos muito interessantes, uma vez que acenava à existência de um olhar pedagógico voltado para esse tema e, não bastasse isso, sinalizava que, por meio de uma disciplina do currículo, havia a detecção, por parte do Estado, desse fenômeno, que já o identificava como um elemento presente dentro do espaço escolar e, em tese, o considerava corriqueiro, pois sugeria intervenções baseando-se na possibilidade de que sua produção ocorria cotidianamente.

Da constatação desse fato, surgiram vários desdobramentos hipotéticos, e o primeiro deles se referia à influência dessa proposta pedagógica na compreensão que os alunos possuíam sobre o fenômeno, posto que lhes era endereçado um olhar específico dentro do espaço escolar.

O segundo desdobramento seria a eventual análise de como a produção do meu objeto de investigação seria interpretada pelo material didático de Artes e se essa interpretação teria alguma relação com a hipótese levantada por esta tese, que é a associação das camisetas aos processos ritualísticos.

¹⁹ Os Cadernos do Aluno foram uma inovação pedagógica introduzida nas escolas públicas do estado de São Paulo no ano 2009, trata-se de uma parceria realizada entre o Ministério da Educação e a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, com o objetivo de complementar os chamados Cadernos do Professor (produzidos inicialmente em 2008). Ambos foram feitos com o intuito de realizar a complementação do ensino aplicado nas escolas da rede pública nos ensinos fundamental e médio.

Mereceu destaque, também, a necessidade de se analisar o quanto a proibição da realização das camisetas de formatura por um agente do estado (diretor de escola) e, por outro lado, a ênfase dada a sua construção pelo material didático, sinalizaria, também, certo descompasso entre a interpretação dada ao fenômeno pelo referido agente e a interpretação dada ao mesmo fenômeno pelo próprio Estado.

Por fim, uma outra informação colhida ao longo da realização das entrevistas merece uma contextualização prévia, isto porque algumas informações apresentadas, para serem melhor compreendidas, carecem dessa contextualização.

Quando da aplicação das entrevistas, recebi a informação de que ambos os terceiros anos do Ensino Médio buscaram realizar as camisetas; no entanto, uma dessas turmas não conseguiu concretizá-la efetivamente, ainda que tenha selecionado, inclusive, o texto e imagens que comporiam a camiseta.

Os entrevistados informaram que seria necessário um número mínimo de 15 camisetas para que estas fossem produzidas e, ainda que 16 alunos tenham confirmado a opção pela produção das camisetas, somente 13 efetuaram o pagamento e a produção não ocorreu.

No entanto, um elemento importante e inusitado trazido à tona pelos dois representantes entrevistados foi que um grupo de alunos optou pela compra e uso das camisetas produzidas pelos alunos pertencentes ao outro terceiro ano.

Segundo os representantes de sala, esses alunos eram oriundos do grupo proveniente de outra sala e, recentemente, foram transferidos para a sala atual, embora os vínculos afetivos estivessem mantidos com o grupo anterior.

Essa reestruturação da turma havia ocorrido devido a dois aspectos. O primeiro deles era referente aos limites de espaço físico existentes em uma das salas de aula, que, por possuir um espaço físico menor, não comportava todos os alunos. O outro aspecto utilizado para essa mudança era que, costumeiramente, direção e professores selecionavam alunos que, em sua análise, necessitavam mudar de sala devido à ocorrência de atritos na sala, ou por se organizarem enquanto grupo e, em tal condição, dificultarem a ação pedagógica do professor.

Considero essa informação importante para auxiliar na compreensão das respostas que foram emitidas por esses representantes de sala e deixar salientado, antecipadamente, eventuais indícios da estreita relação afetiva existente entre os alunos quanto ao pertencimento a um grupo e que esse processo de construção de pertencimento ocorre ao longo do tempo e do convívio mantido entre os alunos.

5.2 Coleta dos Dados

A aplicação das entrevistas e respectiva gravação ocorreram ao longo da segunda semana do mês de maio de 2015 e todas elas foram aplicadas em uma sala específica fornecida pela escola para essa finalidade. Após apresentação deste trabalho, na banca de qualificação de doutorado, foi apresentada a sugestão das entrevistas que seriam realizadas com os professores, as quais ocorreram em março de 2016.

Na realização da entrevista, não havia nenhum outro sujeito que não fosse o entrevistado e entrevistador.

Com isso, considerei que existiam elementos suficientes para que todos os entrevistados se sentissem confortáveis frente a mim e que o sigilo apontado no TCLE e esclarecido a todos fosse, de fato, constatado concretamente eles.

Ao todo, foram realizadas nove entrevistas. Quatro delas com os representantes de classe/série dos terceiros anos do Ensino Médio, duas com os gestores da escola (diretor e professor mediador) e três com os professores representantes de sala.

Um fato digno de nota, que aconteceu nos bastidores da preparação para a entrevista, ocorreu quando me dedicava a obter as assinaturas dos responsáveis pelos alunos menores de idade. Uma das mães com a qual tive contato, ao saber que o foco de minha investigação eram as camisetas, relatou sua insatisfação frente à proibição da construção das camisetas aos alunos da oitava série.

Essa mãe possuía um filho que se encontrava na oitava série e, por coincidência, uma filha que se encontrava no terceiro ano do Ensino Médio. Na oportunidade, a mãe argumentou sobre a importância da construção da camiseta pelos alunos, a ligação afetiva que os alunos possuíam com esse objeto e sua reprovação diante da proibição realizada pela direção da escola. A mãe identificou-se, inclusive, como uma das que participaram da reunião realizada com a professora mediadora e se dispôs, inclusive, a se reunir novamente com a direção da escola com o intuito de que a decisão pudesse ser revista.

Aparentemente, ela via em mim um professor que poderia interceder por essa causa e, inclusive, solicitou que eu entrasse em contato com a diretora da escola para verificar essa possibilidade (revisão da decisão).

Considerei essa abordagem realizada pela mãe um tanto quanto interessante, visto que a minha condição momentânea de pesquisador não mudou a forma com que ela interpretava meu papel de professor atuante na escola de seus filhos e, de certo modo, me remeteu às considerações que Turner realizou a respeito da necessidade de se inserir, efetivamente, na

comunidade para que ocorra adequadamente a apropriação de como esse ou aquele fenômeno social é interpretado pelo grupo social investigado.

Ao tratar dessa possibilidade com a diretora da escola em uma reunião informal que antecederia a realização da entrevista com essa profissional, ela teve uma posição irredutível a esse respeito e justificou a manutenção da decisão, informando que eu e os alunos, de modo geral, deveríamos refletir sobre o evento ocorrido, ressignificá-lo e adotar um posicionamento para que ele não ocorresse novamente.

Diante dessa negação, optei por trazer à tona um questionamento a respeito da manutenção dessa decisão pela diretora da escola quando fosse realizar a entrevista, a fim de obter, diretamente, com ambas as profissionais (professora mediadora e diretora da escola), informações mais detalhadas sobre o ocorrido e os critérios/valores que justificariam a manutenção dessa decisão.

Quanto à conduta dos entrevistados frente às perguntas apresentadas, não detectei nenhum temor aparente ou eventual resistência. Nesse sentido, reitero que a proximidade com o cotidiano dos entrevistados pode ter favorecido o contato e a abertura necessária para a realização dessas entrevistas.

Um fato interessante ocorrido e que abordarei na análise de dados se refere a uma das alunas entrevistadas, que se emocionou em um momento da entrevista e, em razão disso, necessitei conduzir o fato inusitado de modo a administrar essa emoção e, por meio das perguntas subsequentes, interpelá-la a esse respeito.

Por fim, devo salientar um aspecto interessante presente nas entrevistas semiestruturadas, que é a eventual imprevisibilidade dos desdobramentos existentes oriundos de sua aplicação, pois, ainda que haja um *script* inicial a respeito do que será perguntado, as respostas oferecidas exigiram, muitas vezes, que eu as explorasse, visto que traziam fatos ou abordagens novas em relação ao que desejava investigar.

No entanto, esses novos aspectos poderiam compor reformulações futuras para novas entrevistas sobre o tema, visto que ocorriam após ter realizado questionamentos a alguns dos entrevistados, e não seria possível, naquele momento, realizar novas entrevistas, pois esse processo poderia ser repetido *ad infinitum* e, por outro lado, faria com que eu me perdesse na objetividade que necessitava exercitar para obter dados de acordo com meus objetivos iniciais previamente definidos.

5.3 Análise dos Dados Coletados

Após a aplicação das entrevistas, sua transcrição e análise inicial, o primeiro dos desafios seria o estabelecimento das categorias para o tratamento dessas informações obtidas e respectiva inserção dessa informação levando-se em conta aquilo que possuíam em comum com outras respostas emitidas.

Nesse sentido, procurei me pautar pelas regras apontadas por Bardin (1974, p. 36), ou seja, que a categorização buscasse realizar uma homogeneidade nos conteúdos presentes nas respostas, a exaustão de conteúdos de todo o texto, a exclusividade da inserção de um conteúdo em, tão somente, uma categoria, a objetividade quanto ao uso dos codificadores e, por fim, que fossem adequadas e pertinentes para o previamente estabelecido em minha hipótese investigativa.

Nesse sentido, defini três grandes categorias que, em minha análise, poderiam, segundo as regras apontadas por Bardin, dar conta da análise do objeto e essas foram as seguintes:

- Categoria 1 – Função da camiseta de formatura:

Esta categoria se originou das respostas que os entrevistados apresentavam, as quais tinham como característica a referência às camisetas de formatura e a análise de como eles a compreendiam quanto à produção e usos que a camiseta de formatura poderia ter. Nessa categoria, busquei identificar o uso particular ou o conjunto de usos para os quais a camiseta era adquirida e que, muitas vezes, recebia uma designação. Sendo assim, procurei analisar eventuais funções de ordem ambiental (proteção do corpo), pessoal (identificação do indivíduo), social (identificação de um grupo), cultural (manifestação de uma ideia ou conceito) ou afetiva (relação de sentimento mantida com a camiseta) que geraram a produção e uso da camiseta.

Considerarei que, por meio dessa categoria, poderia comparar a função estabelecida pelos alunos dentre as várias funções atribuídas às roupas de modo geral ou às camisetas, conforme foram abordadas nas seções anteriores desta tese. Poderia, em especial, constatar se algumas das funcionalidades apontadas poderiam ter alguma relação com os episódios rituais que geraram minha hipótese investigativa.

Em alguns momentos de minha análise, agrupei as classificações avaliativas a respeito do uso das camisetas, visto que possuem, conforme abordado anteriormente, certa similaridade quanto à função exercida.

Feita essa consideração, apresento, a seguir, os resultados obtidos e como eles se vinculam a essa categoria:

Imitação/Costume Social: neste item, amparo-me nas considerações emitidas por Dooley (1930, p. 82) sobre a imitação, que foram abordadas na segunda seção do texto, e, além desse autor, nas considerações de Sumner (apud KAWAMURA, 2005, p. 23) a respeito do costume social, que foram discutidas anteriormente nessa mesma seção.

Há de se ressaltar que, nessa dimensão, a imitação apontada por Dooley ocorre entre grupos e pessoas que mantêm proximidade, e essa mesma proximidade faz com que as pessoas se vistam ou usem determinada vestimenta (camiseta de formatura) pelo fato de que outros assim o fazem. De modo semelhante, Sumner faz referência à tradição ou *folkways* de um grupo.

Referente ao conceito de imitação, há de se dizer que, neste momento, não faço uso desse conceito tal como proposto por Bourdieu e que foi tratado na seção 3 desta tese, visto que o uso desse conceito realizado pelo pesquisador francês é diferente do apontado por Dooley.

A inserção dessa função ocorreu quando, ao lidar com o aluno HVSL (17 anos), ele se posicionou deste modo quando foi perguntado a respeito das considerações finais que gostaria de apresentar sobre como ele analisa a existência das camisetas de formatura:

Bom, em relação às camisetas sobre a existência dela eu acredito que é uma tradição que tem sim de ser mantida, que é uma coisa que desde que eu me conheço por estudante eu já vejo que tem, eu estou saindo agora do arco do Ensino Médio e continua tendo e eu espero que quando meus filhos estudarem continue tendo porque é uma tradição um tanto quanto simbólica assim, né, essa questão de você continuar com seus amigos e etc. e sobre a gestão, o processo de produção, eu queria mesmo que, deixar um recado assim para que você seja criativo, não pegue ideias prontas porque isso não vai ser nada interessante é...não tenha preguiça de correr atrás e acredito que seja isso, eu que é só. (HVSL, informação verbal)

A escolha da citação anterior e a inclusão dela nessa função imitativa ocorreu devido à referência que o aluno faz à tradição da produção dessas camisetas, ou seja, algo que passa a fazer parte do cotidiano do aluno e, como tal, é natural a sua repetição.

Além disso, o aluno faz referência ao contato pessoal que manteve com esse objeto ao longo de seu processo de formação, ou seja, foi afetado pelo contato com outras pessoas que produziam e usavam esse objeto. É necessário que se ressalte que essa dimensão imitativa, tal como compreendida pelo aluno, não ocorre segundo a necessidade de eventual inspiração advinda de uma classe superior (tal como o conceito é usado por Bourdieu) ou o desejo de emulação social, já que, no trecho citado, não há nenhuma referência a esse aspecto.

Outro exemplo desse posicionamento pode ser percebido na consideração de outro aluno entrevistado quando este foi questionado a respeito dos motivos que os levaram a produzir as camisetas:

Sinceramente, eu até hoje eu não sei qual é o motivo, mas eu acho que é um ato de cultura, né...porque, desde quando a gente entrou aqui na quinta série, vamos supor, outras classes fizeram, né, e aí a gente foi fazendo de acordo com que a gente via que tinha na escola, ninguém tinha, assim, um motivo sério vai, a gente estamos fazendo por causa de determinado isso, eles só faziam assim, ah, eu quero fazer e vou fazer. (MJSS, informação verbal)

É interessante notar, no trecho anterior, que o aluno não está preocupado com os motivos e razões que o levaram a produzir esse objeto, ele carece de explicações que o justifiquem porque está de tal modo presente em seu cotidiano que é visto como um procedimento natural.

Emulação/Distinção Social: neste item, pauto-me pelas considerações emitidas por Dooley a respeito do conceito de emulação e, além disso, o conceito de distinção social, tal como proposto por Bourdieu.

Especificamente em Dooley, conforme demonstrado anteriormente, a emulação social consiste na busca de aprovação da pessoa em seu meio social por meio do uso da vestimenta. Esse ato teria um certo fundo competitivo que ressalta a superioridade do seu portador, a ser demonstrada pela posse da vestimenta.

Quanto a Bourdieu, realizo sua inserção neste item em virtude de que, conforme abordado na segunda seção, o pesquisador francês utiliza esse conceito para tratar de sua célebre categoria de capital cultural, capital este que, segundo o autor, é valorado pela classe dominante e, em razão disso, existe no indivíduo a tentativa de posse desse capital para que ele possa se distinguir socialmente frente às demais pessoas que estão próximas a ele.

Nesse sentido, considere que existiu um trecho, nas entrevistas, que possuía vários elementos que se assemelham aos apresentados por esses dois referenciais. Dentre eles, cito dois trechos interessantes a esse respeito.

Um deles é a resposta fornecida pelo aluno MJSS (19 anos), representante de classe/sala da turma que concluiu a produção da camiseta quando, ao ser inquerido a respeito da camiseta escolhida e o critério de escolha, afirmou “A vencedora que nós temos hoje, ela foi escolhida assim, por ser a mais bonita, a mais que chama a atenção, porque a nossa intenção era isso, a de chamar a atenção de todo o mundo” (MJSS, informação verbal).

Consideração semelhante foi a que surgiu a partir da resposta emitida pela aluna FLP (17 anos), uma representante da sala que não conseguiu concretizar, efetivamente, a produção das camisetas e que se manifestou de modo semelhante em dois momentos.

O primeiro ocorreu quando foi questionada a respeito do que a camiseta poderia representar para os alunos e, quanto ao segundo momento, este se passou quando foi convidada a tratar das considerações finais que teria a respeito das camisetas:

Olha se ela tivesse sido produzida para mim é tipo, aquele negócio, o negócio do orgulho dos alunos, no meu ponto de vista é o que eu acho [...]. Então essas camisetas seria tipo como um prêmio para depois a gente abrir nosso guarda-roupa e olhar e falar nossa eu finalmente acabei e essa tá aqui a prova de que eu conquistei, conquistei a escola e agora eu tenho um futuro então é isso que eu acho e agora a participação dos diretores, dos professores, é importante sim.[...] não é tão necessário para você, não é uma coisa que vai mudar muito a sua vida, mas é um símbolo, é um símbolo de que você conquistou. Tanto para, tanto para você quanto para seus amigos, você vai mostrar que você conquistou é... a...a sua formação, o seu conhecimento que você finalmente conseguiu, que você lutou, então é o que eu acho que é um...ela pode ser realmente um conforto para você na hora que você sair daqui e você lembrar até o passado, você pensar, nossa eu...eu sofri naquela época mas finalmente eu consegui é o que eu penso... (FLP, informação verbal)

A referência ao orgulho representado pela conquista, um objeto que selaria uma grande conquista e eventual sucesso futuro ou, ainda, a ênfase no símbolo representativo dessa conquista são elementos que indicariam a possibilidade da inserção dessas considerações na categoria avaliativa proposta.

Um aspecto que considero importante se ressaltar e que está presente, ainda que de forma incipiente, na citação anterior é o de que essa aluna, embora aponte que, talvez, esse seja o motivo para a construção das camisetas, busca se afastar desse motivo ao dizer que “não é tão necessário para você”. Encontramos tal aspecto, também, em outros trechos presentes nesse mesmo corpo de respostas, o qual ressalto a seguir:

Eu acho que as pessoas em volta não precisam saber de sua felicidade, elas vão perceber que você está feliz, mas eu acho que elas não precisam saber. Então a camiseta, a camiseta praticamente para mim não é algo tão necessário, mas, já que é alguma coisa, assim, todo mundo gosta nos terceiros anos, então acho que é, de certa forma, importante para eles porque é uma coisa que vai ficar marcado, a gente vai guardar, por exemplo, eu tenho camisetas minhas que não foram feitas, assim, nos terceiros, mas tem porque a gente tem a mania de escrever na camiseta, tudo mais que eu guardo até hoje como lembrança. (FLP, informação verbal)

Esse trecho é importante de ser ressaltado posto que a aluna busca fazer uma crítica a uma dimensão que considera existir na camiseta e que se manifesta no uso dela como meio de emulação e distinção social, considerando até a eventual desnecessidade desse símbolo, pois a satisfação pessoal advinda da superação teria, segundo a aluna, um caráter interno e íntimo que não necessitaria de sua apresentação a expectadores para expressá-lo.

A princípio, considere a possibilidade de que a aluna estivesse se manifestando de forma contundente quanto à necessidade da mediação de um objeto (camiseta) para atestar o sucesso ou condição de valor dos alunos; no entanto, não aquiesci, integralmente, a essa possibilidade, visto que a aluna representava a sala/série que não conseguiu, efetivamente, realizar a camiseta. Diante disso, duas vertentes possíveis de interpretação poderiam ser utilizadas para tratar desse fato.

A primeira delas seria a dimensão crítica já citada e, indiretamente, a possibilidade de que a representante não tivesse apreço pela produção das camisetas e que sua falta de adesão a ela poderia ter colaborado, de algum modo, para que não fosse produzida dado o seu papel de liderança exercido no grupo.

Quanto à segunda vertente, esta poderia se referir à eventual frustração pela não concretização da camiseta e, eventualmente, à tentativa de se desqualificar a concretização efetivamente realizada pela outra sala/série.

Embora, para um olhar crítico, avesso à mercantilização de objetos para simbolizar momentos de nossa vida, essa opção seria, certamente, menos nobre/revolucionária que a primeira possibilidade, ela foi levantada por mim devido a algumas experiências anteriores, ainda que não sistematizadas, de condutas semelhantes, ou seja, quando não consegui aquilo que almejava, o aluno veio a caracterizar, negativamente, o objeto/ato almejado.

Registro Histórico: esta foi uma dimensão nova que surgiu como dado oriundo das entrevistas e que carrega consigo uma certa originalidade diante das interpretações possíveis já abordadas anteriormente e que, em minha análise, já guarda uma certa vinculação quanto à possibilidade de estarmos lidando com as categorias presentes em meus fundamentos teóricos sobre ritual de passagem.

Nela, refiro-me aos discursos que apontam a possibilidade de que a camiseta viria a “marcar” historicamente um momento importante na vida dos alunos e, diante dessa condição, existiria uma vinculação afetiva endereçada a esse “marcador” histórico. Vejamos essa manifestação apresentada pela Diretora por meio da fala a seguir:

Olha a camiseta, ela realmente passa a ser um souvenir de lembrança de um período feliz né, de um período que pode... retratar algo de bom que aconteceu com aquele grupo de pessoas porque a camiseta ela é de comum acordo então ela passa a unir os alunos no sentido de todos deliberarem sobre a cor, deliberar sobre o que vai ser escrito, deliberarem sobre os dizeres, os desenhos, como vai ser elaborada, então assim o que eu percebo, eu como já fui aluna, eu tive as minhas camisetas de faculdade de ensino médio né, era puramente para lembrança. Antigamente a gente não tinha dinheiro né, era mais difícil a confecção da camiseta então o que a gente fazia, a gente ia no último dia de aula, e todo mundo assinava a camiseta da escola e você guardava aquilo como recordação. (SNF, informação verbal)

Do texto, considero pertinente apresentar a ênfase na análise de que esse objeto traz uma referência a um período de tempo e atua como símbolo representativo dele. Há de se notar que a interpretação dada pela entrevistada é a de que os tempos que virão são outros e a camiseta seria o elemento demarcatório e exemplificador do momento anterior.

Outra abordagem semelhante pode ser percebida quando a aluna ACVRS se manifesta desse modo: “Então cada um vai seguir seu rumo, outros vai querer fazer faculdade, outros vai, não sei, o que eles vai querer fazer. Aí talvez a gente não vai se encontrar mais, então vai ser tipo uma recordação (ACVRS, informação verbal).

Como se pode perceber, nesse trecho da fala da aluna, há a interpretação de que a camiseta seria um elemento que permitiria recordar o momento vivido.

Liminaridade/Communitas: neste item, estão presentes aquelas considerações emitidas pelos entrevistados, que, dadas as suas características específicas, mais se aproximam da minha hipótese levantada, ou seja, a eventual associação existente entre a criação e uso da camiseta aos rituais de passagem.

Nesse sentido, na análise que realizei, existiram considerações que me autorizaram a levantar a hipótese de que estivessem representando o momento de liminaridade, ou seja, que o indivíduo se coloca à margem, há uma desagregação diante do contexto social e os papéis sociais anteriormente vividos por ele.

É importante ressaltar que esse afastamento do contexto social ocorreria, segundo a minha análise, nos moldes apontados anteriormente referentes às sociedades industriais, ou seja, um momento em que as pessoas participantes do episódio liminar abandonam seu posicionamento individualista e assumem a construção de uma comunidade coletiva, comunidade esta que surge a partir de uma *communitas* espontânea e, logo depois, assume um caráter de *communitas* normativa.

Dito isso, convém, agora, que me dedique a apontar os elementos encontrados que me autorizam a emitir essa possibilidade. O primeiro deles é a necessidade de que as ações

realizadas sejam todas com a participação e representação de todo o grupo, ou seja, a individualidade/individualismo não tem valor nesse processo, tampouco a inserção de elementos externos aos valores compartilhados por essa comunidade.

Referente a esse primeiro aspecto, apresento as considerações realizadas pelo aluno:

Sim a camiseta eu acho que ela também é feita para isso, por um momento de união, por um momento de discussão, de conversa, porque é um momento de cidadão né, porque foi, porque a gente escolheu frase, onde, escolheu tudo, onde todo mundo pode expor sua ideia né, onde a gente pode conhecer um pouco de cada um. Isso é muito importante. (MJSS, informação verbal)

Embora o aluno faça alusão a um termo costumeiramente presente no cotidiano escolar enquanto objetivo educativo, a cidadania, na resposta apresentada está presente, sobretudo, a ênfase na dimensão coletiva do processo, ou seja, ele é valorado positivamente na medida em que tem a presença de todos.

Merece destaque, também, a referência ao congraçamento oportunizado pelo processo, visto que, na medida em que se dedicam a produzi-la, existe o espaço para o diálogo e contato com o Outro em sua dimensão pessoal.

A necessidade de que seja respeitada a dimensão grupal na produção e uso da camiseta é de tal importância que se cria um código moral de conduta em que aqueles que não assumem a condição de membros da turma ou que não concebem o processo como sendo um processo de construção coletiva acabam recebendo uma avaliação negativa por tal ato.

Exemplo desse aspecto é o posicionamento adotado na resposta a seguir, emitida por uma aluna, que foi indagada a respeito dos alunos que não optaram pela camiseta construída coletivamente pelo grupo e adquiriram camisetas de outra sala:

Ocorreu sim, muitos pegou no *face* e pegou da outra sala né. Acho isso uma injustiça porque se tá na nossa sala você não é obrigado a fazer, mas também você não pode comprar da outra sala, sendo que você não pertence a essa sala. Porque assim você lá tá, tipo assim, numa família. Assim sua sala é tipo uma família, você tem que fazer o que você quer, mas não pegar outra família e fazer o que eles gostam. (ACVRS, informação verbal)

A partir das considerações anteriores, poderíamos, logo de imediato, aventar que há a possibilidade de que os alunos que adotaram esse posicionamento fossem expurgados desse processo e, naturalmente, não estariam mais presentes nas camisetas produzidas pelo grupo que, em tese “sabotaram”; no entanto, isso não ocorreu.

Quando a aluna ACVRS, do terceiro ano do Ensino Médio, foi instada a falar sobre a camiseta produzida na oitava série, informou que:

Sim, ela ainda tá comigo mas assim da oitava pode que ficou meio assim, a gente não colocou o nome de todo mundo, acho que pra mim foi uma desunião, porque alguns não queria fazer e outros falou que não ia por o nome então a gente só colocou o nome daqueles que iria fazer mas ficou bonita aquelas minha. (ACVRS, informação verbal)

O mesmo não ocorreu quando foi produzida a camiseta do terceiro ano, pois, ao ser questionada se todos tiveram seu nome inserido no terceiro ano, a aluna informou que “Sim, todos tiveram o nome na camiseta, mesmo aqueles que quiseram fazer o nome da outra sala, todos esteve” (ACVRS, informação verbal).

Quanto ao segundo aspecto, este se refere à menção de que os alunos se sentem participando de uma comunidade coletiva, e, nessa comunidade, os vínculos de relação assumem caráter de alta afetividade. Vejamos alguns trechos de falas encontradas que apresentam essa possibilidade:

[...] A união e amizade que a gente teve todos esses anos. Desde a quinta série até no terceiro. [...] É amor para mim, é amor. Por que aí é assim eu estou guardando um pouquinho de mim e de meus amigos, né. (ACVRS, informação verbal)

Considero interessante ressaltar, no trecho escolhido, que é dada ao membro do grupo a possibilidade de se manifestar em suas opiniões e tomar suas decisões; no entanto, há um limite previamente imposto, e este é o de que nessa manifestação o aluno se mantenha vinculado à sua “família”, ou seja, não utilize sua condição para se afastar do grupo ao qual estava vinculado.

Por fim, um outro trecho também muito interessante, vinculado a esse período de transição entre uma etapa anterior e outra que se avizinha, é encontrado na consideração do aluno MJSS, quando esse aluno, ao ser questionado, já no término da entrevista, se teria alguma outra consideração a apresentar, afirma o que se segue:

É...eu acho assim é muito importante. Tem que ser feito esse momento porque é um momento assim, é um momento de alegria de amor, de um amor de graça sabe, porque é assim, não é só a questão, o momento da camiseta. É o momento que a gente tá saindo, o momento que a gente tá concluindo uma coisa que a gente, tipo gente eu não achei que fosse capaz de chegar aqui né, porque assim parece uma eternidade, mas, infelizmente, o mundo, o tempo, passa tão rápido, né, que, quando chega aqui, a gente fala

nossa já acabou, já acabou, por isso que a gente tem que aproveitar cada momento da fase da vida. As mães falam, as nossas mães falam o seguinte: filho, aproveita cada fase da vida. Hoje eu entendo o que é isso, aproveitar cada fase da vida. Porque a gente olha para trás e fala: nossa, né, eu queria, toda hora eu falava, eu queria ser grande, queria ser grande, queria ter dezoito e quando chega essa idade você vê assim, nossa já passou tanta coisa e, às vezes, eu não aproveitei tanto. (MJSS, informação verbal)

É digna de nota a menção que o aluno faz ao momento vivido como se ele fosse único, carregado de alta dose de afetividade e congraçamento, e, de certo modo, a apoteose final rumo a uma nova etapa de suas vidas. Além disso, está presente, também, a dimensão de fase, ou etapa, presente na vida, como se essa mesma vida passasse por ciclos. Em razão desses aspectos, estabeleço tal relato como uma fala altamente sinalizadora das dimensões presentes no ritual de passagem em sua fase liminar. Consideração semelhante pode ser percebida pela diretora SNF:

É, eu acredito que seja o pertencimento daquele momento, ele está diferente, porque o aluno que está saindo da escola, ele está se despedindo de uma etapa, ele está encerrando um ciclo, então isso é festivo, isso é... isso é grande, para muitos é o único, é o último momento de grupo porque, a partir dali, ele vai se tornar uma pessoa adulta que vai ter outros encargos, outro ciclo, né... de vida, então eu acredito que seja o pertencimento e o fechamento daquele ciclo que ele está vivenciando. (SNF, informação verbal)

- Categoria 2 – Como os sujeitos percebem a produção e o uso das camisetas:

Nesta categoria, procurei investigar se os sujeitos entrevistados possuíam uma imagem positiva diante do processo de produção e uso das camisetas, uma visão negativa frente a ele ou, ainda, uma visão neutra.

Por meio desses aspectos, procurei investigar, nessa categoria, a dimensão valorativa dada ao meu objeto de investigação.

Ao estabelecer essa categoria, intencionei verificar se o objeto adquire características importantes para os entrevistados. Se constatada essa caracterização positiva, seria possível levantar a possibilidade de relevância do meu objeto investigado em relação aos outros momentos que compõem o seu cotidiano.

Dessa análise, pude concluir que a totalidade dos entrevistados possui uma valoração positiva frente a esse objeto, e essa valoração ocorre não somente pelos alunos, como também pela diretora da escola, pela professora mediadora e também dos professores representantes.

Nesse sentido, merece destaque a afirmação emitida pela diretora, abordada quando me dedicava a analisar a dimensão do registro histórico, quando afirmou que fizeram as camisetas tão somente escrevendo o nome dos alunos que pertenciam àquela sala, dada a condição e recursos que existiam na época.

Um outro aspecto a respeito desse tema e digno de nota é a avaliação seletiva quanto ao valor da camiseta de formatura que foi emitida pela diretora da escola. Para essa profissional, a produção e o uso das camisetas pelos alunos do terceiro ano seriam válidos e de valor, mas, por outro lado, a confecção das camisetas pelos alunos das oitavas séries não seria.

Houve esse juízo de valor em razão dos fatos que ocorreram, os quais eu havia apontado superficialmente quando me dediquei a analisar os bastidores da produção das camisetas. Ao questionar essa profissional a respeito, ela me informou que, costumeiramente, as empresas de serigrafia exigem das comissões de formatura o aval da direção da escola, mediante assinatura, do modelo de camiseta a ser produzido, e os alunos fizeram o que se segue:

[...] eles mostraram uma camiseta com dizeres e eles adulteraram o visto da direção da escola com um pano de fundo que seria naquele visto da direção não havia aquele pano de fundo tá e o pano de fundo ele fazia alusão a uma facção criminosa que ela é identificada aqui no município no mundo do crime. (SNF, informação verbal)

Esse deslize ético cometido pelos alunos, na análise da diretora, demonstrou a ela que os alunos da oitava série não estariam preparados para esse tipo de produção e que não teriam incorporado o seu sentido que, na análise da direção, adquiria um contexto diferente do contexto presente no terceiro ano:

Então, aí existe uma situação que, por causa dos problemas, de todas as experiências que nós passamos é assim, o oitavo ano, ele continua na escola, então como ele faz aquela camiseta e ela torna-se por ter o nome da escola, uma identificação da escola e ela então pode ser considerada um uniforme né, um identificador, e ela não fez parte da construção da história, ela fez parte daquele momento do aluno, daquela série, daquele grupo de alunos. Então a diferença está muito marcante no sentido de, de dar continuidade. Então a oitava série, nono ano, ela dá continuidade, ela não é fechamento de ciclo. O terceiro não, o terceiro já é o fechamento de um ciclo, ele está se despedindo desse momento para ir a outro, ou acima ou para o trabalho, ele está saindo da escola né, e ele está indo para o mundo. (SNF, informação verbal)

Desse modo, para a diretora, a produção das camisetas na oitava série seria inadequada, visto que:

[...] então o momento do terceiro ano é um momento feliz, é um momento de encerramento, é um momento de confraternização, o do oitavo ano não é, oitava série não é, não é um encerramento, ele não é um fechamento de ciclo, então e aquele, aquela situação da oitava série, nono ano, ela não retrata realmente o que virá pelos próximos anos dentro da escola, então ela não se faz necessária nesse processo. (SNF, informação pessoal)

No entanto, essa interpretação não é compartilhada pela professora mediadora da escola, pois, ao tecer suas considerações finais sobre o tema, considerou que:

Bom eu acredito que... na escola você entendeu é... poderia até voltar a dar uma chance para os alunos do nono ano. Eu acho que é muito importante isso. Então eu acho que a escola poderia repensar as possibilidades tá de estar fazendo a camiseta e agir de outra forma, colocar um outro tipo de regra, ou a escola ou os professores reunirem junto com alguns alunos representantes de sala você entendeu e verificar o que seria melhor, como que poderia ser feito essa camiseta e dar essa nova chance para esses alunos que estão vindo entendeu para fazer essa camiseta no nono ano. (SNF, informação verbal)

Da manifestação desses dois representantes do corpo administrativo e pedagógico, percebe-se que há uma interpretação diferente quanto à possibilidade da produção das camisetas de formatura. A diretora manifesta-se preocupada com a continuidade de uso da camiseta no espaço escolar e sua eventual manifestação de valores que não comungam com os valores defendidos ou objetivados pela escola. Esses valores são “Principalmente a legalidade, legalidade, moralidade, impessoalidade, publicidade e tudo isso que faz com que o aluno vista o nome da escola com essa lembrança” (SNF, informação verbal).

Ao se posicionar desse modo, considero que existem elementos referentes ao papel normativo para o estágio liminar que foram abordados por mim anteriormente, e, nele, é dada aos seus participantes a possibilidade da criação de um momento único, antítese da condição presente no cotidiano; no entanto, existem limites previamente estabelecidos quando do retorno do indivíduo ao espaço social, e, no ato do retorno ao ambiente social, eles devem voltar a exercer os papéis previamente aprovados como aceitáveis dentro desse espaço.

Nesse sentido, ainda quanto a esse papel normativo, a fala da professora a seguir, quando questionada sobre função social que a escola teria frente a produção das camisetas, corrobora também essa possibilidade:

Uma função social, tem uma função a preservar sim que é a identidade da própria escola que é a educação. Então quando você já deixa, permite, que outras coisas influenciadas, aí nós estamos deixando de cumprir a função de mostrar a eles o outro lado, da vertente da educação. Então eu nesse caso aí eu fui contra, lógico se eles tivessem aceitado a proposta de modificar, beleza, eu acho que poderia ter sido realizado, mas eles não aceitaram, por isso eu aprovei, eu apoiei no momento a não fazerem as camisetas naquele ano. (ETB, informação verbal)

Outra possibilidade explicativa pertinente seria a possibilidade de que alunos da oitava série e terceiro ano adotassem uma postura diferente em relação aos valores e representações que possuem desse período ou da realidade que os cerca. Os primeiros poderiam estar adotando um posicionamento de protesto ou desafio aos valores vigentes, ou, ainda, manifestando valores marginais (apologia a uma facção criminosa que adota postura radicalmente oposta ao discurso oficial da sociedade) ao oficialmente estabelecido pela escola e, por outro lado, os alunos do terceiro ano estariam praticando um exercício de defesa dos valores vigentes que, em tese, a sociedade esperaria deles nesse momento.

Desses elementos analisados, considero-me apto a concluir que a produção e uso de camisetas de formatura são valoradas positivamente dentro do espaço escolar que investiguei e que essa valoração ocorre por todos os sujeitos envolvidos no processo.

- Categoria 3 – Diferença entre a camiseta de formatura e a camiseta escolar:

Considero que esta categoria possui uma relação muito próxima com a categoria anterior ou, até mesmo, é um desdobramento oriundo da categoria anterior; no entanto, considero que a grande particularidade desta categoria é estabelecer relações/comparações entre meu objeto de investigação e outros objetos/eventos presentes no cotidiano escolar ou social dos alunos. Um aspecto crucial que procurei elucidar por meio dessa categoria é se haveria uma marca distintiva entre a camiseta de formatura e as demais camisetas presentes no cotidiano do aluno e, mais especificamente, os uniformes escolares ou as camisetas compradas cotidianamente.

Outro aspecto interessante nessa categoria seria o de investigar se os usuários das camisetas de formatura guardam eventual relação das camisetas com os eventos que se sucedem no término de seus estudos e, em especial, as cerimônias de formatura que ocorrem na escola. Faço alusão a esse evento, visto que, conforme apontado nos estudos realizados por Borges (2013), existe uma associação a essas cerimônias como pertencentes ao âmbito dos rituais de passagem.

A partir desses aspectos, dedicar-me-ei, agora, a realizar uma análise comparativa entre as camisetas de formatura e as camisetas convencionais. Essa análise é considerada por mim como de suma importância porque, conforme abordado anteriormente, um dos questionamentos apresentados é o da eventual banalidade da camiseta de formatura e, nesse sentido, se depreenderia que ela se insere no universo de consumo atualmente existente para as camisetas presentes no cotidiano.

A primeira consideração que apresento para análise é a referência à identificação da subjetividade do indivíduo com o objeto, ou seja, a camiseta afirma algo da subjetividade da pessoa. Esta pode ser percebida na consideração a seguir, quando, ao afirmar que a camiseta de formatura tem maior valor afetivo que a camiseta convencional, questionei a entrevistada a respeito das justificativas que a levaram a emitir essa consideração, e esta foi a resposta apresentada:

Porque vai tar guardadinho um pedacinho de mim né, vai estar escrito o meu nome, o nome dos meus amigos que eu sempre estudei. Nas outras camisetas não vai estar escrito isso, vai ter um desenho qualquer estranho, sem saber de nada. (ACVRS, informação verbal)

O primeiro aspecto a ser salientado é que um dos elementos que levam à diferenciação é o de que, na camiseta, há a identificação da pessoa que será seu futuro usuário, ou seja, ela possui uma certa particularidade identificatória com a subjetividade da pessoa representada na camiseta.

Contudo, esse não é o único elemento diferenciador e, também, na minha análise, o mais importante, já que esse primeiro aspecto é, inclusive, explorado pelo mercado publicitário ao apresentar produtos²⁰ em que há a possibilidade de que o indivíduo tenha seu nome associado a ele e carregue consigo elementos narcisísticos já abordados em publicações a esse respeito²¹.

²⁰ Exemplo de produtos comercializados que seguiram essa proposta é a campanha “Share a Coke”. Nela, a multinacional Coca-Cola passou a produzir garrafas e latas especiais com algumas centenas de nomes mais utilizados em seus respectivos países. Em países como os Estados Unidos, os consumidores poderiam produzir seus próprios rótulos com seus respectivos nomes, e esses produtos poderiam ser comprados ou disponibilizados nas mídias sociais. Os idealizadores desse projeto viam nele a manifestação típica de um narcisismo adolescente a ser estimulado, e um exemplo emblemático desse procedimento é a explicação da publicitária Jennifer Healan, uma das autoras da proposta publicitária “Para os adolescentes, é tudo sobre eu, eu, eu. Pense em todas as selfies. Agora, você pode tomar um selfie com seu nome em uma garrafa de Coca-Cola” (HEALAN apud USA TODAY, 2015, s/p).

²¹ Dentre as muitas publicações a esse respeito, destaco a produção de Guy Debord (1997) e seu célebre conceito de sociedade do espetáculo.

Saliento, na afirmação da aluna, a necessidade de que a sua identificação pessoal não seja o único elemento a estar presente na camiseta; há a necessidade de que seus amigos/pares estejam presentes também, visto que foram companheiros de caminhada. Além disso, é necessário que a mensagem/desenho não seja um “qualquer” ou “estranho”, é necessário que possua uma relação significativa com o grupo.

Em relação a esse último aspecto, um apontamento semelhante é adotado pelo aluno HVSL, quando questionado se concordaria com a afirmação de sua colega F a respeito da importância de que a construção da camiseta seja um projeto coletivo da sala, e não simplesmente importado de outro contexto/grupo, processo este que havia sido realizado na sala da qual era o representante:

Sim, eu concordo com a F, esse projeto foi para ser sincero, foi uma aluna que trouxe, ela pegou essa foto no computador. Ela mandou o modelo para mim e ela falou ‘olha eu preciso que você refaça com os dizeres de nossa escola’, então trocar a foto antiga para candido portinari, trocar o ano de 2014 que era o original para 2015. Então eu acredito que esse foi um grande fator para a camiseta não ter uma grande simbologia a nossa sala. Foi uma coisa que a gente pegou pronta, de última hora, para falar que fez. (HSVL, informação verbal)

Ao questioná-lo a respeito do que seria essa simbologia e qual seria a importância dela na construção da camiseta, o mesmo aluno posicionou-se deste modo:

Bom, eu acredito que cada sala por si tenha um espírito, ela tenha uma coisa que a defina, uma sala x é de tal maneira e a outra y é de outra maneira. Então eu acho que essa simbologia seria uma representação artística no caso da camiseta pra...mostrar como é que é aquela sala, então se não for uma coisa feita pela própria sala não vai ser uma coisa com impacto tão forte, não vai ser uma coisa assim tão, tão especial assim para a sala. (HSVL, informação verbal)

Desse posicionamento, destaco a importância que o aluno atribui à necessidade de que a camiseta tenha a representatividade da turma e, para que assim seja, é necessário que o grupo de alunos pertencentes a essa sala participe do processo de construção. Dessas considerações, é possível perceber a dimensão coletiva de sua produção e seu afastamento da manifestação individualista desse ou daquele aluno.

Outro aspecto importante a ser destacado é que, para que haja essa identificação do grupo e que se percebam pertencentes a uma coletividade, é necessário o convívio de seus membros ao longo do tempo, de modo que se fortaleça os laços existentes entre os alunos que

compõem a sala. Esse aspecto pode ser percebido na consideração de uma das professoras entrevistadas:

Eu vejo de uma forma assim, os alunos que vêm estudando juntos há muitos anos, eles têm uma identidade entre eles, então isso facilita a produção de uma coisa em comum. Quando eles não estão juntos há muito tempo, então para eles tanto faz, fazer ou não a camiseta, então porque ela só vai representar aquele momento, entendeu? Acredito, então, as turmas que vêm juntas de outras séries, eles têm mais identidade, eles conseguem se juntar mais, formar um coletivo, não serem individualistas. (ETB, informação verbal)

A fala anterior é importante porque aponta a produção da camiseta como sendo o elemento final de um processo identitário e relacional que se forma ao longo do tempo. Se a relação comunal não é fortalecida e construída adequadamente, a possibilidade da criação desse produto final (camiseta) é fragilizada.

Quanto à relação existente entre a camiseta de formatura e o uniforme escolar, um dos alunos entrevistados abordou o orgulho que tinha em expor a identificação da escola em espaços externos por meio da camiseta de formatura. Interpelei-o a respeito de que o uniforme escolar também permitiria isso e, em razão dessa constatação, perguntei se havia uma diferença entre ambas as vestimentas. Vejamos como ele se posiciona a respeito dessa indagação:

Eu acredito que existiria sim pelo motivo que essa... o uniforme convencional representa a escola como um todo, a camiseta da formatura do terceiro colegial representa um número menor de pessoas, provavelmente aquelas pessoas que você tem mais afeto, que você tem convívio maior que porventura você vai continuar com contato depois desse terceiro ano, então é uma coisa assim que um grupo faria, então nesse grupo ali são pessoas que você sabe que você vai poder contar daqui pra frente, é uma simbologia, vai muito além do terceiro ano, vai muito além da escola. É realmente ali, uma coisa entre amigos, então é uma coisa que representaria uma filtragem digamos assim de valores aqui na escola. Então olha eu uso a camiseta na escola porque eu realmente gosto, mas aquela sala ali eu tenho camiseta só pra ela, porque para aquelas pessoas eu tenho um sentimento maior do que pelo todo o resto. (HSV, informação verbal)

Há de se dizer ainda que há uma certa cumplicidade entre professores e alunos nesse processo de diferenciação simbólica, tanto é assim que os professores também adquirem essas camisetas e passam a ostentá-las, de modo a manifestarem também a sua participação ao longo desse processo. Vejamos como a professora se manifesta a esse respeito:

Ahh,o que eu acho é assim: vou sempre apoiar os alunos a fazerem, desde que estejam dentro dos limites educacionais, incentivo e participo porque todos os anos que eles fazem eu compro também a camiseta, faço uso dela como meu uniforme dentro da escola, então eu dou a eles a mesma representatividade, eu sou a professora deles, então eu estou com eles em todos os sentidos. Por isso é importante a gente estar juntos, ouvir o que eles têm a dizer também, não é só deixar solto, ahh... vocês têm que fazer e não dar opinião, por isso que eles sempre me procuram. Então eu acho que é muito interessante e vale a pena a gente incentivar que eles tenham sim esse protagonismo, que eu posso até dizer protagonismo, esse incentivo para fazer para eles né, o melhor e ajudar no crescimento da escola. (ETB, informação verbal)

Fundamentado nesses elementos, considero que o uniforme escolar e a camiseta de formatura adquirem contexto e significados diferentes, seja pelo número de pessoas representado, seja pela relação diferenciada entre essas pessoas. Ambos servem para a identificação do aluno, mas, na camiseta de formatura, a relação afetiva e simbólica existente entre as pessoas que compartilham essa camiseta é acentuada.

6. CONCLUSÕES

Muitos foram os desdobramentos ocorridos a partir do momento em que as primeiras possibilidades a respeito desta tese começaram a surgir. Investigar elementos do cotidiano e atribuir-lhes uma faceta diferente do costumeiro olhar endereçado a eles, necessariamente, apresenta seus riscos e desafios. No entanto, considero que esteja aí o grande valor de uma investigação científica, e este é o de não nos rendermos ao trivial, perfeitamente explicável e compreendido, e apontarmos uma nova possibilidade frente a essa mesma trivialidade.

Especificamente, nesta pesquisa, considero que, ao longo de sua realização, paulatinamente fui modificando a minha interpretação frente ao fenômeno que desejava investigar e isso ocorreu à medida que me aprofundava nos fundamentos que utilizei para a compreensão do ritual de passagem e na análise dos dados coletados.

A princípio, meu olhar investigativo buscava verificar os discursos existentes nas camisetas de formatura e, por meio deles, esperava efetuar uma contribuição histórica e social a respeito dos valores e cultura compartilhados pelos alunos investigados nesse momento histórico.

No entanto, ao constatar que caminho semelhante, ainda que voltado para a análise dos gêneros discursivos, já havia sido trilhado, minha atenção foi toda ela endereçada à camiseta *per si* e nela via um elemento novo, original e que possuía sua característica própria, que a diferenciava radicalmente das demais vestimentas presentes em nosso cotidiano.

Suas cores, cortes, imagens e textos variados cumpriam literalmente o papel de chamar a minha atenção de pesquisador para aquilo que ela buscava manifestar: a singularidade social do grupo de pessoas que era o portador dessas camisetas.

Após essa sedução inicial, naturalmente presente nesse objeto singular, pouco a pouco o meu olhar deixou de estar focado no produto (camiseta de formatura) e passou a dar especial ênfase ao processo, os vários elementos presentes em uma sala de aula que, paulatinamente, vão gerando nos indivíduos o sentimento de participação coletiva em um momento social específico, a delimitação desse momento frente a outros que vieram ou virão e a necessidade de que essa passagem, de uma condição social para outra, seja devidamente marcada em seu momento final.

Ao tomar essa decisão, considere que a camiseta seria a manifestação momentânea de um fenômeno/necessidade que, certamente, com o surgimento de novas possibilidades tecnológicas, poderá se manifestar por meio de objetos diferentes.

É fato que seu processo de produção, em alguns momentos, assume finalidades já explicadas anteriormente e que compõe os elementos explicativos para o uso dessas e outras vestimentas. Contudo, é fato também que, sob certas circunstâncias especiais, esse processo adquire aspectos sociais importantes, visto que apresenta indícios de episódios rituais liminares de antiestrutura.

Ao usar o termo “indício”, aparentemente essa afirmação pode vir a ser interpretada como referindo-se à falta de elementos empíricos suficientes que corroborem a existência do fenômeno investigado.

No entanto, essa interpretação certamente estaria correta se nos pautássemos nessa investigação, por exemplo, pela análise da cultura *Ndembu*, cultura essa que tem, na manifestação pública e explícita do ritual, um de seus elementos máximos de coerção e coesão social. O mesmo não acontece com as camisetas, visto que elas já compõem um elemento de nosso cotidiano e seus usos, aparentemente, não seriam diferentes das demais camisetas existentes.

Contudo, como estamos nos referindo a nossa sociedade e que, ainda que faça uso de rituais, o faça de modo incipiente e com facetas próximas da cerimônia em detrimento de todo o processo ritualístico, ao detectar uma ação voluntária, não organizada, de sujeitos que buscam simbolizar o processo de mudança pelo qual estão passando, como um processo de conquista coletiva, esse vestígio ganha cores e matizes importantes.

É certo que essa experiência ritualística não seja vivenciada por todos os alunos que participam do processo, sendo possível, inclusive, que alguns alunos, de uma mesma turma, possam tê-la como mais um objeto a ser consumido e, por outro lado, termos também aqueles que veem na camiseta e no processo de sua produção a possibilidade, talvez única, de sentimento de pertença a um grupo social em processo de ascensão social.

Vimos que, em nossa cultura, ao invés de seus sujeitos afirmarem a individualidade, nos processos liminares de passagem tal como nas sociedades tradicionais, busca-se favorecer a afirmação da coletividade, o instante em que o indivíduo, por um momento, deixa de ser o sujeito exponencialmente atomizado e torna-se membro de um grupo.

Essa experiência de pertencimento, de anulação momentânea do Eu, que remete à criação de um espaço de *communitas*, no espaço que investiguei, certamente carece de valorização e de uma ação intencional e organizada da sociedade na sua manutenção e aprofundamento.

Valho-me, ao produzir essa consideração, das ponderações emitidas por Kapferer e considero, em conjunto com a autora, que a particularidade de ser uma escola pública,

tradicionalmente envolta em objetivos laicos, que haveria uma preocupação premente dos agentes do estado para com o cumprimento da função social da escola. Todavia, essa mesma função social, encontra-se desprovida dos elementos sociais típicos presentes nos rituais de passagem.

Constatei a presença do estado secular, organizado burocraticamente e controlado, especialmente interessado em obter de modo pragmático e universal o conhecimento e comportamentos universalmente estabelecidos; no entanto, não localizei nenhuma ação sistemática que apontasse outro objetivo, também valoroso.

Falo da institucionalização de ações que visem à criação de processos que favoreçam a socialização, implementem uma coesão social advinda do sentimento de pertença, o comprometimento do indivíduo com um grupo.

É certo que poderia ser obstado que essa dimensão social é valorizada dentro da escola, no entanto, estabeleço, a partir das fontes que fiz uso, que o ritual, em sua função sacralizante, forneceria uma ligadura e solidez ímpar entre seus participantes, para se atingir esse fim.

É fato que professores e gestores, cada um a seu modo, vivenciaram esse processo de produção das camisetas e o valoriza. Entretanto, essa valorização e participação no processo acontecem de modo reativo, visto que sua ação somente ocorre quando instados a agir, a partir da ação dos próprios alunos.

Ocorre como que um processo ritualístico às avessas, em que os sujeitos jovens que, em tese, iriam ser inseridos no processo ritual, por meio da ação concatenada e sistematizada dos adultos e portadores da autoridade institucional, na falta de ação desses atores e acometidos pelo momento/sentimentos que vivem, resolvem por si mesmos e de modo intuitivo concretizar essa necessidade de que suas vidas tenham passado por uma gradação evolutiva, envolta em desafios e concretizada pela conquista de seus símbolos meritórios.

Considero que, se houvesse uma ação sistematizada, bem fundamentada, e que tivesse como meta o estabelecimento de processos ritualísticos, dentro do espaço escolar, voltados para a vivência de episódios de *communitas*, certamente ocorreriam contribuições importantes, no âmbito social, aos alunos participantes desse processo.

Em razão disso, estabeleço como a grande contribuição dessa investigação a constatação de episódios ritualísticos de passagem, em uma dimensão de *communitas*, na escola pública onde realizei minha investigação e como esses episódios se revestem de importância para os seus participantes.

Outra contribuição importante refere-se ao surgimento de dados que podem subsidiar estratégias para elaboração desses rituais e condutas para seu fortalecimento. Refiro-me à constatação da importância do tempo de convívio social mantido pelo aluno, ao longo das séries, com o seu mesmo grupo, como um elemento importante a ser considerado nas decisões administrativas executadas pelos gestores escolares.

Grosso modo e levando-se em consideração as particularidades culturais existentes, considero possível afirmar que a camiseta de formatura possui função semelhante a de outros povos que, ao alcançar uma nova condição social, inscrevem em seu corpo as marcas que os autorizam a pleitear/manifestar essa condição. Na escola que investiguei, as marcas corporais são substituídas por um objeto discursivo que veste o corpo de seus participantes.

Outro dado interessante, adjacente ao meu objeto de investigação e que explicitarei, enquanto possibilidade, em uma produção anterior (NARDI, 2014), refere-se às dimensões políticas que surgiram a partir das relações mantidas entre os vários atores no processo de produção das camisetas. Os atores a que me refiro são os alunos, professores da escola e gestores.

Para se alcançar o produto final desse processo, constatei que se realizam negociações entre esses atores, relações de autoridade são exercitadas na censura ou aprovação das camisetas pelos alunos, assim como ocorrem, vez ou outra, processos de ruptura dessa ordem hierárquica.

Considerarei que esses processos são de ordem eminentemente política e, dentre as muitas abordagens possíveis, saliento a abordagem dada por Michel Foucault e que intitulou como exercício da microfísica do poder (1984).

Dentre os muitos aspectos interessantes a esse respeito e, em especial, na relação mantida entre a gestora da escola e os alunos, saliento alguns aspectos presentes nela e que mereceriam investigação:

- A relação negativa: nele temos a presença do diretor a dizer e impor o “não” para esta ou aquela camiseta.
- A insistência da regra: no momento de seleção da camiseta, ocorre sempre a decisão da autoridade a respeito do que pode e do que não pode.
- O ciclo de proibição: nele temos a chamada “lei de proibição” e, nesse processo, o aluno é obrigado a renunciar a si mesmo e a se submeter a essa lei.

- A lógica da censura: ao lidar com a escolha do aluno, aparece na decisão da autoridade aquilo que não pode ser formulado junto, os tabus (a realização de uma camiseta com apologia ao crime organizado etc.) que não podem ser tratados.
- A uniformidade do aparato de controle: nela temos a dominação social em sua plena forma, isto porque o aceitável e permitido é visto de modo consistente e uniforme, se afirma a esfera do geral e o que é correto, cabendo ao aluno sua total submissão e obediência.

Em razão desses elementos, a título de conclusão, considero que essa pesquisa apresentou contribuições importantes a respeito da manifestação de episódios ritualísticos na escola pesquisada, devido às características próprias existentes nesses episódios.

Considero, ainda, que essas contribuições podem ser utilizadas como uma fonte significativa de dados para a implementação de ações/políticas públicas ou privadas que tenham, na realização dos rituais, uma possibilidade pedagógica pertinente para a criação de espaços onde seja possível vivenciar episódios de pertencimento a um grupo e do respectivo compromisso coletivo para com esse mesmo grupo.

Resgatando a tese inicial que originou toda essa pesquisa, concluo que a produção das camisetas de formatura, no contexto em que foram investigadas, constituem verdadeiro ato de resistência dos alunos frente a uma sociedade desencantada e que, subjacente a esse ato, existe a tentativa de marcar e, efetivamente, estabelecer a presença de fases ao longo da vida, promovendo etapas a serem alcançadas e, logo depois, ultrapassadas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/umarama/arquivos/File/educ_esp/fil_dialetica_esclarec.pdf> Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. Culture industry reconsidered. In: ADORNO, T. **The culture industry: selected essays on mass culture**. Londres: Routledge, 1991. Disponível em: <http://www.sociosite.net/topics/texts/adorno_culture_reconsidered.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

ALMEIDA, A. M. **Ritos e rituais na escolarização da infância em São Paulo (1896-1912)**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2013. (Dissertação de Mestrado).

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Rio de Janeiro: Artmed, 2009.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches**. Nova Iorque: Altamira Press, 2006.

BLUMENKRANTZ, D. G.; GAVAZZI, M. Guiding transitional events for children and adolescents through a modern day rite of passage. **The Journal of Primary Prevention**. v. 13, n. 3, 1993.

BREEZE, R. Critical discourse analysis and its critics. **Pragmatics**, v. 21, n. 4, p. 493-525, 2011.

BROOKS, M. Use of rites of passage programs to foster resilience in African American students. **MSCA's The Counseling Interviewer**. v. 37, n. 9, 2005.

COLLINSON, V.; HOFFMAN, L. M. High School as a rite of passage for social and intellectual development. In: Annual Meeting of the American Educational Research Association, 1998, San Diego. **Diversity and citizenship in multicultural societies**. Maryland: ERIC Acquisitions, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BELL, E. Social dramas and cultural performances: all the president's women. **Liminalities: a Journal of Performance Studies**. v. 2, n. 1, 2006.

BERGAMASCO, C. M. S. Festas comemorativas: a religiosidade no calendário escolar. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**, Maringá, v. 1, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/festas_comemorativas.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2014.

BIETTI, F. La industria cultural del vestir, hacia una fenomenología de la moda. In: VII JORNADAS DE SOCIOLOGÍA DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL DE LA PLATA, 2012, La Plata. Disponível em: <<http://jornadassociologia.fahce.unlp.edu.ar>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

BORGES, P. R. **O declínio dos ritos de passagem e suas conseqüências para os jovens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. (Dissertação de Mestrado).

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BURNETT, J. H. Ceremony, rites, and economy in the student system of an American High School. **Society for Applied Anthropology**, v. 8, n. 1, 1969.

CAMPOS, R. B. C.; SILVA, M. E. Ciclos festivos na escola pública e pluralismo religioso: conflitos e interações – um ensaio por uma abordagem teórico-metodológica do estudo da festa no espaço escolar. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 20, n. 35, p. 31-40, jan./jun., 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/420/363>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

COX, J.; DITTMAR, H. The functions of clothes and clothing (dis)satisfaction: a gender analysis among British students. **Journal of Consumer Policy**, s.l., n. 18, 1995.

CULLUM-SWAN, B.; MANNING, P. K. What is a t-shirt? Codes, chronotypes and everyday objects. In: RIGGINS, S. H. T. (Ed.). **The socialness of things: essays on the socio-semiotics of objects**. Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1994.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. Os ritos de passagem. In: GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. São Paulo: Vozes, 2011.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOOLEY, W. H. **Clothing and style: for dressmakers, milliners, buyers, designers, students of clothing and styleres**. Nova Iorque: D. C. Heath and Company, 1930.

DURKEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, 1977.

FARIA FILHO, L. M. de et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr., 2004.

FARIAS, R. C. P. **Entre a igualdade e a distinção: a trama social de uma grande empresa corporificada no uniforme de trabalho**. Campinas: Universidade de Campinas, 2010. (Tese de Doutorado).

FARREL, T. B. Media rhetoric as social drama: the Winter Olympics of 1984. **Critical Studies in Mass Communication**, v. 6, n. 2, p. 158-182, 1989.

GARWOOD, P. The rites of passage. In: INSOLL, T. (Ed.). **The Oxford handbook of the archaeology of ritual and religion**. Londres: Oxford University Press, 2011.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. São Paulo: Vozes, 2011.

GRIMES, R. L. **Deeply into the bone: re-inventing rites of passage**. Los Angeles: University of California Press, 2000.

GUTTING, G. **Michel Foucault**. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2014/entries/foucault/>>. Acesso em: 17 maio 2015.

HANDFAS, A.; TEIXEIRA, R. C. A prática de ensino como rito de passagem e o ensino de sociologia nas escolas de nível médio. **Mediações**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 131-142, jan./jun., 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3392/2762>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

HILLMANN, A. G. **A moda no século XXI: para além da distinção social?**. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. (Dissertação de Mestrado).

HORKHEIMER, M. Filosofia e teoria crítica. In: BENJAMIN, Walter et al. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1968. (Coleção Os Pensadores).

HOROVITZ, B. Coke bottles with first names return. **USA TODAY**. Mc Lean, apr. 2015. Disponível em: <<http://www.usatoday.com/story/money/2015/04/13/coca-cola-coke-soft-drinks-beverages-marketing-promotion/25732157/>> Acesso em: 05 jul. 2015.

IWAYA, M. Os rituais e o cotidiano escolar. In:_____. **Palácio da instrução: representações sobre o Instituto de Educação do Paraná – Professor Erasmo Pilotto (1940 – 1960)**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2000. (Dissertação de Mestrado).

KAPFERER, J. L. Socialization and the symbolic order of the school. **Anthropology & Education Quarterly**, v. 12, n. 4, p. 258-274, 1981. Disponível em: <<http://people.wku.edu/steve.groce/Rituals%20in%20Educational%20Socialization.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2015.

KAWAMURA, Y. **Fashion-ology, an introduction to fashion studies**. Nova Iorque: Berg Publishers, 2005.

KESSLER, R. Initiation: saying good-bye to childhood. **Educational Leadership**, v. 57, n. 4, 2000. Disponível em: <http://passageworks.org/wp-content/uploads/2013/12/Initiation-Saying-Goodbye-to-Childhood_EducationalLeadership_Jan2000.pdf?d1d008>. Acesso em: 2 jan. 2015.

KOCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KRIPPENDORFF, K.; BOCK, M. A. **The content analysis reader**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2009.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013.

MAIA, D. G. **A constituição das representações sobre o último ano do ensino médio no texto multimodal de camisas de formatura**. São João Del-Rei: Universidade Federal de São João Del-Rei, 2012. (Dissertação de Mestrado).

MAIA, D. G.; GOMES, M. C. A. De peça de roupa para gênero discursivo: uma descrição do gênero camisa de formatura do ensino médio. **Revista de Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo6vol7-1.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MAIA, H. T. C. Acorda Alice, aluga um filme pornô: uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA. **Revista Litteris – Antropologia**, v. 1, n. 6, 2010. Disponível em: <www.revistalitteris.com.br>. Acesso em: 08 jul. 2015.

MEDEIROS, A. G. A. et al. Rituais escolares: notas sobre jogos e olimpíadas escolares como rituais. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 23, n. 2, p. 217-227, 2. trim. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/refuem/v23n2/06.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**. Campinas: Pontes, 2012.

PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIOS, R. L. F. **Quando a universidade é uma festa: trote e formatura**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010. (Dissertação de Mestrado).

ROCHA, R. **Minidicionário Ruth Rocha**. São Paulo: Scipione, 1996.

RODOLPHO, A. L. Rituais de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

RUFUS, R. **After the revolution**. Hong Kong: New Nature Publications, 2013.

SCHULTZ, E. A.; LAVENDA, R. H. **Cultural anthropology: a perspective on the humancondition**. St. Paul: West Publishing Company, 1990.

SILVA, J. da; GOMES, E. S. L. O rito no contexto escolar. **Tear Online**, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 88-98, jan./jun., 2013.

SKOG, J. **The civil rights act of 1964**. Minneapolis: Compass Point Books, 2008.

TURNER, V. Social drama and ritual metaphors. In: TURNER, V. **Drama, field and metaphors: symbolic action in the society**. Ithaca: Cornell University Press, 1975.

_____. Liminal ao liminoide: em brincadeira, fluxo e ritual – um ensaio de simbologia comparativa. **Mediações**, Londrina, v. 17, n. 2, p. 214-257, jul./dez., 2012.

_____. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. São Paulo: Vozes, 1974.

_____. **The anthropology of performance**. Nova Iorque: PAJ Publications, 1988.

_____. **The forest of symbols**. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

VEBLEN, T. **A Alemanha imperial e a Revolução Industrial**: a teoria da classe ociosa. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

VIÑAO, A. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**. Madrid: Ediciones Morata, 2006. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=64dfkXHPWbIC&oi=fnd&pg=PA8&dq=antonio+vi%C3%B1ao&ots=8TatP-inAi&sig=t8y1xsacrb5nxXcEYujm8hqxvas#v=onepage&q=antonio%20vi%C3%B1ao&f=false>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

WEBER, M. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: Weber, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

WENGRAF, T. **Qualitative research interviewing**. Londres: Sage Publications, 2006.

WHITE, M. D.; MARSH, E. E. Content analysis: a flexible methodology. **Library Trends**, v. 55, n. 1, p. 22-45, 2006. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/library_trends/v055/55.1white.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.

FIGURAS E TABELAS

Figura 1: **Marinheiros do USS Adler usando camisetas na Primeira Guerra Mundial**. Disponível em: <<http://www.history.navy.mil/photos/images/h84000/h84663.jpg>>. Acesso em: 8 dez. 2014.

Figura 2: NBC. **James Dean em cena do filme Juventude Transviada**. Disponível em: <<http://www.mnn.com/lifestyle/natural-beauty-fashion/stories/13-iconic-moments-in-the-history-of-the-t-shirt>>. Acesso em: 8 dez. 2014.

Figura 3: SHLABOTNIK, J. **Classic Mickey**. Acesso em: 8 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/joeshlabotnik/4196449758/in/photostream>>.

Figura 4: NBC. **Os atores principais da série Miami Vice e o personagem Sonny Crockett**. Disponível em: <<http://www.mnn.com/lifestyle/natural-beauty-fashion/stories/13-iconic-moments-in-the-history-of-the-t-shirt>>. Acesso em: 8 dez. 2014.

Figura 5: BALLANTINES. **Camiseta TShirtOS2.0**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_Y1YEwJjxVI>. Acesso em: 10 dez. 2014.

Figura 6: GENNEP, A. V. **Ritos de passagem**. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

Figura 7: LEEUWEN, B. R. V. **A separete reality-anthropology, ritual and today's mason**. Disponível em: <<http://www.freemasons-freemasonry.com/ritual-masons.html>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

Figura 8: GARWOOD, P. The rites of passage. In: INSOLL, T. (Ed.). **The Oxford handbook of the archaeology of ritual and religion**. London: OxfordUniversity Press, 2011, p. 263.

Figura 9: KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an introduction to its methodology**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013.

Tabela 1: TURNER, V. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. São Paulo: Vozes, 1974, p. 130.